Tipos, Categorias e Lógicas

Notas em Teoria dos Tipos, Teoria das Categorias e Lógica.

edição 0.0

Autores: Mateus Galdino

2024-06-07

Contents

1 Prefácio

A Teoria dos Tipos é uma área nova crescente de ampla interseção com outras áreas também novas ou áreas já consolidadas. Essa interseção dá frutos práticos interessantes para as áreas envolvidas. Por exemplo: no campo da computação, a maioria das linguagens de programação possui tipagem e, sem entrar no mérito das diferentes abordagens de tipagem para cada linguagem, é possível descrever a tipagem delas utilizando uma teoria dos tipos adequada. Já no campo da matemática, é possível perceber que as teorias dos tipos descritas aqui possuem modelos conhecidos na teoria das categorias que permitem formulações de objetos matemáticos já conhecidos (como Grupos, Espaços Topológicos, etc). No meio desses dois exemplos, existe a tentativa de aproximar a computação dos fundamentos da matemática a partir de assistentes de prova.

Essas notas foram escritas por dois fins. O primeiro é expor em lingua portuguesa a vasta gama de conceitos explorados na teoria dos tipos, deixando essa área da matemática e da computação o mais acessível possível para iniciantes vindos de diversos ambientes. Em lingua inglesa, já existem várias fontes possíveis para adentrar essa teoria, que serão referenciadas a partir dessas notas, mas em português as poucas fontes que existem estão em dissertações acadêmicas pouco preocupadas com a difusão das ideias para fora de seus nichos. O segundo fim é, em certa medida, conseguir, através dessa exposição, que mais e mais pessoas tenham interesse pelo assunto e começem a pesquisar, visto que nos centros e depertamentos brasileiros, sejan de matemática ou de computação, essa área recebe pouca a nenhuma atenção, já que os professores especializados nesses assuntos já não estão comprometidos a ensinar os alunos de graduação essa área. Dessa forma, essas notas também se colocam como um desafio: ensinar o máximo de teoria dos tipos possível para alunos de graduação, supondo o mínimo matematicamente.

Essas notas então podem ser utilizadas sem dúvida por professores que queiram se aventurar no ensino da teoria dos tipos.

A primeira parte tenta desenvolver as diversas teorias de tipos denominadas de λ-cubo. Essa primeira parte usa como base (o primeiro subcapítulo de cada capítulo) o livro *Type Theory and Formal Proof* de Nederpelt e Geuvers, mas adentra tópicos mais profundos em cada teoria a partir dos outros subcapítulos.

Já a segunda parte desenvolve outras construções paralelas ao λ-cubo, derivadas do λ-calculo não-tipado, como o $\lambda\mu$-cálculo e o κ-cálculo. Cada cálculo é retirado de artigos diferentes e compilados no mesmo lugar.

A parte três desenvolve a teoria das categorias necessária para a semântica de cada uma das teorias dos tipos desenvolvidas nas partes I e II, desenvolvendo o conceito de categorias até a teoria dos Topos e construções paralelas. Essa parte é bastante influenciada pelo livro *Introduction to Higher Order Categorical Logic* de Lambek e Scott e pelo livro *Sheaf Theory Through Examples* de Daniel Rosiak.

A parte IV entra nas diversas teorias homotópicas de tipos, desde sua precursora, a *Teoria dos Tipos de Martin-Löf*, e a original do livro *Homotopy Type Theory* até construções mais recentes. A maioria dessas teorias está espalhada em diversos artigos, então o trabalho aqui se torna compilá-las em um único lugar de forma a criar um fio condutor entre elas.

A parte V dessenvolve a semântica categorial das HoTT utilizando conceitos da teoria das ∞-categorias, teoria das homotopias (em suas versões simpliciais e cúbicas) e conceitos já trabalhados na parte III.

A parte VI é a parte final e serve como exposição de definições voltadas para a lógica e a teoria da prova, com a exposição do cálculo de sequêntes, da dedução natural e de outras áreas correlatas. Essa parte trás inspiração no livro *Logic and Structure* do Dirk van Dalen e *An Introduction to Proof Theory* de Galvan et al.

Links importantes:

- Caso o leitor encontre algum erro ou problema nas notas, por favor avisar em ⟨https://github.com/MateusGaldinoLG/notasTT/issues⟩.
- Caso o leitor queira contribuir no geral com adição ou escrita de temas: ⟨https://github.com/MateusGaldinoLG/notasTT⟩
- Para verificar o progresso da escrita do livro: ⟨https://github.com/MateusGaldinoLG/notasTT/blob/main/passos.md⟩

Part I
O Cubo Lambda

1 Cálculo Lambda não-tipado ($\lambda_{\beta\eta}$)

A teoria dos tipos possui como história de origem algumas tentativas falhas. O conceito de tipos pode ser mapeado para dois matemáticos importantes que fizeram usos bem diferentes dele: Bertrand Russel (e Walfred North Whitehead) na Principia Mathematica e Alonzo Church no seu Cálculo λ simplesmente tipado (STλC).

A teoria dos tipos que é usada hoje, provém do segundo autor e de outros autores que vêm dessa tradição. Por isso, o início dessas notas se propõe a começar do básico, definindo o que é o Cálculo λ não tipado e quais questões levaram Church a desenvolver a teoria dos tipos em cima dele.

Aqui, será traduzido "λ-calculus" como "Cálculo λ", decisão que perde a estética do hífen, mas que mantém a unidade com outras traduções de "X calculus" no corpo matemático brasileiro, como o "Cálculo Diferencial e Integral", o "Cálculo de sequentes", o "Cálculo de variações", etc.

1.1 O Cálculo

1.1.1 Definições

O cálculo lambda serve como uma abstração em cima do conceito de função. Uma função é uma estrutura que pega um *input* e retorna um *output*, por exemplo a função $f(x) = x^2$ pega um input x e retorna seu valor ao quadrado x^2. No cálculo lambda, essa função pode ser denotada por $\lambda x.x^2$, onde $\lambda x.$ simboliza que essa função espera receber como entrada x. Quando se quer saber qual valor a função retorna para uma entrada específica, são usados números no lugar das variáveis, como por exemplo $f(3) = 3^2 = 9$. No cálculo lambda, isso é feito na forma de $(\lambda x.x^2)(3)$.

Esses dois principrios de construção são definidos como:

- **Abstração**: Seja M uma expressão e x uma variável, podemos construir uma nova expressão $\lambda x.M$. Essa expressão é chamada de Abstração de x sobre M

- **Aplicação**: Sejam M e N duas es expressões, podemos construir uma expressão MN. Essa expressão é chamada de Aplicação de M em N.

Dadas essas operações, é preciso também de uma definição que dê conta do processo de encontrar o resultado após a aplicação em uma função. Esse processo é chamado de β-redução. Ela faz uso da substituição e usa como notação os colchetes.

Definição 1.1 (β-redução)**.** A β-redução é o processo de resscrita de uma expressão da forma $(\lambda x.M)N$ em outra expressão $M[x := N]$, ou seja, a expressão M na qual todo x foi substituido por N.

1.1.2 Sintáxe do Cálculo Lambda

É interessante definir a sintaxe do cálculo lambda de forma mais formal. Para isso, são utilizados métodos que podem ser familiares para aqueles que já trabalharam com lógica proposicional, lógica de primeira ordem ou teoria de modelos.

Primeiro, precisamos definir a linguagem do Cálculo λ.

Definição 1.2. (i) Os *termos lambda* são palavras em cima do seguinte alfabeto:

- variáveis: $v_0, v_1, \ldots$
- abstrator: λ
- parentesis: (,)

(ii) O conjunto de λ-termos Λ é definido de forma indutiva da seguinte forma:

- Se x é uma variável, então $x \in \Lambda$
- $M \in \Lambda \rightarrow (\lambda x.M) \in \Lambda$
- $M, N \in \Lambda \rightarrow MN \in \Lambda$

Na teoria dos tipos e no cálculo lambda, é utilizada uma forma concisa de definir esses termos chamada de Formalismo de Backus-Naur ou Forma Normal de Backus (BNF, em inglês). Nessa forma, a definição anterior é reduzida à:

$$\Lambda = V|(\Lambda\Lambda)|(\lambda V \Lambda)$$

Onde V é o conjunto de variáveis $V = \{x, y, z, \ldots\}$

Para expressar igualdade entre dois termos de Λ utilizamos o simbolo $\equiv$.

Algumas definições indutivas podem ser formadas a partir da definição dos λ-termos.

Definição 1.3 (Multiconjunto de subtermos)**.**

1. (Base) $Sub(x) = \{x\}$, para todo $x \in V$
2. (Aplicação) $Sub((MN)) = Sub(M) \cup Sub(N) \cup \{(MN)\}$
3. (Abstração) $Sub((\lambda x.M)) = Sub(M) \cup \{(\lambda x.M)\}$

Observações:
(i) Um subtermo pode ocorrer múltiplas vezes, por isso é escolhido chamar de multiconjunto (ii) A abstração de vários termos ao mesmo tempo pode ser escrita como $\lambda x.(\lambda y.x)$ ou como $\lambda xy.x$.

Lema 1.1 (Propriedades de Sub)**.**

- (Reflexividade) Para todo λ-termo M, temos que $M \in Sub(M)$
- (Transitividade)Se $L \in Sub(M)$ e $M \in Sub(N)$, então $L \in Sub(N)$.

Definição 1.4 (Subtermo próprio)**.** L é um subtermo próprio de M se L é subtermo de M e $L \not\equiv M$

Exemplos:

1. Seja o termo $\lambda x.\lambda y.xy$, vamos calcular seus subtermos:

$$\begin{aligned} Sub(\lambda x.\lambda y.xy) &= \{\lambda x.\lambda y.xy\} \cup Sub(\lambda y.xy) \\ &= \{\lambda x.\lambda y.xy\} \cup \{\lambda y.xy\} \cup Sub(xy) \\ &= \{\lambda x.\lambda y.xy\} \cup \{\lambda y.xy\} \cup Sub(x) \cup Sub(y) \\ &= \{\lambda x.\lambda y.xy, \lambda y.xy, x, y\} \end{aligned}$$

2. Seja o termo $(y(\lambda x.(xyz)))$, vamos calcular os seus subtermos:

$$\begin{aligned} Sub(y(\lambda x.(xyz))) &= Sub(y) \cup Sub((\lambda x.(xyz))) \\ &= \{y\} \cup \{(\lambda x.(xyz))\} \cup Sub((xyz)) \\ &= \{y\} \cup \{(\lambda x.(xyz))\} \cup Sub(x) \cup Sub(y) \cup Sub(z) \\ &= \{y\} \cup \{(\lambda x.(xyz))\} \cup \{x\} \cup \{y\} \cup \{z\} = \{y, (\lambda x.(xyz)), x, y, z\} \end{aligned}$$

Outro conjunto importante para a sintaxe do cálculo lambda é o de variáveis livres. Uma variável é dita *ligante* se está do lado do λ. Em um termo $\lambda x.M$, x é uma variável ligante e toda aparição de x em M é chamada de *ligada*. Se existir uma variável em M que não é ligante, então dizemos que ela é *livre*. Por exemplo, em $\lambda x.xy$, o primeiro x é ligante, o segundo x é ligado e y é livre.

O conjunto de todas as variáveis livres em um termo é denotado por FV e definido da seguinte forma:

Definição 1.5 (Multiconjunto de variáveis livres)**.**

1. (Base) $FV(x) = \{x\}$, para todo $x \in V$
2. (Aplicação) $FV((MN)) = FV(M) \cup FV(N) \cup \{(MN)\}$
3. (Abstração) $FV((\lambda x.M)) = FV(M) \setminus \{x\}$

Exemplos:

1. Seja o termo $\lambda x.\lambda y.xyz$, vamos calcular seus subtermos:

$$\begin{aligned} FV(\lambda x.\lambda y.xyz) &= FV(\lambda y.xyz) \setminus \{x\} \\ &= FV(xyz) \setminus \{y\} \setminus \{x\} \\ &= FV(x) \cup FV(y) \cup FV(z) \setminus \{y\} \setminus \{x\} \\ &= \{x, y, z\} \setminus \{y\} \setminus \{x\} \\ &= \{z\} \end{aligned}$$

Vamos definir os termos fechados da seguinte forma:

Definição 1.6. O λ-termo M é dito *fechado* se $FV(M) = \emptyset$. Um λ-termo fechado também é chamado de *combinador*. O conjunto de todos os λ-termos fechados é chamado de Λ^0.

Os combinadores são muito utilizados na *Lógica Combinatória*, mas vamos explorá-los mais a frente.

1.1.3 Conversão

No cálculo Lambda, é possível renomear variáveis ligantes/ligadas, pois a mudança dos nomes dessas variáveis não muda a sua interpretação. Por exemplo, $\lambda x.x^2$ e $\lambda u.u^2$ podem ser utilizadas de forma igual, mesmo que com nomes diferentes. A Renomeação será definida da seguinte forma:

Definição 1.7. Seja $M^{x \to y}$ o resultado da troca de todas as livre-ocorrencias de x em M por y. A relação de renomeação é expressa pelo símbolo $=_\alpha$ e é definida como: $\lambda x.M =_\alpha \lambda y.M^{x \to y}$, dado que $y \notin FV(M)$ e y não seja ligante em M.

Podemos extender essa definição para a definição do renomeamento, chamado de α-conversão.

Definição 1.8 (α-conversão)**.**

1. (Renomeamento) $\lambda x.M =_\alpha \lambda y.M^{x \to y}$
2. (Compatibilidade) Sejam M, N, L termos. Se $M =_\alpha N$, então $ML =_\alpha NL$, $LM =_\alpha LN$
3. (Regra ξ) Para um z qualquer, se $M =_\alpha N$, então $\lambda z.M =_\alpha \lambda z.N$
4. (Reflexividade) $M =_\alpha M$
5. (Simetria) Se $M =_\alpha N$, então $N =_\alpha M$
6. (Transitividade) Se $L =_\alpha M$ e $M =_\alpha N$, então $L =_\alpha N$

A partir dos pontos (4), (5) e (6) dessa definição, é possível dizer que a α-conversão é uma relação de equivalência, chamada de α-equivalência.

Exemplos:

1. $(\lambda x.x(\lambda z.xy)) =_\alpha (\lambda u.u(\lambda z.uy))$
2. $(\lambda x.xy) \neq_\alpha (\lambda y.yy)$

1.1.4 Substituição

Podemos definir agora a substituição de um termo por outro da seguinte forma:

Definição 1.9 (Substituição)**.**

1. $x[x := N] \equiv N$
2. $y[y := x] \equiv y$, se $x \not\equiv y$
3. $(PQ)[x := N] \equiv (P[x := N])(Q[x := N])$
4. $(\lambda y.P)[x := N] \equiv (\lambda z.P^{y \to z})[x := N]$ se $(\lambda z.P^{y \to z})$ é α-equivalente a $(\lambda y.P)$ e $z \notin FV(N)$

A notação $[x := N]$ é uma meta-notação, pois não está definida na sintaxe do cálculo lambda. Na literatura também é possível ver a notação $[N/x]$ para definir a substituição.

1.1.5 Beta redução

Voltando à aplicação, agora com a substituição em mente, podemos dizer que a aplicação de um termo N em $\lambda x.M$, na forma de $(\lambda x.M)N$ é a mesma coisa que $M[x := N]$. Nesse caso, essa única substituição entre termos pode ser descrita na seguinte definição:

Definição 1.10 (β-redução para único passo)**.**

1. (Base) $(\lambda x.M)N \to_\beta M[x := N]$
2. (Compatibilidade) Se $M \to_\beta N$, então $ML \to_\beta NL$, $LM \to_\beta LN$ e $\lambda x.M \to_\beta \lambda x.N$

O termo $(\lambda x.M)N$ é chamado de *redex*, vindo do ingles "reducible expression" (expressão reduzível), e o subtermo $M[x := N]$ é chamado de *contractum* do redex.

Exemplos:

1. $(\lambda x.x(xy))N \to_\beta N(Ny)$
2. $(\lambda x.xx)(\lambda x.xx) \to_\beta (\lambda x.xx)(\lambda x.xx)$
3. $(\lambda x.(\lambda y.yx)z)v \to_\beta (\lambda y.yv)z \to_\beta zv$

Os exemplos 2 e 3 são importantes por duas razões:

- Com o exemplo 3 é possível ver que é possível concatenar várias reduções seguindas, vamos colocar uma definição mais geral a diante que lide com isso.
- Com o exemplo 2 é possível ver que existem termos que, quando beta-reduzidos, retornam eles mesmos. Isso faz com que cálculo lámbda não tipado tenha propriedades interessantes, pois muitas vezes a simplificação não termina. Ou seja, é possível haver cadeias de beta redução que não possuem termo mais simples.

Definição 1.11 (β-redução para zero ou mais passos)**.** $M \twoheadrightarrow_\beta N$ (lê-se: M beta reduz para N em vários passos) se existe um $n \geq 0$ e existem termos M_0 até M_n tais que $M_0 \equiv M$, $M_n \equiv N$ e para todo i tal que $0 \leq i < n$:

$$M_i \to_\beta M_{i+1}$$

Ou Seja:

$$M \equiv M_0 \to_\beta M_1 \to_\beta \cdots \to_\beta M_{n-1} \to_\beta M_n \equiv N$$

Lema 1.2.

1. $\twoheadrightarrow_\beta$ é uma extensão de $\to_\beta$, ou seja: se $M \to_\beta N$, então $M \twoheadrightarrow_\beta N$
2. $\twoheadrightarrow_\beta$ é reflexivo e transitivo, ou seja:
   - (reflexividade) Para todo M, $M \twoheadrightarrow_\beta M$
   - (transitividade) Para todo L, M, e N. Se $L \twoheadrightarrow_\beta M$ e $M \twoheadrightarrow_\beta N$, então $L \twoheadrightarrow_\beta N$

Prova

1. Na definição 1.11, seja $n = 1$, então $M \equiv M_0 \to_\beta M_1 \equiv N$, que é a mesma coisa que $M \to_\beta N$
2. Se $n = 0$, $M \equiv M_0 \equiv N$
3. A transitividade também segue da definição

Uma extensão dessa β-redução geral é a β- conversão, definida como:

Definição 1.12 (β-conversão)**.** $M =_\beta N$ (lê-se: M e N são β-convertíveis) se existe um $n \geq 0$ e existem termos M_0 até M_n tais que $M_0 \equiv M$, $M_n \equiv N$ e para todo i tal que $0 \leq i < n$: Ou $M_i \to_\beta M_{i+1}$ ou $M_{i+1} \to_\beta M_i$

Lema 1.3.

1. $=_\beta$ é uma extensão de $\twoheadrightarrow_\beta$ em ambas as direções, ou seja: se $M \twoheadrightarrow_\beta N$ ou $N \twoheadrightarrow_\beta M$, então $M =_\beta N$
2. $=_\beta$ é uma relação de equivalência, ou seja, possui reflexividade, simetria e transitividade
   - (reflexividade) Para todo M, $M =_\beta M$
   - (Simetria) Para todo M e N, se $M =_\beta N$, então $N =_\beta M$
   - (transitividade) Para todo L, M, e N. Se $L =_\beta M$ e $M =_\beta N$, então $L =_\beta N$

1.1.6 Forma Normal

Podemos definir a hora de parar de reduzir, para isso vamos introduzir o conceito de forma Normal

Definição 1.13 (Forma normal β ou β-normalização)**.**

1. M está na forma normal β se M não possui nenhum redex
2. M possui uma formal normal β, ou é β-normalizável, se existe um N na forma normal β tal que $M =_\beta N$. N é chamado de a *forma normal* β de M.

Lema 1.4. Se M está em sua forma normal β, então $M \twoheadrightarrow_\beta N$ implica em $M \equiv N$

Exemplos:

1. $(\lambda x.(\lambda y.yx)z)v$ tem como formal normal β zv, pois $(\lambda x.(\lambda y.yx)z)v \to_\beta zv$ (como visto nos exemplos anteriores) e zv está na forma normal β
2. Vamos definir um termo $\Omega := (\lambda x.xx)(\lambda x.xx)$, Ω não está na forma normal β, pois pode ser β-reduzido, mas não possui também forma normal β, pois ele sempre é β-reduzido para ele mesmo.
3. Seja $\Delta := (\lambda x.xxx)$, então $\Delta\Delta \to_\beta \Delta\Delta\Delta \to_\beta \Delta\Delta\Delta\Delta \to_\beta \ldots$. Logo $\Delta\Delta$ não possui forma normal.

Definição 1.14 (Caminho de Redução).
Um caminho de redução finito de M é uma sequência finita de termos $N_0, N_1, \ldots, N_n$ tais que $N_0 \equiv M$ e $N_i \rightarrow_\beta N_{i+1}$, para todo $0 \leq i < n$.
Um caminho de redução infinito de M é uma sequência infinita de termos $N_0, N_1, \ldots$ tais que $N_0 \equiv M$ e $N_i \rightarrow_\beta N_{i+1}$, para todo $i \in \mathbb{N}$

Considerando esses dois tipos de caminhos de redução, vamos definir dois tipos de normalização

Definição 1.15 (Normalização Fraca e Forte).

1. M é *fracamente normalizável* se existe um N na forma normal β tal que $M \twoheadrightarrow_\beta N$

2. M é *fortemente normalizável* se não existem caminhos de requção infinitos começando de M.

Todo termo M que é fortemente normalizável é fracamente normalizável.

Os termos Ω e Δ não são nem fortemente normalizáveis, nem fracamente normalizáveis.

É possível relacionar a normalização fraca com a forma normal β usando a intuição que, se M reduz para ambos N_1 e N_2, então existe um termo N_3 que exista no caminho de redução de ambos N_1 e N_2.

Teorema 1.1 (Teorema de Church-Rosser ou Teorema da Confluência).
Suponha que para um λ-termo M, tanto $M \twoheadrightarrow_\beta N_1$ e $M \twoheadrightarrow_\beta N_2$. Então existe um λ-termo N_3 tal que $N_1 \twoheadrightarrow_\beta N_3$ e $N_2 \twoheadrightarrow_\beta N_3$

A prova desse teorema pode ser encontrada no Livro de Barendregt.

Uma consequência importante desse teorema é que o resultado do calculo feito em cima do termo não depende da ordem que esses cálculos são feitos. A escolha dos redexes não interfere no resultado final.

Corolário 1.1.
Suponha que $M =_\beta N$. Então existe um termo L tal que $M \twoheadrightarrow_\beta L$ e $N \twoheadrightarrow_\beta L$.

prova. Como $M =_\beta N$, então, pela definição, existe um $n \in \mathbb{N}$ tal que:

$$M \equiv M_0 \rightleftarrows_\beta M_1 \ldots M_{n-1} \rightleftarrows_\beta M_n \equiv N$$

. Onde $M_i \rightleftarrows_\beta M_{i+1}$ significa que ou $M_i \rightarrow_\beta M_{i+1}$ ou $M_{i+1} \rightarrow_\beta M_i$. Vamos provar por indução em n:

1. Quando $n = 0$: $M \equiv N$. Então sendo $L \equiv M$, $M \twoheadrightarrow_\beta L$ e $N \twoheadrightarrow_\beta L$ (por zero passsos)

2. Quando $n = k > 0$, entao existe M_{k-1}. Logo temos que $M \equiv M_0 \rightleftarrows_\beta M_1 \ldots M_{k-1} \rightleftarrows_\beta M_k \equiv N$. Por indução, existe um L' tal que $M_0 \twoheadrightarrow_\beta L'$ e $M_{k-1} \twoheadrightarrow_\beta L'$. Vamos dividir $M_{k-1} \rightleftarrows_\beta M_k$ em dois casos

   (a) Se $M_{k-1} \rightarrow_\beta M_k$, então como $M_{k-1} \rightarrow_\beta M_k$ e $M_{k-1} \twoheadrightarrow_\beta L'$, então, pelo Teorema de Church-Rosser, existe um L tal que $L' \twoheadrightarrow_\beta L$ e $M_k \twoheadrightarrow_\beta L$. Logo encontramos L.

   (b) Se $M_k \rightarrow_\beta M_{k-1}$, então como $M_0 \twoheadrightarrow_\beta L'$ e $M_k \twoheadrightarrow_\beta L'$, L' é o próprio L.

$\square$.

Lema 1.5.

1. Se M possui forma normal β N, então $M \twoheadrightarrow_\beta N$.

2. Um λ-termo tem no máximo uma forma normal β

Prova

1. Seja $M =_\beta N$, com N como formal normal β. Então, pelo corolário anterior, existe um L tal que $M \twoheadrightarrow_\beta L$ e $N \twoheadrightarrow_\beta L$. Como N é a forma normal, N não é mais redutível e $N \equiv L$. Então $M \twoheadrightarrow_\beta L \equiv N$, logo $M \twoheadrightarrow_\beta N$.

2. Suponha que M possui duas formas normais β N_1 e N_2. Então por (1), $M \twoheadrightarrow_\beta N_1$ e $M \twoheadrightarrow_\beta N_2$. Pelo teorema de Church-Rosser, existe um L tal que $N_1 \twoheadrightarrow_\beta L$ e $N_2 \twoheadrightarrow_\beta L$. Mas como N_1 e N_2 estão na forma normal, $L \equiv N_1$ e $L \equiv N_2$. Então pela transitividade da equivalência, $N_1 \equiv N_2$.

   $\square$.

1.1.7 Teorema do ponto fixo

No Cálculo λ, todo λ-termo L possui um *ponto fixo*, ou seja, existe um λ-termo M tal que $LM =_\beta M$. O termo Ponto Fixo vêm da análise funcional: seja f uma função, então f possui um ponto fixo a se $f(a) = a$.

Teorema 1.2. Para todo $L \in \Lambda$, existe um $M \in \Lambda$ tal que $LM =_\beta M$.

prova: Seja L um λ-termo e defina $M := (\lambda x.L(xx))(\lambda x.L(xx))$. M é um redex, logo:

$$\begin{aligned} M &\equiv (\lambda x.L(xx))(\lambda x.L(xx)) \\ &\to_\beta L((\lambda x.L(xx))(\lambda x.L(xx))) \\ &\equiv LM \end{aligned}$$

Logo $LM =_\beta M$. $\square$

Pela prova anterior, podemos perceber que M pode ser generalizado para todo λ-termo. Esse M será denominado de *Combinador de ponto fixo* e escrito na forma:

$$Y \equiv \lambda y.(\lambda x.y(xx))(\lambda x.y(xx))$$

1.1.8 Eta redução

A junção da definição 0.8 com as definições de β-redução gera uma teoria que será chamada aqui de λ_β. Para essa teoria, faltam alguns detalhes que podem, ou não, ser introduzidos a depender do que se precisa.

A η-redução é a segunda redução possível dentro do cálculo λ. Através dela é possível remover uma abstração que não faz nada para o termo interior. Sua definição é:

Definição 1.16 (η-redução)**.**

1. $(\lambda x.Mx) \to_\eta M$, onde $x \notin FV(M)$.

A junção da teoria λ com a η-redução será chamada aqui de $\lambda_{\beta\eta}$.

Uma outra adição possível à teoria λ é chamada de extencionalidade e definida da seguinte forma:

Definição 1.17 (extencionalidade **Ext**)**.** Dados os termos M e N, se $Mx = Nx$ para todo λ-termo x, com $x \notin FV(MN)$, então $M = N$.

Ext introduz no cálculo λ a noção presente na teoria dos conjuntos de igualdade entre funções. Na teoria dos conjuntos, duas funções $f : A \to B$ e $g : A \to B$ são iguais se, para todo $x \in A$, $f(x) = g(x)$.

A união da teoria λ com **Ext** é chamada de $\lambda + \textbf{Ext}$.

Teorema 1.3 (Teorema de Curry)**.** *As teorias $\lambda_{\beta\eta}$ e $\lambda + \textbf{\textit{Ext}}$ são equivalentes.*

Prova: Primeiro, é necessário mostrar que η é derivável de $\lambda + \textbf{\textit{Ext}}$. Seja a igualdade $(\lambda x.Mx)x = Mx$, por **Ext**, $\lambda x.Mx = M$.

Segundo, é necessário mostrar que dado $Mx = Nx$, é possível derivar $M = N$ em $\lambda_{\beta\eta}$. Para isso, seja $Mx = Nx$, realizando ξ-redução, tem-se que $\lambda x.Mx = \lambda x.Nx$. Fazendo η-redução dos dois lados, $M = N$. $\square$

Existe uma outra formulação da extencionalidade dentro do cálculo λ chamado de regra ω. É necessário um equivalente à **Ext** para restrições do cálculo λ que só possuem termos fechados, para isso, é desenvolvida a regra ω:

Definição 1.18 (Regra ω)**.** Dados os termos M e N, se $MQ = NQ$ para todo termo fechado Q, então $M = N$.

Da regra ω é possível deduzir **Ext**, mas não o oposto. A prova dessa dedução não será mostrada.

Posteriormente, será feito uma discussão de teorias dos tipos que aceitam **Ext** como um axioma no estilo de $\lambda + \textbf{\textit{Ext}}$ e outras que conseguem derivar a extencionalidade através de outras propriedades, como $\lambda_{\beta\eta}$.

1.1.9 Codificações dentro do Cálculo λ

O primeiro exemplo de transformação de funções em λ-termos, $f(x) = x^2$ para $\lambda x.x^2$, pode parecer correto, mas supõe mais que foi definido até então. Pois partindo somente da sintaxe e das transformações vistas nas seções anteriores, não foi definido coisas básicas como o que significa a exponenciação ou o número 2. Se o cálculo *lambda* é colocado como um possível substituto para a teoria das funções baseada na teoria dos conjuntos, então ele deve ser capaz de definir todas essas coisas de forma interna. Por isso, foram desenvolvidas as *codificações*, das quais a primeira e mais conhecida é a *Codificação de Church* (Church Encoding).

Primeiro, é necessário definir os números naturais e, para isso, é preciso de combinadores que traduzam os axiomas de Peano para os números naturais. Ou seja, precisamos definir o número 0 e a função sucessor $suc(x) = x + 1$. Para isso, diferente das outras definições indutivas vistas anteriormente, primeiro serão definidos os números e depois as operações.

Definição 1.19 (Numerais de Church)**.**

1. $zero := \lambda fx.x$

2. $um := \lambda fx.fx$

3. $dois := \lambda fx.f(fx)$
   $\dots$

4. $n := \lambda fx.f^n x$

Onde $f^n x$ é $f(f(f \dots x))$ n vezes.
As operações são descritas na forma:

Definição 1.20 (Operações aritméticas)**.**

1. $sum := \lambda m.\lambda n.\lambda fx.mf(nfx)$

2. $mult := \lambda m.\lambda n.\lambda fx.m(nf)x$

3. $suc := \lambda m.\lambda fx.f(mfx)$

Nessas definições os primeiros m e n são os números m e n, como por exemplo $m + n$, $m \times n$, $m + 1$, etc.
Exemplos:

1. Prova que $sum\ one\ one \twoheadrightarrow_\beta two$ na codificação:

$$\begin{aligned} sum\ one\ one &\equiv (\lambda m.\lambda n.\lambda fx.mf(nfx))\ one\ one \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.onef(onefx)) \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.(\lambda gx.gx)f((\lambda gx.gx)fx)) \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.(\lambda x.fx)(fx)) \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.f(fx)) \\ &\equiv two \end{aligned}$$

2. Prova que $mult\ two\ two \twoheadrightarrow_\beta four$ na codificação:

$$\begin{aligned} mult\ two\ two &\equiv (\lambda m.\lambda n.\lambda fx.m(nf)x)\ two\ two \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.\ two(\ two\ f)x) \\ &\twoheadrightarrow_\beta (\lambda fx.(\lambda gy.g(gy))(\ two\ f)x) \end{aligned}$$

Uma vez definida a multiplicação e a soma, é possível definir outras operações como o fatorial e a exponenciação. Isso fica como exercício para o leitor.

Tendo definido operações relacionadas aos números naturais, pode-se perguntar se é possível construir algo lógico dentro do cálculo λ não-tipado. Para isso, é necessário definir a noção de "verdadeiro" e "falso", na forma:

Definição 1.21 (Booleanos)**.**

1. $true := \lambda xy.x$

2. $false := \lambda xy.y$

3. $not := \lambda z.z\ false\ true$

4. *'if x then u else v'* $:= \lambda x.xuv$

Exemplos:

1. Prova que $not(not\ p) \equiv p$ na codificação:

$$\begin{aligned}
not(not\ p) &\equiv not((\lambda z.z\ \mathit{false}\ \mathit{true}\ )p) \\
&\twoheadrightarrow_\beta not(p\ \mathit{false}\ \mathit{true}\ ) \\
&\twoheadrightarrow_\beta not(p(\lambda xy.y)(\lambda xy.x)) \\
&\twoheadrightarrow_\beta (\lambda z.z\ \mathit{false}\ \mathit{true}\ )(p(\lambda xy.y)(\lambda xy.x)) \\
&\twoheadrightarrow_\beta (p(\lambda xy.y)(\lambda xy.x))\ \mathit{false}\ \mathit{true}
\end{aligned}$$

Se $p \twoheadrightarrow_\beta \mathit{true}$,

$$\begin{aligned}
not(not\ \mathit{true}\ ) &\twoheadrightarrow_\beta ((\lambda xy.x)(\lambda xy.y)(\lambda xy.x))\ \mathit{false}\ \mathit{true} \\
&\twoheadrightarrow_\beta ((\lambda xy.y))\ \mathit{false}\ \mathit{true} \\
&\twoheadrightarrow_\beta \mathit{true}
\end{aligned}$$

Se $p \twoheadrightarrow_\beta \mathit{false}$,

$$\begin{aligned}
not(not\ \mathit{false}\ ) &\twoheadrightarrow_\beta ((\lambda xy.y)(\lambda xy.y)(\lambda xy.x))\ \mathit{false}\ \mathit{true} \\
&\twoheadrightarrow_\beta ((\lambda xy.x))\ \mathit{false}\ \mathit{true} \\
&\twoheadrightarrow_\beta \mathit{false}
\end{aligned}$$

1.2 Modelos

Na matemática, um **modelo** é uma forma de dar sentido à estrutura sintática desenvolvida. No Cálculo λ, os primeiros modelos só foram desenvolvidos posteriormente à sintaxe, pois a simples descrição do cálculo na teoria dos conjuntos gerava inconsistências com os axiomas da teoria dos conjuntos.

1.2.1 Estruturas Aplicativas

Primeiro, antes de definir o que é um modelo, é necessário definir um tipo de estrutura algébrica:

Definição 1.22. Uma *Estrutura Aplicativa* é um par $\langle D, \bullet \rangle$, onde D é um conjunto com ao menos dois elementos, chamado de *domínio* da estrutura, e $\bullet$ é um mapeamento de $\bullet : D \times D \to D$.

Os modelos do Cálculo λ serão estruturas aplicativas acrecidas de propriedades extras. A condição de se ter pelo menos dois elementos em D é importante para evitar modelos triviais.

Seja $\mathcal{M} = \langle D, \bullet \rangle$ uma estrutura aplicativa, escreve-se $a \in \mathcal{M}$ caso $a \in D$.

Definição 1.23. Uma estrutura aplicativa $\mathcal{M} = \langle D, \bullet \rangle$ é *extensional* se para $a, b \in D$, têm-se que $\forall x \in D, a \bullet x = b \bullet x \Rightarrow a = b$. a e b são chamadas de *extensionalmente iguais* e são escritos como $a \sim b$.

Definição 1.24. Seja $\mathcal{M} = \langle D, \bullet \rangle$ uma estrutura aplicativa e seja $n \geq 1$. Uma função $\theta : D^n \to D$ é *representável* se, e somente se, D possui um membro a tal que:

$$(\forall d_1, \dots, d_n \in D) a \bullet d_1 \bullet d_2 \bullet \dots \bullet d_n = \theta(d_1, \dots, d_n)$$

Usando a convenção de associação à esquerda, essa equação é lida como:

$$(\dots((a \bullet d_1) \bullet d_2) \bullet \dots \bullet d_n) = \theta(d_1, \dots, d_n)$$

Cada a é chamado de *representante* de θ. O conjunto de todas as funções representáveis de D^n para D é chamado de $(D^n \to D)_{rep}$.

Definição 1.25. Uma *Algebra Combinatória* é uma estrutura aplicativa $\mathbb{D} = \langle D, \bullet \rangle$, onde dados $k, s \in D$,

1. $(\forall a, b \in D)\ k \bullet a \bullet b = a$
2. $(\forall a, b, c \in D)\ s \bullet a \bullet b \bullet c = a \bullet c \bullet (b \bullet c)$.

Uma Algebra combinatória também é chamada de uma estrutura *combinatorialmente completa*

1.2.2 Modelos interpretativos algébricos

O primeiro tipo de modelo para o Cálculo λ surge através das estruturas aplicativas da seguinte forma:

Definição 1.26. Um *modelo* de $\lambda\beta$ é uma tripla $\mathbb{D} = \langle D, \bullet, [\![\ ]\!] \rangle$, onde $\langle D, \bullet \rangle$ é uma estrutura aplicativa e $[\![\ ]\!]$ é um mapeamento que leva para cada λ-termo M e cada valuação ρ, um membro $[\![M]\!]_\rho$ de D tal que:

1. Para toda variável x, $[\![x]\!]_\rho = \rho(x)$
2. Para todos os termos M e N, $[\![MN]\!]_\rho = [\![M]\!]_\rho \bullet [\![N]\!]_\rho$
3. Para toda variável x, termo M e elemento $d \in D$, $[\![\lambda x.M]\!]_\rho \bullet d = [\![M]\!]_{[d/x]\rho}$
4. Para todo termo M e valuações ρ e σ, $[\![x]\!]_\rho = [\![x]\!]_\sigma$, toda vez que $\rho(x) = \sigma(x)$ para todas as variáveis livres x de M
5. Para todo termo M e todas variáveis x e y, $[\![\lambda x.M]\!]_\rho = [\![\lambda y.[y/x]M]\!]_\rho$, dado que $y \notin FV(M)$.
6. Para todo termo M e N, se para todo $d \in D$ tem-se que $[\![M]\!]_{[d/x]\rho} = [\![N]\!]_{[d/x]\rho}$, então $[\![\lambda x.M]\!]_\rho = [\![\lambda x.N]\!]_\rho$

$[\![M]\!]_\rho$ também pode ser escrito como $[\![M]\!]_\rho^{\mathbb{D}}$ ou simplesmente $[\![M]\!]$, quando já se sabe que a interpretação é independente de ρ.

As condições 1 - 6 imitam o comportamento que um modelo de $\lambda\beta$ precisa ter. A condição 6 fornece a interpretação no modelo da regra ξ. Porém, essas condições não são suficientes para mapear $\lambda\beta\eta$, pois elas não dizem nada sobre a η-conversão. Para isso, é necessário adicionar a seguinte definição:

Definição 1.27. Um modelo de $\lambda\beta\eta$ é um λ-modelo que satisfaz a equação $\lambda x.Mx = M$ para todo termo M e $x \notin FV(M)$.

Dada essa definição, pode-se supor que:

Teorema 1.4. Um λ-modelo $\mathbb{D}$ é extensional se, e somente se, ele é um modelo de $\lambda\beta\eta$.

1.2.3 Modelos livres de Sintaxe

O modelo definido anteriormente não define bem o que a estrutura aplicativa precisa ter como propriedades para ser um λ-modelo, já que se prende à sintaxe dos termos de $\lambda\beta$. Seria interessante definir um modelo onde não fosse necessário definir os termos antes de definir a estrutura aplicativa.

Primeiro, é necessário definir uma propriedade sobre modelos no geral:

Definição 1.28. Seja $\mathbb{D} = \langle D, \bullet, [\![]\!] \rangle$ um λ-modelo. Seja $\sim$ a *equivalência extensional* definida na definição 1.23:

$$a \sim b \iff (\forall d \in D)(a \bullet d = b \bullet d)$$

Para cada $a \in D$, a classe de equivalência extensional $\tilde{a}$ é o conjunto definido por:

$$\tilde{a} = \{b \in D : b \sim a\}$$

Para todo $a \in D$ existem M, x, ρ tais que $[\![\lambda x.M]\!]_\rho \in \tilde{a}$. Por exemplo, sejam $M \equiv ux$ e $\rho = [a/u]\sigma$ para toda valuação σ, então $\rho(u) = a$ e $[\![\lambda x.ux]\!]_\rho$ é equivalente extensionalmente a a, pois:

$$[\![\lambda x.ux]\!]_\rho \bullet d = [\![ux]\!]_{[d/x]\rho} = a \bullet d$$

Definição 1.29. (O mapeamento Λ) Seja $a \in D$ e M, x, ρ tais que $[\![\lambda x.M]\!]_\rho \in \tilde{a}$. Somente um membro de $\tilde{a}$ é igual a $[\![\lambda x.M]\!]_\rho$, esse membro será denominado de $\Lambda(a)$, onde $\Lambda : D \to D$ possui as seguintes propriedades:

1. $\Lambda(a) \sim a$
2. $\Lambda(a) \sim \Lambda(b) \iff \Lambda(a) = \Lambda(b)$
3. $a \sim b \Longleftarrow \Lambda(a) = \Lambda(b)$
4. $\Lambda(\Lambda a) = \Lambda a$
5. Existe $e \in D$ tal que $e \bullet a = \Lambda(a)$ para todo $a \in D$.

Um desses e é o membro em D que corresponde ao numeral de Church 1, pois

$$e = [\![1]\!]_\sigma = [\![\lambda xy.xy]\!]_\sigma$$

e

$$[\![\lambda xy.xy]\!]_\sigma \bullet a = [\![\lambda y.xy]\!]_{[a/x]\sigma} = \Lambda(a)$$

Definição 1.30. (λ-modelos livres de sintaxe) Um λ-modelo livre de sintaxe é uma tripla $\langle D, \bullet, \Lambda \rangle$ onde $\langle D, \bullet \rangle$ é uma estrutura aplicativa e Λ é um mapeamento de D para D, e

1. $\langle D, \bullet \rangle$ é uma algebra combinatória (estrutura aplicativa combinatorialmente completa)
2. Para todo $a \in D$, $\Lambda(a) \sim a$
3. Para todo $a, b \in D$, se $a \sim b$, então $\Lambda(a) = \Lambda(b)$

4. Existe um elemento $e \in D$ tal que para todo $a \in D$, $\Lambda(a) = e \bullet a$

Teorema 1.5. Se $\langle D, \bullet, \Lambda \rangle$ é um λ-modelo livre de sintaxe, então é possível construir um λ-modelo $\langle D, \bullet, [\![]\!] \rangle$ definindo:

1. $[\![x]\!]_\rho = \rho(x)$, se x é uma variável
2. $[\![MN]\!]_\rho = [\![M]\!]_\rho \bullet [\![N]\!]_\rho$
3. $[\![\lambda x.N]\!]_\rho = \Lambda(a)$, onde a é qualquer elemento de D tal que $a \bullet d = [\![N]\!]_{[d/x]\rho}$ para todo $d \in D$.

De forma contrária, se $\langle D, \bullet, [\![]\!] \rangle$ é um λ-modelo então é possível construir um modelo livre de sintaxe $\langle D, \bullet, \Lambda \rangle$ definindo $\Lambda(a) = e \bullet a$, onde $e = [\![\lambda yz.yz]\!]_\rho$ para qualquer valuação ρ.

A existência de Λ pode ser caracterizada por um elemento e da seguinte forma:

Teorema 1.6. Seja $\mathbb{D} = \langle D, \bullet \rangle$ uma estrutura aplicativa tal que $\mathbb{D}$ é combinatorialmente completa e existe um elemento $e \in D$ tal que:

1. para todo $a, b \in D$, $e \bullet a \bullet b = a \bullet b$
2. para todo $a, b \in D$, se $a \sim b$, então $e \bullet a = e \bullet b$.

Então $\langle D, \bullet, \Lambda \rangle$ é um λ-modelo livre de contexto, onde $\Lambda : D \to D$ é definida por $\Lambda(a) = e \bullet a$ para todo $a \in D$.

Uma tripla $\langle D, \bullet, e \rangle$ que satisfa a hipótese do teorema anterior é chamada de λ-modelo frouxo de Scott-Meyer.

1.2.4 Ordens Parciais Completas

O modelo mais conhecido para o Cálculo λ é o Modelo de Dana Scott, o D_∞. O modelo de Dana Scott utiliza a noção de Reticulados (Lattices) Completos, mas é possível fazer uma generalização para Ordens Parciais Completas (CPOs). Alguns modelos do Cálculo λ podem ser descritos mais facilmente por CPOs do que por reticulados.

Para não precisar supor muito, é necessário voltar algumas etapas:

Definição 1.31. Seja P um conjunto. Uma *ordem*, também chamada de *ordem parcial*, em P é uma relação binária $\leq$ em P tal que, para todo $x, y, z, \in P$,

1. (Reflexividade) $x \leq x$
2. (antissimetria) Se $x \leq y$ e $y \leq x$, então $x = y$
3. (Transitividade) Se $x \leq y$ e $y \leq z$, então $x \leq z$

O par $(P, \leq)$ é chamado de *Conjunto ordenado*, ou *Poset* (Do inglês, Partially Ordered set).

Exemplos:

- O conjunto $\mathbb{N}$ dos números naturais, junto com a ordem crescente usual é um poset.

- O conjunto $\{A|A \subseteq X\}$ dos subconjuntos de um conjunto X, escrito como $\mathcal{P}(X)$ e denominado de *Conjunto Potência*, é um poset com ordem dada pela inclusão de subconjuntos $A \subseteq B$. Essa ordem é antissimetrica pois se A e A' são subconjuntos de X onde $A \subseteq A'$ e $A' \subseteq A$, então $A = A'$. Reflexividade e transitividade se seguem da mesma maneira.

Existem várias formas de mapear um conjunto ordenado em outro de forma a manter suas propriedades:

Definição 1.32. Sejam P e Q conjuntos ordenados. Um mapeamento $\phi : P \to Q$ é dito:

1. **preservante de ordem** (também chamado de **monótono**) se $x \leq y$ em P implica em $\phi(x) \leq \phi(y)$ em Q
2. **imersivo de ordem**, escrito como $\phi : P \hookrightarrow Q$, se $x \leq y$ em P se, e somente se, $\phi(x) \leq \phi(y)$ em Q
3. **isomorfismo de ordem** se é uma imersão de ordem que mapeia P em Q

Alguns conjuntos possuem um valor menor possível ou um valor maior possível, definidos da seguinte forma:

Definição 1.33. Seja P um conjunto ordenado. P possui um elemento *mínimo* se existe $\bot \in P$ tal que $\bot \leq x$ para todo $x \in P$. De forma dual, P possui um elemento *máximo* $\top \in P$ tal que $x \leq \top$ para todo $x \in P$.

Exemplos:

- O mínimo do conjunto ordenado $(\mathbb{N}, \leq)$ é o 0, mas não existe máximo.
- No conjunto ordenado $(P(X), \subseteq)$, tem-se que $\bot = \emptyset$ e $\top = X$.

Subconjuntos de conjuntos ordenados também podem possuir elementos mínimos e máximos:

Definição 1.34. Seja P um conjunto ordenado e $Q \subseteq P$. Então o elemento $u \in P$ tal que $x \leq u$ para todo $x \in Q$ é chamado de *cota superior* de Q. O elemento $l \in P$ é chamado de *menor cota superior* ou *supremo* de Q se para toda cota superior $u \in P$, $l \leq u$.
Dualmente, o elemento $u \in P$ tal que $u \leq x$ para todo $x \in Q$ é chamado de *cota inferior* de Q. O elemento $l \in P$ é chamado de *maior cota inferior* ou *infimo* de Q se para toda cota inferior $u \in P$, $u \leq l$.

Exemplo: Seja $S = \{1, 3, 5\} \subset \mathbb{N}$, então são cotas inferiores 0 e 1 e são cotas superiores todo número maior que 5.

Supremos e ínfimos podem ser tratados algebricamente da seguinte forma:

Definição 1.35.

1. O *Join* de x e y, $x \vee y$, é o supremo $sup\{x, y\}$. O supremo de um conjunto qualquer é denotado por $\bigvee S$
2. O *meet* de x e y, $x \wedge y$ é o infimo $inf\{x, y\}$. O infimo de um conjunto qualquer S é denotado por $\bigwedge S$.

Um reticulado pode ser definido por:

Definição 1.36. (Reticulado) Seja P um conjunto ordenado não vazio, então:

1. Se $x \vee y$ e $x \wedge y$ existem para todo $x, y \in P$, então P é chamado de *Reticulado*
2. Se $\bigvee S$ e $\bigwedge S$ existem para todo $S \subseteq P$, então P é chamado de *Reticulado Completo*

Definição 1.37. Um subconjunto X de P é dito *direcionado* se, e somente se, X é não vazio e para cada par de elementos $x, y \in X$, existe um elemento $z \in X$ tal que $x \leq z$ e $y \leq z$.

Agora finalmente a definição de uma ordem parcialmente completa:

Definição 1.38. Uma *Ordem Parcialmente Completa* (CPO) é um conjunto ordenado parcial $(D, \leq)$ tal que:

1. D possui um elemento mínimo
2. Todo subconjunto direcionado X de D possui um supremo. Ou seja $\bigvee X$ existe para todo $X \subseteq D$

Dessa forma, é possível ver em que medida um CPO é mais geral que um reticulado, pois ele retira a condição que o ínfimo exista para todo $X \subseteq D$.

Exemplo: Seja um objeto $\perp \notin \mathbb{N}$ e seja $\mathbb{N}^+ = \mathbb{N} \cup \{\perp\}$. Defina um ordenamento em $\mathbb{N}^+$ como:

$$a \sqsubseteq b \text{ sse } (a = \perp \text{ e } b \in \mathbb{N}) \text{ ou } a = b$$

. O par $(\mathbb{N}^+, \sqsubseteq)$ é um CPO.

É possível descrever *morfismos* entre CPOs:

Definição 1.39. Sejam D e D' cpos e $\phi : D \to D'$ uma função,

1. ϕ é chamada *monotônica* sse $a \leq b$ implica em $\phi(a) \leq' \phi(b)$
2. ϕ é chamada *contínua* sse para todo subconjunto direcionado X de D, $\phi(\bigvee X) = \bigvee \phi(X)$.

O conjunto de todas as funções contínuas entre D e D' é denotado por $[D \to D']$.

Em $[D \to D']$ é possível definir uma relação $\preceq$ tal que:

$$\phi \preceq \psi \leftrightarrow \phi(d) \leq' \psi(d) \text{ para todo } d \in D$$

Então $\preceq$ é uma ordem parcial em $[D \to D']$ e $[D \to D']$ possui um elemento final:

$$\perp(d) = \perp' \text{ para todo } d \in D$$

E, se Φ é um subconjunto direcionado de $[D \to D']$, entã opara todo $d \in D$ o conjunto $\{\phi(d) | \phi \in \Phi\}$ é um subconjunto direcionado de D'. Com isso, é possível definir uma função $\psi : D \to D'$ como:

$$\psi(d) = \bigvee \{\phi(d) | \phi \in \Phi\} \text{ para todo } d \in D$$

Então, é possível monstrar a seguinte proposição:

Proposição 1.1. Se D e D' são cpos, então $[D \to D']$ também é um cpo pelo ordenamento parcial $\preceq$ definido anteriormente. Seu último elemento é dado por $\perp'$ e para qualquer subconjunto direcionado Φ de $[D \to D']$, $\bigvee \Phi$ é uma função ψ definida como anteriormente.

Dado um cpo D_0, pode-se construir uma sequência $\{D_n\}_{n=0}^{\infty}$ de cpos definidos indutivamente como $D_{n+1} = [D_n \to D_n]$ para todo $n \geq 0$. O modelo D_∞ de Scott parte de $D_0 = \mathbb{N}^+$

Para estudar a relação das sequências $\{D_n\}_{n=0}^{\infty}$ entre si, é interessante pensar a relação de como um cpo pode estar *mergulhado* em outro.

Definição 1.40. Sejam D e D' cpos. Uma *projeção* de D em D' é um par $\langle \phi, \psi \rangle$ de funções com $\phi \in [D \to D']$ e $\psi \in [D' \to D]$ tais que:

$$\psi \circ \phi = I_D \text{ e } \phi \circ \psi \preceq I'_D$$

Onde I_D e I'_D são as funções identidade em D e D' respectivamente.

Se $\langle \phi, \psi \rangle$ é uma projeção de D' em D então ϕ mergulha D em D'.

Para entender a composição de ϕ e ψ é necessário definir o seguinte lema:

Lema 1.6. A composição de funções contínuas entre cpos é contínua. Ou seja, se D, D' e D'' são cpos e $\psi \in [D \to D']$ e $\phi \in [D' \to D'']$ e $\phi \circ \psi$ é definido por

$$\text{para todo } d \in D(\phi \circ \psi)(d) = \phi(\psi(d))$$

Então

$$\phi \circ \psi \in [D \to D'']$$

Usando a definição de $\{D_n\}_{n=0}^{\infty}$ é possível construir uma projeção $\langle \phi_n, \psi_n \rangle$ de D_{n+1} para D_n para cada n. A projeção inicial de D_1 em D_0 pode ser montada da seguinte forma: Para cada $d \in D_0$, seja κ_d uma função constante $\kappa_d(c) = d$ para $c \in D_0$. κ_d é contínua, então $\kappa_d \in [D_0 \to D_0] = D_1$. Seja $\phi_0 : D_0 \to D_1$ e $\psi_0 : D_1 \to D_0$ tais que $\phi_0(d) = \kappa_d$ para $d \in D_0$ e $\psi_0(c) = c(\perp_0)$ para $c \in D_1$ (onde $\perp_0$ é o menor elemento de D_0). ϕ_0 e ψ_0 são contínuas e é possível ver que

$$(\psi_0 \circ \phi_0)(d) = \kappa_d(\perp_0) = d = I_{D_0}$$

e

$$(\phi_0 \circ \psi_0)(f) = \kappa_d(f(\perp_0)) \preceq I_{D_1}$$

Logo $\langle \phi_0, \psi_0 \rangle$ é uma projeção de D_1 em D_0. Agora seja $\phi_n : D_n \to D_{n+1}$ e $\psi_n : D_{n+1} \to D_n$ gerados indutivamente por:

$$\phi_n(\sigma) = \phi_{n-1} \circ \sigma \circ \psi_{n-1} \text{ e } \psi_n(\tau) = \psi_{n-1} \circ \tau \circ \phi_{n-1}$$

para $\sigma \in D_n$ e $\tau \in D_{n+1}$. É possível monstrar que $\phi_n \in [D_n \to D_{n+1}]$ e $\psi_n \in [D_{n+1} \to D_n]$. Logo o par $\langle \phi_n, \psi_n \rangle$ é uma projeção de D_{n+1} em D_n.

As funções ψ_n e ϕ_n só elevam n um número por vez, então é possível definir uma função $\phi_{m,n}$ da seguinte forma:

Definição 1.41. Para qualquer $m, n \geq 0$, $\phi_{m,n} : D_m \to D_n$ é definido da seguinte forma:

$$\phi_{m,n} = \begin{cases} \phi_{n-1} \circ \phi_{n-2} \circ \cdots \circ \phi_{m+1} \circ \phi_m & \text{se } m < n \\ I_{D_n} & \text{se } m = n \\ \psi_n \circ \psi_{n+1} \circ \cdots \circ \psi_{m-2} \circ \psi_{m-1} & \text{se } m > n \end{cases}$$

Uma vez definida essa função, é possível monstrar o seguinte lema:

Lema 1.7. Sejam $m, n \geq 0$, então:

1. $\phi_{m,n} \in [D_m \to D_n]$
2. Se $m \leq n$, então $\phi_{n,m} \circ \phi_{m,n} = I_{D_m}$
3. Se $m > n$, então $\phi_{n,m} \circ \phi_{m,n} \preceq I_{D_m}$
4. Se k é um número entre m e n, então $\phi_{k,n} \circ \phi_{m,k} = \phi_{m,n}$

Prova:

1. Em $\phi_{m,n}$ existem três casos:
   (a) Se $n > m$, então $\phi_{m,n} = \phi_{n-1} \circ \phi_{n-2} \circ \cdots \circ \phi_{m+1} \circ \phi_m$. É facil ver que, pelo lema da composição, sendo $\phi_m \in [D_m \to D_{m+1}]$ o inicio da cadeia de composições e $\phi_{n-1} \in [D_{n-1} \to D_n]$ o fim dessas cadeia, e sendo essa cadeia de composições contínua, então $\phi_{m,n} \in [D_m \to D_n]$
   (b) Se $n = m$, $\phi_{n,n} = I_{D_n}$, mas $I_{D_n} \in [D_n \to D_n]$, logo $\phi_{n,n} \in [D_n \to D_n]$
   (c) Se segue de forma análoga a (a)
2. Existem dois casos:
   (a) Se $m = n$, $\phi_{n,n} \circ \phi_{n,n} = I_{D_n}$
   (b) Se $m < n$, $\phi_{m,n} \in [D_m \to D_n]$ e $\phi_{n,m} \in [D_n \to D_m]$. Pelo lema da composição, $\phi_{n,m} \circ \phi_{m,n} \in [D_n \to D_n]$. O valor de $\phi_{n,m} \circ \phi_{m,n} \preceq I_{D_m}$ se segue da definição de projeção.
3. Deixado para o leitor
4. Deixado para o leitor

1.2.5 O Modelo de Scott

Uma vez feitas essas definições sobre cpos, é possível definir o modelo de Scott. Para isso, é necessário definir D_∞:

Definição 1.42.

- D_∞ é o conjunto de todas as sequências infinitas na forma
$$d = \langle d_0, d_1, d_2, \dots \rangle$$
tais que para todo $n \geq 0$ tem-se $d_n \in D_n$ e $\psi_n(d_{n+1}) = d_n$
- A relação $\sqsubseteq$ em D_∞ possui a forma:
$$d = \langle d_0, d_1, d_2, \dots \rangle \sqsubseteq \langle d'_0, d'_1, d'_2, \dots \rangle \text{ se } d_n \sqsubseteq d'_n \text{ para todo } n \geq 0$$
- Se X é um subconjunto de D_∞, então $X_n = \{a_n | a \in X\}$ é o conjunto dos n-ésimos termos de cada sequência $a \in X$.

Lema 1.8. O par $\langle D_\infty, \sqsubseteq\rangle$ definido acima é um cpo com menor elemento

$$\perp = \langle \perp_0, \perp_1, \perp_2, \dots\rangle$$

onde $\perp_n$ é o menor elemento de D_n e menor cota superior do subconjunto direcionado X de D_∞ dado por:

$$\bigvee X = \langle \bigvee X_0, \bigvee X_1, \bigvee X_2, \dots\rangle$$

Para cada $n \geq 0$ é possível definir um par de funções contínuas que formam uma projeção de D_∞ em D_n definidas como:

Definição 1.43. Para cada $n \geq 0$, seja $\phi_{n,\infty} : D_\infty \to D_n$ e $\phi_{\infty,n} : D_n \to D_\infty$ definidas por:

$$\phi_{n,\infty} = \langle \phi_{n,0}(d), \phi_{n,1}(d), \phi_{n,2}(d), \dots\rangle$$

para todo $d \in D_n$ e

$$\phi_{\infty,n}(d) = d_n$$

para todo $d \in D_\infty$

Lema 1.9. Sejam $m, n \geq 0$ com $m \leq n$ e $a, b \in D_\infty$, então

1. O par $\langle \phi_{n,\infty}, \phi_{\infty,n}\rangle$ é uma projeção de D_∞ em D_n
2. $\phi_{m,n}(a_m) \sqsubseteq a_n$
3. $\phi_{m,\infty}(a_m) \sqsubseteq \phi_{n,\infty}(a_n)$
4. $a = \bigvee_{n\geq 0} \phi_{n,\infty}(a_n)$
5. $\phi_{n,\infty}(a_{n+1}(b_n)) \sqsubseteq \phi_{n+1,\infty}(a_{n+2}(b_{n+1}))$

A parte 4 sugere que os termos a_n servem como aproximações cada vez mais certas de a em D_∞. Com isso, é possível ver a aplicação $(a_{n+1}(b_n))$ quando $n \to \infty$ como uma aproximação cada vez melhor da aplicação ab. Logo, é possível definir uma relação binária em D_∞ da seguinte forma:

Definição 1.44. Para todo $a, b \in D_\infty$,

$$a \bullet b = \bigvee \{\phi_{n,\infty}(a_{n+1}(b_n)) | n \geq 0\}$$

A autoaplicação presente no Cálculo λ pode ser implementada utilizando a aplicação $a_{n+1}(a_n)$.

Uma vez definida a relação binária, pode-se ver que o par $\langle D_\infty, \bullet\rangle$ é uma estrutura aplicativa. Pode-se definir um modelo livre de sintaxe a partir dessa estrutura. Para isso, é necessário mostrar que o par $\langle D_\infty, \bullet\rangle$ é uma algebra combinatória, ou seja mostrar que existem k e s que satisfaçam as condições da Definição 1.25.

Definição 1.45 (k_n, s_n)**.**

1. Seja $n \geq 2$. Para $a \in D_{n-1}$, $\kappa_a : D_{n-2} \to D_{n-2}$ é a função constante $\kappa_a = \psi_{n-2}(a)$ para todo $b \in D_{n-2}$. Então $k_n : D_{n-1} \to D_{n-1}$ é $k_n(a) = \kappa_a$ para todo $a \in D_{n-1}$.

2. Seja $n \geq 3$. Para $a \in D_{n-1}$ e $a \in D_{n-2}$, $\tau_{a,b} : D_{n-3} \to D_{n-3}$ é a função constante $\tau_{a,b} = a(\phi_{n-3}(c))(b(c))$ para todo $c \in D_{n-3}$ e $\sigma_a : D_{n-2} \to D_{n-2}$ tal que $\sigma_a = \tau_{a,b}$ para todo $b \in D_{n-2}$. Então $s_n : D_{n-1} \to D_{n-1}$ é $s_n(a) = \sigma_a$ para todo $a \in D_{n-1}$.

Lema 1.10.

1. Para todo $n \geq 2$, tem-se que $k_n \in D_n$ e $\psi_n(k_{n+1}) = k_n$. Logo $\psi_1(k_2) = I_{D_0} \in D_1$.

2. Para todo $n \geq 3$, tem-se que $s_n \in D_n$ e $\psi_n(s_{n+1}) = s_n$. Logo $\psi_1(\psi_2(s_3)) = I_{D_0} \in D_1$.

Agora finalmente pode-se definir k e s:

Definição 1.46. Sejam k e s as seguintes sequências:

$$k = \langle \bot_0, I_{D_0}, k_2, k_3, \dots \rangle \text{ e } s = \langle \bot_0, I_{D_0}, \psi_2(s_3), k_3, k_4, \dots \rangle$$

Lema 1.11. As sequências k e s são elementos de D_∞

Lema 1.12. Para todo $a, b, c \in D_\infty$, $k \bullet a \bullet b = a$ e $s \bullet a \bullet b \bullet c = a \bullet c \bullet (b \bullet c)$

Logo, pelo lema anterior, é possível ver que o par $\langle D_\infty, \bullet \rangle$ é uma álgebra combinatória. O que falta para provar que esse par é um modelo é monstrar que ele é extensional.

Lema 1.13. $\langle D_\infty, \bullet \rangle$ é uma álgebra combinatória extensional

Prova: Sejam a e b elementos de D_∞ tais que $a \sim b$, ou seja, $a \bullet c = b \bullet c$ para todo $c \in D_\infty$. Seja $m \geq 0$ e d um elemento arbitrário de D_m. Seja $c = \phi_{m,\infty}(d)$. Pode ser provado que $(a \bullet c)_m = a_{m+1}(d)$ e $(b \bullet c)_m = b_{m+1}(d)$. Logo $a_{m+1} = (a \bullet c)_m = (b \bullet c)_m(d) = b_{m+1}$ e $a_{m+1} = b_{m+1}$. Ou seja $a_n = b_n$ para $n > 0$ e $a_0 = \psi_0(a_1) = \psi_0(b_1) = b_0$ (Pois ψ é contínua), logo $a = b$. Logo, $\langle D_\infty, \bullet \rangle$ é extensional.

Com isso, fica provado que $\langle D_\infty, \bullet \rangle$ é um λ-modelo livre de sintaxe

2 Teoria dos Tipos Simples

O cálculo λ não-tipado possui alguns entraves ao tentar traduzir as funções matemáticas para seus termos. Um desses entraves é o fato que as funções matemáticas são mapeamentos entre dois conjuntos. Ou seja, essas funções possuem em sua definição os valores que vão esperar e os possíveis valores que vão retornar. A função soma $+ : \mathbb{N} \to \mathbb{N}$ não pode aceitar os valores $true$ ou $false$. Porém, nas codificações do cálculo λ descrito até então (Sem contar com os modelos), isso é possível. Por exemplo, é possível perceber que $false$ e 0 são definidos pelo mesmo termo $\lambda xy.y$ (a definição de 0 é α-equivalente a essa), o que pode gerar confusão em sua aplicação.

Outro problema do Cálculo λ não-tipado é o fato de poder existir recursões infinitas através de termos como Ω e Δ. A tipagem dos termos faz com que esse tipo de fenômeno não ocorra. O que retira a Turing-completude, mas facilita outras coisas.

Para fazer essa descrição ser mais detalhada e evitar esse tipo de erro, Church introduziu tipos.

2.1 Cálculo λ simplesmente tipado (STλC)

2.1.1 Tipos simples

Uma forma simples de começar a tipagem dos λ-termos é considerando uma coleção de variáveis de tipos e uma forma de produzir mais tipos através dessa coleção, chamado de *tipo funcional*

Seja $\mathbb{V}$ a coleção infinita de variáveis de tipos $\mathbb{V} = \{\alpha, \beta, \gamma, \dots\}$, então:

Definição 2.1 (A coleção de todos os tipos simples)**.** A coleção dos tipos simples $\mathbb{T}$ é definida por:

1. (Variável de tipos) Se $\alpha \in \mathbb{V}$, então $\alpha \in \mathbb{T}$

2. (Tipo funcional) Se $\sigma, \tau \in \mathbb{T}$, então $(\sigma \to \tau) \in \mathbb{T}$.

Na BNF, $\mathbb{T} = \mathbb{V} | \mathbb{T} \to \mathbb{T}$

Os parenteses no tipo funcional são associativos à direita, ou seja o tipo $\alpha_1 \to \alpha_2 \to \alpha_3 \to \alpha_4$ é $(\alpha_1 \to (\alpha_2 \to (\alpha_3 \to \alpha_4)))$

Tipos simples arbitrários serão escritos com letras gregas minúsculas (Com excessão do λ) como $\sigma, \tau, \dots$, mas também podem ser escrito como letras latinas maiúsculas $A, B, \dots$ na literatura.

As variáveis de tipos são representações abstratas de tipos básicos como os números naturais $\mathbb{N}$ ou a coleção de todas as listas $\mathbb{L}$. Esses tipos serão explorados mais à frente. Já os tipos funcionais representam funções na matemática como por exemplo $\mathbb{N} \to \mathbb{N}$, o conjunto de funções que leva dos naturais para os naturais, ou $(\mathbb{N} \to \mathbb{Z}) \to \mathbb{Z} \to \mathbb{N}$, o conjunto de funções que recebem como entrada uma função que leva dos naturais aos inteiros e um inteiro e retorna um natural.

A sentença "O termo M possui tipo σ" é escrita na forma $M : \sigma$. Todo termo possui um tipo único, logo se x é um termo e $x : \sigma$ e $x : \tau$, então $\sigma \equiv \tau$.

Como os tipos foram introduzidos para lidar com o cálculo λ, eles devem ter regras para lidar com as operações de aplicação e abstração.

1. (*Aplicação*): No cálculo λ, sejam M e N termos, podemos fazer uma aplicação entre eles no estilo MN. Para entender como entram os tipos, é possível recordar de onde surge a intuição para a aplicação. Seja $f : \mathbb{N} \to \mathbb{N}$ a função $f(x) = x^2$, então, a aplicação de 3 em f é $f(3) = 3^2$. Nesse exemplo, omite-se o fato que para aplicar 3 a f, 3 tem que estar no domínio de f, ou seja, $3 \in \mathbb{N}$. No caso do cálculo λ, para aplicar N em M, M deve ter um tipo funcional, na forma $M : \sigma \to \tau$, e N deve ter como tipo o primeiro tipo que aparece em M, ou seja $N : \sigma$.

2. (*Abstração*): No cálculo λ, seja M um termo, podemos escrever um termo $\lambda x.M$. A abstração "constroi" a função. Para a tipagem, seja $M : \tau$ e $x : \sigma$, então $\lambda x : \sigma.M : \sigma \to \tau$. É possível omitir o tipo da variável, escrevendo no estilo: $\lambda x.M : \sigma \to \tau$.

Alguns exemplos:

1. Seja x do tipo σ, a função identidade é escrita na forma $\lambda x.x : \sigma \to \sigma$.

2. O combinador $\mathbf{B} \equiv \lambda xyz.x(yz)$ é tipado na forma $\mathbf{B} : (\sigma \to \tau) \to (\rho \to \sigma) \to \rho \to \tau$.

3. O combinador $\Delta \equiv \lambda x.xxx$ não possui tipagem. Isso ocorre pois, na aplicação xx, x precisa ter como tipo $\sigma \to \tau$ e σ, mas como x só pode ter um tipo, então $\sigma \to \tau \equiv \sigma$. O que não é possível em $\mathbb{T}$. Logo Δ (e Ω por motivos similares), não faz parte da teoria dos tipos simples.

O último exemplo mostra que o teorema do ponto fixo não ocorre para todos os termos na teoria dos tipos simples e que não existe recursão infinita, fazendo com que a teoria dos tipos simples deixe de ser turing-completa.

2.1.2 Abordagens para a tipagem

Existem duas formas de tipar um λ-termo:

1. (*Tipagem à la Church / Tipagem explícita / Tipagem intrínseca / Tipagem ontológica*) Nesse estilo de tipagem, só termos que possuem tipagem que satisfaz a construção de tipos interna à teoria são aceitos. Cada termo possui um tipo único.

2. (*Tipagem à la Curry / Tipagem implícita / Tipagem extrínseca / Tipagem semântica*) Nesse estilo de tipagem, os termos são os mesmos do cálculo λ não tipado e pode-se não definir o tipo do termo na sua introdução, mas deixá-lo aberto. Os tipos são buscados para o termo, por tentativa e erro.

Exemplos

1. (Tipagem intrínseca): Seja x do tipo $\alpha \to \alpha$ e y do tipo $(\alpha \to \alpha) \to \beta$, então yx possui o tipo β. Se z possuit tipo β e u possuir tipo γ, então $\lambda zu.z$ tem tipo $\beta \to \gamma \to \beta$ e a aplicação $(\lambda zu.z)(yx)$ é permitida pois o tipo β de yx equivale ao tipo β que $\lambda zu.z$ recebe.

2. (Tipagem extrínseca): Nessa tipagem, começa-se com o termo $M \equiv (\lambda zu.z)(yx)$ e tenta-se adivinhar qual seu tipo e o tipo de suas variáveis. É possível notar que $(\lambda zu.z)(yx)$ é uma aplicação, então $(\lambda zu.z)$ precisa ter um tipo $A \to B$, yx precisa ter um tipo A e M terá um tipo B. Mas se $\lambda zu.z$ possui o tipo $A \to B$, então $\lambda u.z$ possui o tipo B e, como o termo é uma abstração, B precisa ser um tipo funcional, ou seja $B \equiv C \to D$. Logo $u : C$ e $z : D$. Já no caso de $yx : A$, y precisa ter um tipo funcional para ser aplicado a x, logo sendo $x : E$, $y : E \to F$. Logo temos que $x : E, y : E \to A, z : A, u : C$. Só é necessário então substituir A, C, E com tipos variáveis como α, β, γ: $x : \alpha, y : \alpha \to \beta, z : \beta, u : \gamma$.

No caso do exemplo 2, é possível escrever $x : \alpha, y : \alpha \to \beta, z : \beta, u : \gamma \vdash (\lambda z : \beta.\lambda u : \gamma.z)(yx) : \gamma \to \beta$. A lista à esquerda da $\vdash$ (lê-se catraca) é chamada de *contexto*.

2.1.3 Regras de derivação e Cálculo de sequêntes

É necessário, na tipagem intrínseca, definir a coleção de todos os λ-termos tipados:

Definição 2.2 (λ-termos pré-tipados)**.** A coleção $\Lambda_{\mathbb{T}}$ de λ-termos pré-tipados é definida pela BNF:
$\Lambda_{\mathbb{T}} = V|(\Lambda_{\mathbb{T}}\Lambda_{\mathbb{T}})|(\lambda V : \mathbb{T}.\Lambda_{\mathbb{T}})$

Para expressar as tipagens dos λ-termos, é necessário desenvolver um conjunto de definições que ainda não foram mostradas:

Definição 2.3.

1. Uma *sentença* é $M : \sigma$, onde $M \in \Lambda_{\mathbb{T}}$ e $\sigma \in \mathbb{T}$. Nessa sentença, M é chamado de *sujeito* e σ de *tipo*

2. Uma *declaração* é uma sentença com uma *variável* como sujeito

3. Um *Contexto* é uma lista, possivelmente nula, de declarações com diferentes sujeitos

4. Um *Juizo* possui a forma $\Gamma \vdash M : \sigma$, onde Γ é o contexto e $M : \sigma$ é uma sentença.

Para estudar a tipagem, será utilizado um sistema de derivações trazido da lógica chamado de *Cálculo de sequêntes*. O cálculo de sequêntes dá a possibilidade de gerar juizos de forma formal utilizando árvores de derivação no estilo:

$$\frac{\text{premissa 1} \qquad \text{premissa 2} \qquad \dots \qquad \text{premissa } n}{\text{Conclusão}}$$

Acima da linha horizontal estão as premissas, que são cada uma um juizo, e abaixo da linha horizontal está a conclusão, que é em si um juizo também. A linha marca uma regra de derivação específica da teoria que se está trabalhando.

Definição 2.4 (Regras de derivação para o STλC)**.**

- (*var*) $\Gamma \vdash x : \sigma$, dado que $x : \sigma \in \Gamma$.

- (*appl*)

$$\frac{\Gamma \vdash M : \sigma \to \tau \qquad \Gamma \vdash N : \sigma}{\Gamma \vdash MN : \tau}\text{appl}$$

- (*abst*)

$$\frac{\Gamma, x : \sigma \vdash M : \tau}{\Gamma \vdash \lambda x : \sigma . M : \sigma \to \tau}\text{abst}$$

A regra *(var)* não possui premissas e possui como conclusão o fato que dado um contexto Γ, se existe uma declaração em Γ, essa declaração é derivável através de Γ. Essa primeira regra é tratada como axioma em (Hindley, 1997), pois, assim como todo axioma, ela é derivável sem precisar de premissas. Na construção da árvore de dedução, essa regra está no topo como uma "raiz".

A regra *(appl)* é equivalente no cálculo ao que foi feito antes. Essa regra também é chamada na literatura de $\to -elim$ ou $\to E$

A regra *(abs)* é equivalente no cálculo à abstração e pode ser chamada na literatura de $\to -intro$ ou $\to I$.

Exemplo:

$$\cfrac{\cfrac{\cfrac{(1)\ y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash y : \alpha \to \beta \qquad (2)\ y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash z : \beta}{(3)\ y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash yz : \beta}\text{appl}}{(4)\ y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha . yz : \alpha \to \beta}\text{abs}}{(5)\ \emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta . \lambda z : \alpha . yz : (\alpha \to \beta) \to \alpha \to \beta}\text{abs}$$

Dada a derivação já montada, sua leitura pode ser feita de baixo para cima, feito levando em conta as premissas mais fundamentais até a conclusão final, de forma a adicionar informação aos juízos a cada passo, ou de cima para baixo, feito para entender qual caminho leva até o objetivo final.

1. Os passos (1) e (2) usam a regra (*var*)
2. O passo (3) usa a regra (*app*) usando (1) e (2) como premissas
3. O passo (4) usa a regra ((abs)) com (3) como premissa
4. O passo (5) usa a regra ((abs)) com (4) como premissa

As regras de derivação podem ser entendidas em outros contextos:

Matemática: Seja $A \to B$ o conjunto de todas as funções de A para B, então as regras se tornam:

1. (*aplicação funcional*)

$$\frac{\text{se } f \text{ é um membro de } A \to B \qquad \text{e se } c \in A}{\text{então } f(c) \in B}$$

2. (*abstração funcional*)

$$\frac{\text{Se para } x \in A \text{ segue-se que } f(x) \in B}{\text{então } f \text{ é membro de } A \to B}$$

Lógica: Seja $A \Rightarrow B$ "A implica em B", então pode-se ler $A \to B$ como $A \Rightarrow B$. As regras se tornam:

1. $(\Rightarrow -elim)$

$$\frac{A \to B \qquad A}{B}$$

2. $(\Rightarrow -intro)$

$$\frac{\begin{array}{c} A \\ \vdots \end{array}}{B}$$

A regra de eliminação é denominada de *Modus Ponens*. Ambas as regras como estão escritas aí são parte das regras definidas na *Dedução Natural*, um cálculo análogo ao cálculo de sequêntes (Toda árvore definida na dedução natural possui um equivalente no cálculo de sequêntes). Esse estilo de dedução natural é chamado de *Dedução natural no estilo de Gentzen*, para diferenciá-lo da *Dedução natural no estilo de Fitch* que é escrito como:

Definição 2.5 ($\lambda_\to$-termos legais)**.** Um termo M pré-tipado em $\lambda_\to$ é chamado *legal* se existe um contexto Γ e um tipo ρ tal que $\Gamma \vdash M : \rho$.

2.1.4 Problemas resolvidos no STLC

No geral, existem três tipos de problemas relacionados a julgamentos na teoria dos tipos:

1. *Bem-tipagem* (*Well-typedness*) ou *Tipabilidade*: esse problema surge da questão

$$? \vdash \text{termo } :?$$

Ou seja, saber se um termo é legal e, se não é, mostrar onde sua contrução falha.
(1a) *Atribuição de tipos*, que surge da questão:

$$\text{contexto } \vdash \text{termo } :?$$

. Ou seja, dado um contexto e um termo, derive seu tipo.

2. *Checagem de tipos*, que surge da questão

$$\text{contexto } \vdash^? \text{termo } : \text{tipo}$$

. Ou seja, se é realmente verdadeiro que o termo possui o tipo no determinado contexto.

3. *Encontrar o termo*, que surge da questão:

$$\text{contexto } \vdash ? : \text{tipo}$$

. Um tipo particular desse problema é quando o contexto é vazio, ou seja

$$\emptyset \vdash ? : \text{tipo}$$

.

Todos esses problemas são *decidíveis* em $\lambda_\to$. Ou seja, para cada um deles existe um *algoritmo* (um conjunto de passos) que produz a resposta. Em outros sistemas, encontar um termo se torna *indecidível*.

2.1.5 Bem-tipagem em $\lambda_\to$

Para exemplificar os passos necessários para resolver a bem-tipagem em $\lambda_\to$, será utilizado o exemplo descrito em 1.1.3, dessa vez passo a passo.

O objetivo é mostrar que o termo $M \equiv \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz$ é um termo legal. Logo, precisamos encontrar um contexto Γ e um tipo ρ tal que $\Gamma \vdash M : \rho$.

Primeiro, como não existem variáveis livres em M, o contexto inicial pode ser considerado vazio: $\Gamma = \emptyset$.

Inicialmente, o primeiro passo é descobrir qual a premissa, ou premissas, que gera o termo e a regra de dedução:

$$\dfrac{?}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;?$$

Como a primeira parte do termo é um λy, a única regra possível inicialmente é a abstração:

$$\dfrac{\dfrac{?}{y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;?}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}$$

Novamente, a única regra possível é a abstração:

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{?}{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash yz : \ldots}\;?}{y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}$$

Sobrou do lado direito da catraca o termo yz que, vendo o contexto, é a aplicação de outros dois termos, logo a única regra possível é a aplicação:

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash y : \alpha \to \beta \qquad y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash z : \beta}{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash yz : \ldots}\;\text{appl}}{y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}$$

Como as premissas mais superiores são geradas de (var), não há mais nenhum passo de premissas e a tipagem pode ser realizada de cima para baixo.

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash y : \alpha \to \beta \qquad y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash z : \beta}{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash yz : \beta}\;\text{appl}}{y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}$$

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash y : \alpha \to \beta \qquad y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash z : \beta}{y : \alpha \to \beta, z : \alpha \vdash yz : \beta}\;\text{appl}}{y : \alpha \to \beta \vdash \lambda z : \alpha.yz : \alpha \to \beta}\;\text{abs}}{\emptyset \vdash \lambda y : \alpha \to \beta.\lambda z : \alpha.yz : \ldots}\;\text{abs}$$

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{y:\alpha\to\beta, z:\alpha \vdash y:\alpha\to\beta \qquad y:\alpha\to\beta, z:\alpha\vdash z:\beta}{y:\alpha\to\beta, z:\alpha\vdash yz:\beta}\,\text{appl}}{y:\alpha\to\beta\vdash \lambda z:\alpha.yz:\alpha\to\beta}\,\text{abs}}{\emptyset\vdash \lambda y:\alpha\to\beta.\lambda z:\alpha.yz:(\alpha\to\beta)\to\alpha\to\beta}\,\text{abs}$$

Se existisse algum problema no caso de encontrar variáveis com tipagem incongruente nas últimas premissas ou não ter mais nenhum passo, então o termo não seria bem-tipado.

2.1.6 Checagem de tipos em $\lambda_{\to}$

Seja o juizo

$$x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash(\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z)(yx):\gamma\to\beta$$

é necessário construir uma árvore de inferências que demonstre que $\gamma\to\beta$ é o tipo correto do termo do lado direito.

$$\dfrac{?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash^{?}(\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z)(yx):\gamma\to\beta}\,?$$

Usando a regra da aplicação, tem-se:

$$\dfrac{\dfrac{?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,? \qquad \dfrac{?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash yx:\ ?}\,?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash^{?}(\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z)(yx):\gamma\to\beta}\,\text{appl}$$

O lado direto se segue da regra da aplicação:

$$\dfrac{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash x:\alpha\to\alpha \qquad x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash y:(\alpha\to\alpha)\to\beta}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash yx:\ ?}\,\text{appl}$$

Usando essa subárvore, pode-se ver que yx possui o tipo $yx:\beta$.

O lado esquerdo se segue da abstração:

$$\dfrac{\dfrac{?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta, z:\beta\vdash\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,?}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,\text{abst}$$

abstraindo novamente:

$$\dfrac{\dfrac{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta, z:\beta, u:\gamma\vdash z:\beta}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta, z:\beta\vdash\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,\text{abst}}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,\text{abst}$$

Agora, é possível "descer" novamente "coletando" os tipos que foram deixados para trás:

$$\dfrac{\dfrac{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta, z:\beta, u:\gamma\vdash z:\beta}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta, z:\beta\vdash\lambda u:\gamma.z:\gamma\to\beta}\,\text{abst}}{x:\alpha\to\alpha, y:(\alpha\to\alpha)\to\beta\vdash\lambda z:\beta.\lambda u:\gamma.z:\ ?}\,\text{abst}$$

e

$$\dfrac{\dfrac{x : \alpha \to \alpha, y : (\alpha \to \alpha) \to \beta, z : \beta, u : \gamma \vdash z : \beta}{x : \alpha \to \alpha, y : (\alpha \to \alpha) \to \beta, z : \beta \vdash \lambda u : \gamma.z : \gamma \to \beta}\,\text{abst}}{x : \alpha \to \alpha, y : (\alpha \to \alpha) \to \beta \vdash \lambda z : \beta.\lambda u : \gamma.z : \beta \to \gamma \to \beta}\,\text{abst}$$

Seja $\Gamma \equiv x : \alpha \to \alpha, y : (\alpha \to \alpha) \to \beta$, a árvore completa fica:

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{\Gamma, z : \beta, u : \gamma \vdash z : \beta}{\Gamma, z : \beta \vdash \lambda u : \gamma.z : \gamma \to \beta}\,\text{abst}}{\Gamma \vdash \lambda z : \beta.\lambda u : \gamma.z : \beta \to \gamma \to \beta}\,\text{abst} \qquad \dfrac{\Gamma \vdash x : \alpha \to \alpha \qquad \Gamma \vdash y : (\alpha \to \alpha) \to \beta}{\Gamma \vdash yx : \beta}\,\text{appl}}{\Gamma \vdash (\lambda z : \beta.\lambda u : \gamma.z)(yx) : \gamma \to \beta}\,\text{appl}$$

Dessa forma, é possível perceber que sim, a aplicação de $\lambda z : \beta.\lambda u : \gamma.z : \beta \to \gamma \to \beta$ com $yx : \beta$ possui o tipo $\gamma \to \beta$.

2.1.7 Encontrar termos em $\lambda_{\to}$

Seja o tipo $A \to B \to A$. A pergunta que fica é: é possível encontrar um termo para esse tipo? Essa pergunta é, vista do ponto da lógica, a mesma coisa que "é possível computar uma prova para essa proposição?" (Isso será visto mais adiante). Isso é a mesma coisa que: $? : A \to B \to A$. Pelas regras de inferência:

$$\dfrac{?}{?\ \vdash\ ?\ : A \to B \to A}\,?$$

Supondo um termo $x : A$, pode-se escrever a árvore como:

$$\dfrac{\dfrac{?}{x : A \vdash\ ?\ : B \to A}\,?}{x : A \vdash\ ?\ : A \to B \to A}\,\text{abst}$$

E supondo um outro termo $y : B$, pode-se escrever como:

$$\dfrac{\dfrac{\dfrac{?}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : A}\,?}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : B \to A}\,\text{abst}}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : A \to B \to A}\,\text{abst}$$

Como já existe um termo de tipo A, pode-se substituir o termo desconhecido por x:

$$\dfrac{\dfrac{x : A, y : B \vdash x : A}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : B \to A}\,\text{abst}}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : A \to B \to A}\,\text{abst}$$

Usando a regra da abstração:

$$\dfrac{\dfrac{x : A, y : B \vdash x : A}{x : A, y : B \vdash \lambda y.x : B \to A}\,\text{abst}}{x : A, y : B \vdash\ ?\ : A \to B \to A}\,\text{abst}$$

Novamente:

$$\dfrac{\dfrac{x : A, y : B \vdash x : A}{x : A, y : B \vdash \lambda y.x : B \to A}\,\text{abst}}{x : A, y : B \vdash \lambda xy.x : A \to B \to A}\,\text{abst}$$

2.1.8 Propriedades gerais do STλC

Ficaram faltando nas definições anteriores a explicação de algumas propriedades gerais da sintaxe do STλC.

Algumas propriedades sobre os contextos:

Definição 2.6 ((Domínio, subcontexto, permutação, projeção))**.**

1. Se $\Gamma \equiv x_1 : \sigma_1, \ldots, x_n : \sigma_n$, então o *domínio* de Γ ou $dom(\Gamma)$ é a lista $(x_1, \ldots, x_n)$.
2. Um contexto Γ' é um *subcontexto* do contexto Γ, ou $\Gamma' \subseteq \Gamma$ se todas as declarações que ocorrem em Γ' também ocorrem em Γ na mesma ordem.
3. Um contexto Γ' é uma *permutação* do contexto Γ, ou $\Gamma' \subseteq \Gamma$ se todas as declarações que ocorrem em Γ' também ocorrem em Γ e vice-versa
4. Se Γ é um contexto e Φ o conjunto de variáveis, então a *projeção* de Γ em Φ, ou $\Gamma \upharpoonright \Phi$, é o subcontexto Γ' de Γ com $dom(\Gamma') = dom(\Gamma) \cap \Phi$

Em uma lista, a ordem dos elementos importa.

Exemplo: Seja $\Gamma \equiv y : \sigma, x_1 : \rho_1, x_2 : \rho_2, z : \tau, x_3 : \rho_3$, então:

1. $dom(\emptyset) = ()$, onde $\emptyset$ é chamado de lista vazia;
2. $dom(\Gamma) = (y, x_1, x_2, z, x_3)$
3. $\emptyset \subseteq (x_1 : \rho_1, z : \tau) \subseteq \Gamma$
4. $\Gamma \upharpoonright \{z, u, x_1\} = x_1 : \rho_1, z : \tau$

Uma propriedade importante de $\lambda_\rightarrow$ é a seguinte:

Lema 2.1. (Lemma das variáveis livres)
Se $\Gamma \vdash L : \sigma$, então $FV(L) \subseteq dom(\Gamma)$.

Como consequência desse lemma, seja x uma variável livre que ocorre em L, então x possui um tipo, o qual é declarado no contexto Γ. Em um juizo, não é possível ocorrer confusão sobre o tipo de qualquer variável, pois todas as variáveis ligadas possuem seu tipo, antes da ligação λ.

Para provar esse lemma, é necessário usar uma técnica de prova chamada de *indução estrutural*. Essa indução ocorre da seguinte forma:

Seja $\mathcal{P}$ a propriedade geral que se quer provar para uma expressão arbitrária $\mathcal{E}$, procede-se da seguinte forma:

- Assumindo que $\mathcal{P}$ é verdadeira para toda expressão $\mathcal{E}'$ usada no construto $\mathcal{E}$ (*Hipótese Indutiva*),
- e provando que $\mathcal{P}$ também é verdadeira para $\mathcal{E}$.

Prova do Lemma: Seja $\mathcal{J} \equiv \Gamma \vdash L : \sigma$, e suponha que $\mathcal{J}$ é a conclusão final de uma derivação e assuma que o conteudo do Lemma vale para as premissas usadas para inferir a conclusão.

Pela definição das regras de inferência, existem três possibilidades de regra para conclusão: (*var*), (*appl*) e (*abst*). Provando por casos:

1. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*var*)
   Então $\mathcal{J}$ possui a forma $\Gamma \vdash x : \sigma$ se seguindo de $x : \sigma \in \Gamma$. O L do lemma é o x e precisamos provar que $FV(x) \subseteq dom(\Gamma)$. Mas isso é consequência direta de $x : \sigma \in \Gamma$.

2. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*appl*)
   Então $\mathcal{J}$ deve ter a forma $\Gamma \vdash MN : \tau$ e precisa-se provar que $FV(MN) \in dom(\Gamma)$. Por indução, a regra já é válida para as premissas de (*appl*), que são $\Gamma \vdash M : \sigma \to \tau$ e $\Gamma \vdash N : \sigma$.
   Assim, pode-se assumir que $FV(M) \subseteq dom(\Gamma)$ e $FV(N) \subseteq dom(\Gamma)$. Como $FV(MN) = FV(M) \cup FV(N)$, então $FV(MN) \subseteq dom(\Gamma)$.

3. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*abst*)
   Então $\mathcal{J}$ deve ter a forma $\Gamma \vdash \lambda x : \sigma.M : \sigma \to \tau$ e precisa-se provar que $FV(\lambda x : \sigma.M) \in dom(\Gamma)$. Por indução, a regra já é válida para a premissa de (*abst*), que é $\Gamma, x : \sigma \vdash M : \tau$.
   Assim, pode-se assumir que $FV(M) \subseteq dom(\Gamma) \cup \{x\}$. Como $FV(\lambda x : \sigma.M) = FV(M) \backslash \{x\}$, então $FV(M) \backslash \{x\} \subseteq dom(\Gamma)$.

Outras propriedades também podem ser provadas no mesmo estilo de indução:

Lema 2.2. (Afinamento, Condensação, Permutação)

1. (*Afinamento*) Sejam Γ' e Γ'' contextos tais que $\Gamma' \subseteq \Gamma''$. Se $\Gamma' \vdash M : \sigma$, então $\Gamma'' \vdash M : \sigma$

2. (*Condensação*) Se $\Gamma \vdash M : \sigma$, então também $\Gamma \restriction FV(M) \vdash M : \sigma$

3. (*Permutação*) Se $\Gamma \vdash M : \sigma$ e Γ' é uma permutação de Γ, então Γ' também é um contexto e $\Gamma' \vdash M : \sigma$.

explicação:

- O "afinamento" de um contexto é uma extensão do contexto obtida ao adicionar declarações extras com novas variáveis. O lema anterior diz que: se M é tem tipo σ em um contexto Γ', então M também terá um tipo σ em um contexto "mais fino" Γ'. Ou seja, a validade do tipo de M não muda ao adicionar novas declarações ao contexto.

- O lema da "condensação" diz que declarações $x : \rho$ podem ser retiradas de Γ caso x não ocorra livre em M. Ou seja, ele só deixa declarações relevantes à M.

- O lema da "permutação" diz que não importa o jeito que o contexto foi ordenado e também que declarações no contexto são mutualmente independentes, então não existe impedimento teórico para a permutação do contexto. (Isso não vai ser verdadeiro em todas as teorias)

Prova do (1): A prova será feita por indução no juizo $\mathcal{J} \equiv \Gamma' \vdash M : \sigma$, assumindo que $\Gamma' \subseteq \Gamma''$. Existem três casos para considerar correspondentes a cada regra de inferência:

1. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*var*)
   Então $\mathcal{J}$ possui a forma $\Gamma' \vdash x : \sigma$ se seguindo de $x : \sigma \in \Gamma'$. Mas se $\Gamma' \subseteq \Gamma''$, então $x : \sigma \in \Gamma''$. Desse modo, usando (*var*) tem-se que $\Gamma'' \vdash x : \sigma$.

2. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra ($appl$)
   Então $\mathcal{J}$ possui a forma $\Gamma' \vdash MN : \tau$ e precisa-se provar que $\Gamma'' \vdash MN : \tau$. Por indução, o afinamento é válido em $\Gamma' \vdash M : \sigma \to \tau$ e $\Gamma' \vdash N : \tau$. Mas, sendo assim, tem-se que $M \in \Gamma'$ e $N \in \Gamma'$, logo: $M \in \Gamma''$ e $N \in \Gamma''$ e, usando a regra ($appl$) em cima de $\Gamma'' \vdash M : \sigma \to \tau$ e $\Gamma'' \vdash N : \tau$, tem-se que $\Gamma'' \vdash MN : \tau$.

3. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra ($abst$)
   Então $\mathcal{J}$ tem que ter a forma $\Gamma' \vdash \lambda x : \rho.L : \rho \to \tau$. Temos que provar que $\Gamma' \vdash \lambda x : \rho.L : \rho \to \tau$, assumindo que $x \notin dom(\Gamma'')$. Por indução na regra, temos que o "afinamento" também é válido para $\Gamma', x : \rho \vdash L : \tau$. Mas, como $x \notin dom(\Gamma'')$, então podemos criar o contexto $\Gamma'', x : \rho$. E é possível ver que $\Gamma', x : \rho \subseteq \Gamma'', x : \rho$. Dessa forma, se segue que: $\Gamma'', x : \rho \vdash L : \tau$ e, através da regra, $\Gamma'' \vdash \lambda x : \rho.L : \rho \to \tau$

As provas das outras duas partes se seguem de forma similiar e são deixadas para o leitor como exercício.

Outro lema importante é o seguinte:

Lema 2.3. (Lema da Geração)

1. Se $\Gamma \vdash x : \sigma$, então $x : \sigma \in \Gamma$

2. Se $\Gamma \vdash MN : \tau$, então existe um tipo σ tal que $\Gamma \vdash M : \sigma \to \tau$ e $\Gamma \vdash N : \sigma$

3. Se $\Gamma \vdash \lambda x : \sigma.M : \rho$, então existe um τ tal que $\Gamma, x : \sigma \vdash M : \tau$ e $\rho \equiv \sigma \to \tau$.

prova: Pela inspeção das regras de inferência de $\lambda_{\to}$, é possível ver que não existe outra possibilidade a não ser as listadas no lema.

Lema 2.4. (Lema do subtermo) Se M é legal, então todo subtermo de M é legal.

Então, se existem Γ_1 e σ_1 tal que $\Gamma_1 \vdash M : \sigma_1$ e se L é um subtermo de M, então existem Γ_2 e σ_2 tais que $\Gamma_2 \vdash L : \sigma_2$. Com essa descrição, é possível ver que a prova também se segue da indução nas regras.

prova: Usando a indução e supondo $\Gamma \vdash x : \sigma$ como caso base, tem-se dois casos:

- Se $M \equiv NL : \tau$, então tem-se que $\Gamma \vdash NL : \tau$, onde N e L são subtermos de M. Pelo lema da geração, existe um tipo σ tal que $\Gamma \vdash N : \sigma \to \tau$ e $\Gamma \vdash L : \sigma$. Dessa forma, N e L são legais

- Se $M \equiv \lambda x.N : \rho$, então tem-se que $\Gamma \vdash \lambda x.N : \rho$, onde N é subtermo de M. Pelo lema da geração, existe um tipo τ tal que $\Gamma, x : \sigma \vdash M : \tau$ e $\rho \equiv \sigma \to \tau$. Dessa forma M é legal e $\Gamma_2 \equiv \Gamma_1, x : \sigma$.

Uma propriedade importante da Teoria dos Tipos de Church é que cada termo possui um tipo único, que pode ser descrito no seguint lema:

Lema 2.5. (Unicidade dos tipos) Assuma que $\Gamma \vdash M : \sigma$ e $\Gamma \vdash M : \tau$, então $\sigma \equiv \tau$.

Prova: Por indução na construção de M

Teorema 2.1. (Decidabilidade) Em $\lambda_{\to}$, os seguintes problemas são decidíveis:

1. Boa-tipagem: $? \vdash term :?$
2. Checagem de tipos: contexto $\vdash^{?}$ termo : tipo
3. Encontrar termos: contexto $\vdash ?$: tipo

Prova: A prova pode ser encontrada em (Barendregt, 1992).

2.1.9 Redução no STλC

Até agora, não havia sido definido o comportamento da β-redução no STλC. Para fazer isso, é necessário introduzir o seguinte lema:

Lema 2.6. (Lema da Substituição) Seja $\Gamma', x : \sigma, \Gamma'' \vdash M : \tau$ e $\Gamma' \vdash N : \sigma$, então $\Gamma', \Gamma'' \vdash M[x := N] : \tau$.

Esse lema diz que se em um termo legal M for substituido todas as ocorrências da variável do contexto x por um termo N de mesmo tipo que x, então o resultado $M[x := N]$ possui o mesmo tipo que M.
prova: Usando indução em cima do juizo $\mathcal{J} \equiv \Gamma', x : \sigma, \Gamma'' \vdash M : \tau$.

1. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*var*)
   Então $\mathcal{J}$ possui a forma $\Gamma', x : \sigma, \Gamma'' \vdash x : \sigma$. Se o contexto é bem formado, então $x : \sigma$ não está em Γ'' e $x \notin FV(N)$. Com isso, pode-se inferir que $x[x := N] : \sigma$.

2. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*appl*)
   Então $\mathcal{J}$ possui a forma $\Gamma' \vdash MN : \tau$, pela regra de inferência, temos dois juizos $\mathcal{J}' \equiv \Gamma' \vdash M : \rho \to \tau$ e $\mathcal{J}'' \equiv \Gamma' x : \sigma \vdash N : \rho$ para os quais vale o lema, logo supondo $\Gamma' \vdash L : \sigma$, temos que: $\Gamma', \Gamma'' \vdash M[x := N] : \rho \to \tau$ e $\Gamma', \Gamma'' \vdash N[x := L] : \rho$. Usando a regra da aplicação, temos: $\Gamma', \Gamma'' \vdash (M[x := L])N(x := L) : \tau$ que é a mesma coisa que $\Gamma', \Gamma'' \vdash (MN)(x := L) : \tau$. $\square$

3. Se $\mathcal{J}$ é a conclusão da regra (*abst*)
   Então $\mathcal{J}$ tem que ter a forma $\Gamma' \vdash \lambda u : \rho.L : \rho \to \tau$. Logo existe um outro juizo $\mathcal{J}' \equiv \Gamma', x : \sigma, \Gamma'', u : \rho \vdash L : \tau$. Mas em $\mathcal{J}'$, $x : \sigma$ não pode ocorrer em Γ', logo como $\Gamma' \vdash N : \sigma$, $x \notin FV(N)$. Usando o lema, temos que $\Gamma', \Gamma'', u : \rho \vdash L[x := N] : \tau$. Usando a regra da abstração: $\Gamma', \Gamma'' \vdash \lambda u : \rho.(L[x := N]) : \rho \to \tau$, que é o mesmo que $\Gamma', \Gamma'' \vdash (\lambda u : \rho.L)[x := N] : \rho \to \tau$. $\square$

Tendo definido a substituição, pode-se definir a β-redução:

Definição 2.7. (β-redução de passo único para $\Lambda_{\mathbb{T}}$)

1. (Base) $(\lambda x : \sigma.M)N \to_{\beta} M[x := N]$
2. (Compatibilidade) Como na definição 1.10

Como os tipos não são importantes no processo de β-redução, o Teorema de Church-Rosser também se torna válido no $\lambda_{\to}$:

Teorema 2.2. (Teorema de Church-Rosser) A propriedade de Church-Rosser também é válida para $\lambda_{\rightarrow}$

Corolário 2.1. Suponha que $M =_{\beta} N$, então existe um L tal que $M \twoheadrightarrow_{\beta} L$ e $N \twoheadrightarrow_{\beta} L$

Lema 2.7. (Redução do sujeito) Se $\Gamma \vdash L : \rho$ e se $L \twoheadrightarrow_{\beta} L'$, então $\Gamma \vdash L' : \rho$.

Esse lema final mostra que a β-redução não afeta a tipabilidade e não muda o tipo do termo afetado, logo o mesmo contexto inicial serve para inferir.

Prova:

Teorema 2.3. (Teorema da normalização forte) Todo termo legal M é fortemente normalizável

Esse teorema garante que não existam termos que não são redutíveis, ou seja, todo termo legal em $\lambda_{\rightarrow}$ possi uma forma normal e nem todo termo legal possui um ponto fixo. Isso faz com que o STλC não seja turing-completo. Essa característica não é muito desejável na implementação de linguagens de programação, pois na vida real, é necessário implementar códigos que podem não terminar. Por esse motivo, é necessário formar extensões do cálculo para que ele funcione nesses casos.

O fato do universo de funções legais possíveis ser reduzido bastante no STλC fez com que pesquisas em modelos partindo do Cálculo λ não tipado fossem desenvolvidas. Esses modelos como trabalhados na subseção 1.2 possuem vantagens (e desvantagens) em relação à tipagem.

2.2 Extensões ao STλC e as Teorias dos Tipos Simples

3 O Sistema F

No Cálculo-Lambda Simplesmente Tipado, é possível definir a função identidade, a função que pega um valor como input e retorna o próprio valor como outpu, para cada tipo definido no cálculo:

- Para os números naturais, $\lambda x : \mathbb{N}.x$
- Para os booleanos, $\lambda x : bool.x$
- Para o tipo das funções dos naturais nos booleanos, $\lambda x : (\mathbb{N} \to bool).x$
- ...

Mas dessa forma, quanto mais tipos a teoria suportar, mais formais diferentes são possíveis de serem criadas. Isso faz com que existam vários termos análogos sem qualquer possibilidade de relação entre eles. O máximo que se pode dizer é fazer uma quantificação além de $\lambda_{\to}$ e construir um tipo arbitrário α com uma função $f \equiv \lambda x : \alpha.x$ que seria a função identidade arbitrária.

Porém, dado um termo $M : \mathbb{N}$, não é possível escrever fM pois $\alpha \not\equiv \mathbb{N}$. Para fazer isso, é necessário que a função receba também o tipo específico que ela precisa ter para receber o termo M, fazendo um segundo processo de abstração em cima da função da seguinte forma:

$$\lambda \alpha : *.\lambda x : \alpha.x$$

Nesse caso, α se torna uma variável de tipo e $\star$ o tipo de todos os tipos. Esse termo é chamado de *polimórfico*, pois pode possuir diversas formas diferentes a depender do tipo escolhido:

- $(\lambda \alpha : *.\lambda x : \alpha.x)\mathbb{N} \to_{\beta} \lambda x : \mathbb{N}.x$

Para fazer essa extensão, é necessário adicionar regras de inferência e regras de tipagem que lidem com essa abstração de segunda ordem.

A tipagem para a função identidade $\lambda \alpha : *.\lambda x : \alpha.x$ é o tipo $\Pi \alpha : *.\alpha \to \alpha$, onde Π é o operador que tem como função ligar os tipos, chamado de Tipo Π ou Tipo Produto

Exemplos:

- A função de iteração D que recebe uma função $f : \alpha \to \alpha$ e retorna a aplicação dela duas vezes em cima de um termo $x : \alpha$ pode ser escrita da seguinte forma:

  $$D \equiv \lambda \alpha : *.\lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx)$$

  Nesse caso, D é a mesma coisa que $f \circ f$. Para os números naturais:

  $$D\mathbb{N} \equiv \lambda f : \mathbb{N} \to \mathbb{N}.\lambda x : \mathbb{N}.f(fx)$$

  e sendo f a função sucessor s que mapeia $n : \mathbb{N}$ em $n + 1 : \mathbb{N}$, então:

  $$D\mathbb{N}s \to_{\beta} \lambda x : \mathbb{N}.s(sx)$$

  O tipo de D é: $D : \Pi \alpha : *.(\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha$

- A composição de duas funções é a aplicação de uma função em outra. É possível definir o operador de composição $\circ$ da seguinte forma:

$$\circ \equiv \lambda\alpha : *.\lambda\beta : *\lambda\gamma : *.\lambda f : \alpha \to \beta.\lambda g : \beta \to \gamma.\lambda x : \alpha.g(fx)$$

  A sua tipagem é: $\circ : \Pi\alpha : *.\Pi\beta : *.\Pi\gamma : *.(\alpha \to \beta) \to (\beta \to \gamma) \to \alpha \to \gamma$

3.1 O Cálculo Lambda com tipagem de Segunda Ordem

3.1.1 Regras de Inferência

Uma vez inseridas as regras de abstração e aplicação de segunda ordem, é necessário extender as regras de inferência em relação ao STλC

Definição 3.1 (Regra de Inferência para a Abstração)**.**

$$\frac{\Gamma, \alpha : * \vdash M : A}{\Gamma \vdash \lambda\alpha : *.M : \Pi\alpha : *.A}\ abst_2$$

Essa regra define basicamente que, sendo M um termo de tipo A em um contexto onde α possui tipo $*$, então a abstração $\alpha : *.M$ possui o tipo $\Pi\alpha : *.A$. Essa regra da abstração difere da primeira por permitir a definição de α no contexto.

Definição 3.2 (Regra de Inferência para a Aplicação)**.**

$$\frac{\Gamma \vdash M : \Pi\alpha : *.A \qquad \Gamma \vdash B : *}{\Gamma \vdash MB : A[\alpha := B]}\ appl_2$$

3.1.2 O Sistema $\lambda 2$

A sintaxe de $\lambda 2$ segue de forma análoga a λ_σ, sendo descrita pela seguinte BNF:

$$\mathbb{T}2 = \mathbb{V}|(\mathbb{T}2 \to \mathbb{T}2)|(\Pi\mathbb{V} : *.\mathbb{T}2)$$

onde $\mathbb{V}$ é a coleção dos tipos variáveis, denominados de $\alpha, \beta, \gamma, \dots$.

Para os termos pré-tipados:

Definição 3.3. A coleção dos λ-termos pré-tipados de segunda ordem, ou $\lambda 2$-termos, é definido na seguinte BNF:

$$\Lambda_{\mathbb{T}2} = V|(\Lambda_{\mathbb{T}2}\Lambda_{\mathbb{T}2})|(\Lambda_{\mathbb{T}2}\mathbb{T}2)|(\lambda V : \mathbb{T}2.\Lambda_{\mathbb{T}2})|(\lambda\mathbb{V} : *.\Lambda_{\mathbb{T}2})$$

Onde V é a coleção das variáveis de termos $(x, y, z, \dots)$. Como existem ambos $\mathbb{V}$ e V, então a BNF possui duas formas de aplicação, uma de primeira ordem $(\lambda V : \mathbb{T}2.\Lambda_{\mathbb{T}2})$ para variáveis de termo e outro de segunda ordem $(\lambda\mathbb{V} : *.\Lambda_{\mathbb{T}2})$ para variáveis de tipo.

Da mesma forma, também existe a aplicação de primeira ordem $(\Lambda_{\mathbb{T}2}\Lambda_{\mathbb{T}2})$ e de segunda ordem $(\Lambda_{\mathbb{T}2}\mathbb{T}2)$.

As regras de parenteses em aplicação e abstração segue as regras vistas anteriormente para o STλC e para o $\lambda_{\beta\eta}$:

- Parenteses mais externos podem ser omitidos
- Aplicação é associativa à esquerda

- Aplicação e $\to$ precedem ambas abstrações λ e Π
- Abstrações λ e Π sucessivas com o mesmo tipo podem ser combinadas de forma associativa à direita
- Tipos funcionais são escritos de forma associativa à direita

Exemplo: $(\Pi\alpha : *.(\Pi\beta : *.(\alpha \to (\beta \to \alpha))))$ pode ser escrito como $\Pi\alpha, \beta : *.\alpha \to \beta \to \alpha$.

A definição para declarações e sentenças pode ser estendida da seguinte forma:

Definição 3.4 (Declarações, sentenças)**.**

- Uma *sentença* possui a forma $M : \sigma$ onde $M \in \Lambda_{\mathbb{T}2}$ e $\sigma \in \mathbb{T}2$ ou da forma $\sigma : *$, onde $\sigma \in \mathbb{T}2$
- Uma *declaração* é uma sentença com uma variável de termo ou uma variável de tipo como sujeito

Para $\lambda 2$ como é possível que uma variável de termo faça uso de uma variável de tipo, é necessário que a ordem da aparição dessas variáveis siga uma regra, para que uma variável não seja usada antes de ser declarada. O contexto pode ser descrito como um *domínio* da seguinte forma:

Definição 3.5 (Contexto de $\lambda 2$)**.**

1. $\emptyset$ é um contexto válido de $\lambda 2$
   $dom(\emptyset) = ()$, a lista vazia
2. Se Γ for um contexto de $\lambda 2$, $\alpha \in \mathbb{V}$ e $\alpha \notin dom(\Gamma)$, então $\Gamma, \alpha : *$ é um contexto de $\lambda 2$
   $dom(\Gamma, \alpha : *) = (dom(\Gamma), \alpha)$, ou seja $dom(\Gamma)$ concatenado com α
3. Se Γ for um contexto de $\lambda 2$, se $\rho \in \mathbb{T}2$ tal que $\alpha \in dom(\Gamma)$ para toda variável de tipo livre α existente em ρ e se $x \notin dom(\Gamma)$, então $\Gamma, x : \rho$ é um contexto de $\lambda 2$
   $dom(\Gamma, x : \rho) = (dom(\Gamma), x)$

Exemplos

- $\emptyset$ é um contexto de $\lambda 2$ por (1)
- $\alpha : *$ é um contexto de $\lambda 2$ por (2)
- $\alpha : *, x : \alpha \to \alpha$ é um contexto de $\lambda 2$ por (3)
- logo $\alpha : *, x : \alpha \to \alpha, \beta : *$ é um contexto de $\lambda 2$ por (2)
- e $\alpha : *, x : \alpha \to \alpha, \beta : *, y : (\alpha \to \alpha) \to \beta$ é um contexto de $\lambda 2$ por (3), sendo $dom(\Gamma) = (\alpha, x, \beta, y)$

A regra *var* pode ser reconstruida para lidar com os tipos de $\lambda 2$:

Definição 3.6. (Regra var em $\lambda 2$) (var) $\Gamma \vdash x : \sigma$ se Γ for um contexto de $\lambda 2$ e $x : \sigma \in \Gamma$

O problema é que, usando as regras até então, não é possível chegar ao juizo $\Gamma \vdash B : *$. Por isso, será introduzida uma nova regra:

Definição 3.7. (Regra de formação) $(form)$ $\Gamma \vdash B : *$ se Γ é um contexto de $\lambda 2$, $B \in \mathbb{T}2$ e todas as variáveis de tipo livres em B sejam declaradas em Γ

Regras de $\lambda 2$:

- (var) $\Gamma \vdash x : \sigma$ se Γ for um contexto de $\lambda 2$ e $x : \sigma \in \Gamma$
- $(appl)$

$$\frac{\Gamma \vdash M : \sigma \to \tau \qquad \Gamma \vdash N : \sigma}{\Gamma \vdash MN : \tau} \text{ appl}$$

- $(abst)$

$$\frac{\Gamma, x : \sigma \vdash M : \tau}{\Gamma \vdash \lambda x : \sigma.M : \sigma \to \tau} \text{ abst}$$

- $(form)$ $\Gamma \vdash B : *$ se Γ é um contexto de $\lambda 2$, $B \in \mathbb{T}2$ e todas as variáveis de tipo livres em B sejam declaradas em Γ
- $(appl_2)$

$$\frac{\Gamma \vdash M : \Pi\alpha : *.A \qquad \Gamma \vdash B : *}{\Gamma \vdash MB : A[\alpha := B]} \ appl_2$$

- $(abst_2)$

$$\frac{\Gamma, \alpha : * \vdash M : A}{\Gamma \vdash \lambda\alpha : *.M : \Pi\alpha : *.A} \ abst_2$$

Definição 3.8. ($\lambda 2$-termos legais) Um termo M em $\Lambda_{\mathbb{T}2}$ é chamado de *legal* se existe um contexto de $\lambda 2$ Γ e um tipo ρ em $\mathbb{T}2$ tal que $\Gamma \vdash M : \rho$

3.1.3 Exemplos de Derivação

Seja a seguinte árvore de inferência incompleta:

$$\frac{?}{\emptyset \vdash \lambda\alpha : *.\lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx) : \Pi\alpha : *.(\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha} \ ?$$

Primeiro, é necessário utilizar a regra $(abst_2)$:

$$\frac{\dfrac{?}{\alpha : * \vdash \lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx) : (\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha} \ ?}{\emptyset \vdash \lambda\alpha : *.\lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx) : \Pi\alpha : *.(\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha} \ abst_2$$

Após isso as regras que precisam ser utilizadas já são conhecidas a partir do STλC:

primeiro dois absts seguidos para f e x:

$$\frac{\dfrac{\dfrac{\dfrac{?}{\alpha : *, f : \alpha \to \alpha, x : \alpha \vdash f(fx) : \alpha} \ ?}{\alpha : *, f : \alpha \to \alpha \vdash \lambda x : \alpha.f(fx) : \alpha \to \alpha} \ abst}{\alpha : * \vdash \lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx) : (\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha} \ abst}{\emptyset \vdash \lambda\alpha : *.\lambda f : \alpha \to \alpha.\lambda x : \alpha.f(fx) : \Pi\alpha : *.(\alpha \to \alpha) \to \alpha \to \alpha} \ abst_2$$

O resto da Derivação fica como exercício para o leitor

3.1.4 Propriedades de $\lambda 2$

A definição de α-conversão deve ser acomodada para lidar com tipos Π:

Definição 3.9 (α-conversão ou α-equivalência)**.**

1. (Renomeando variáveis de termo)
   $\lambda x : \sigma.M =_\alpha \lambda y : \sigma.M^{x \to y}$ se $y \notin FV(M)$ e y não ocorre como ligante em M
2. (Renomeando variáveis de tipo)
   $\lambda \alpha : *.M =_\alpha \lambda \beta : *.M[\alpha := \beta]$ se β não ocorre em M
   $\Pi \alpha : *.M =_\alpha \Pi \beta : *.M[\alpha := \beta]$ se β não ocorre em M
3. O resto das definições se segue da definição 1.8

Também é possível extender a regra de β-redução:

Definição 3.10. (β-redução de passo único)

1. (Base, de primeira ordem) $(\lambda : \sigma.M)N \to_\beta M[x := N]$
2. (Base, de segunda ordem) $(\lambda \alpha : *.M)T \to_\beta M[\alpha := T]$
3. (Compatibilidade) da mesma forma que definição 1.10

Os lemmas definidos no capítulo 2 também podem ser utilizados aqui:

Lema 3.1. Os seguintes lemas e teoremas também são válidos para $\lambda 2$:

- Lema das variáveis livres
- Lema do afinamento
- Lema da condensação
- Lema da geração
- Lema do subtermo
- Unicidade dos tipos
- Lema da substituição
- Teorema de Church-Rosser
- Redução do sujeito
- Teorema da normalização forte

Lema 3.2 (Lema da permutação)**.** Se $\Gamma \vdash M : \sigma$ e Γ' é uma permutação de Γ e um contexto de $\lambda 2$ válido, então Γ' também é um contexto e $\Gamma' \vdash M : \sigma$.

3.2 O Sistema $\mathcal{F}$ de girard

4 A Teoria $\lambda\underline{\omega}$

4.1 A Teoria $\lambda\underline{\omega}$

Na seção anterior, foi introduzida a abstração em relação termos que podiam aceitar um tipo como parâmetro. Mas também é interessante construir tipos que aceitem tipos como parametros. Por exemplo, os tipos $\beta \to \beta$ e $\gamma \to \gamma$ possuem uma estrutura geral $\diamond \to \diamond$, com o tipo na mesma posição em relação à seta. Uma abstração em relação a $\diamond$ faz com que seja possível descrever uma família de tipos de forma mais simples.

Para isso, será introduzido aqui um *construtor de tipos* que gera uma função que recebe um tipo como valor e retorna um tipo como resultado, por exemplo $\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha$. Quando outros tipos são aplicados a essa função, ela muda seu comportamento:

$$(\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\beta \to_\beta \beta \to \beta$$

$$(\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\gamma \to_\beta \gamma \to \gamma$$

A questão que fica é definir o tipo dessas expressões. Pois sendo $\alpha : *$ e $\alpha \to \alpha : *$, então $\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha : * \to *$. Logo serão adicionados tipos como $* \to *$, $* \to (* \to *)$, etc. à sintaxe.

Os tipos $*$ e as setas entre $*$ são chamados de *espécies* (*kinds* em inglês). A BNF para o conjunto de todas as espécies é:

$$\mathbb{K} = *|\mathbb{K} \to \mathbb{K}$$

A notação dos parenteses segue a notação para os tipos simples introduzida anteriormente.

O tipo de todas as espécies é denotado por $\square$. Sendo assim $* : \square$ e $* \to * : \square$, etc. Se κ é uma espécie, então qualquer termo M "do tipo" κ é chamado de construtor de tipos, ou somente *construtor.* Então $\alpha : *.\alpha \to \alpha$ é um construtor, assim como somente $\alpha \to \alpha$ também.

Definição 4.1 (Construtores, construtores próprios)**.**

1. Se $\kappa : \square$ e $M : \kappa$, então M é um *construtor.* Se $\kappa \not\equiv *$, então M é um *construtor próprio*

2. O conjunto de todas as variedades (*sorts*) é $\{*, \square\}$

Para falar de uma variedade qualquer, será introduzido o simbolo s como meta variável.

Definição 4.2 (níveis)**.** Com essa construção, existem quatro níveis na sintaxe: Nível 1: termos Nível 2: construtores e tipos com construtores próprios Nível 3: espécies Nível 4: consiste somente em $\square$

Ao unir esses níveis é possível escrever correntes de juizos como $t : \sigma : * \to * : \square$, onde $t : \sigma$, $\sigma : * \to *$ e $* \to * : \square$ são juizos.

4.1.1 Regra sort e regra var em $\lambda\underline{\omega}$

É necessário escrever novas regras de inferência para $\lambda\underline{\omega}$, a primeira delas sendo a regra das espécies:

Definição 4.3 (Regra das variedades, Sort-rule)**.**
$(sort)$ $\emptyset \vdash * : \square$

A próxima regra é a regra de que todo termo ocorrendo em um contexto é derivável naquele contexto, para isso é necessário ter como base que o tipo do termo escolhido seja bem formado, então a regra (var) vai mudar em relação às teorias vistas anteriormente:

Definição 4.4 (Var-rule)**.**

$$(var)\ \frac{\Gamma \vdash A : s}{\Gamma, x : A \vdash x : A} \text{ se } x \notin \Gamma$$

A premissa dessa regra de derivação requer que A seja ou um tipo, se $s \equiv *$, ou uma espécie (se $s \equiv \square$). Então x pode ser ou um tipo variável ou um termo variável.

Exemplo de derivação:

$$\cfrac{\cfrac{\emptyset \vdash * : \square}{\alpha : * \vdash \alpha : *}\ (var)}{\alpha : *, x : \alpha \vdash x : \alpha}\ (var)$$

A primeira linha é formada utilizando a sort-rule, a segunda linha usa a var-rule com $s \equiv \square$ e a terceira linha usa a var-rule com $s \equiv *$

4.1.2 A regra do enfraquecimento em $\lambda\underline{\omega}$

Somente usando as regras (var) e $(sort)$ não é possível derivar $\alpha : *, \beta : * \vdash \alpha : *$, então é interessante desenvolver uma regra que permita fazer isso. A regra desejada seria uma regra que, partindo de $\alpha : * \vdash \alpha : *$, chegasse em $\alpha : *, \beta : * \vdash \alpha : *$. Ou seja, uma regra que adicionasse mais informação ao contexto do que o "necessario", que o enfraquecesse.

A regra do enfraquecimento segue a seguinte forma:

Definição 4.5 (Regra do enfraquecimento, $(weak)$)**.**

$$(weak)\ \frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash C : s}{\Gamma, x : C \vdash A : B} \text{ se } x \notin \Gamma$$

Ou seja, assumindo que tenha sido derivado o juizo $\Gamma \vdash A : B$, é possível enfraquecer o contexto Γ ao adicionar uma declaração arbitrária no final.

Então a derivação anterior se torna:

$$\cfrac{\cfrac{\emptyset \vdash * : \square}{\alpha : * \vdash \alpha : *}\ (var) \qquad \cfrac{\emptyset \vdash * : \square \qquad \emptyset \vdash * : \square}{\alpha : * \vdash * : \square}\ (weak)}{\alpha : *, \beta : * \vdash \alpha : *}\ (weak)$$

Também é possível fazer a seguinte derivação:

$$\cfrac{\cfrac{\emptyset \vdash * : \square \qquad \emptyset \vdash * : \square}{\alpha : * \vdash * : \square}\ (weak)}{\alpha : *, \beta : * \vdash \beta : *}\ (var)$$

4.1.3 A regra de formação de $\lambda\underline{\omega}$

A regra de inferência para formar tipos e espécies é descrita como:

Definição 4.6 (Regra de Formação, (*form*))**.**

$$\frac{\Gamma \vdash A : s \qquad \Gamma \vdash B : s}{\Gamma \vdash A \to B : s}\ (\mathit{form})$$

Note que não existem tipos dependentes de tipos em $\lambda\underline{\omega}$, logo não existem tipos Π.

Exemplo:

$$\frac{\dfrac{\dots}{\alpha : *, \beta : * \vdash \alpha : *}\ (\dots) \qquad \dfrac{\dots}{\alpha : *, \beta : * \vdash \beta : *}\ (\dots)}{\alpha : *, \beta : * \vdash \alpha \to \beta : *}\ (\mathit{form})$$

As duas subárvores geradas pela regra de formação nesse caso já foram detalhadas na subseção anterior, logo foram omitidas aqui.

Exemplo:

$$\frac{\dfrac{\dots}{\alpha : * \vdash * : \square}\ (\dots) \qquad \dfrac{\dots}{\alpha : * \vdash * : \square}\ (\dots)}{\alpha : * \vdash * \to * : \square}\ (\mathit{form})$$

4.1.4 Regras de abstração e aplicação

As regras de abstração e aplicação são definidas da seguinte forma:

Definição 4.7.

- (*appl*)

$$\frac{\Gamma \vdash M : A \to B \qquad \Gamma \vdash N : A}{\Gamma \vdash MN : B}\ (\mathrm{appl})$$

- (*abst*)

$$\frac{\Gamma, x : A \vdash M : B \qquad \Gamma \vdash A \to B : s}{\Gamma \vdash \lambda x : A.M : A \to B}\ (\mathrm{abst})$$

Exemplo: derivação de $(\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\beta$

$$\frac{\dfrac{?}{? \vdash \lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha}\ ? \qquad \dfrac{?}{? \vdash \beta : *}\ ?}{? \vdash (\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\beta}\ (\mathrm{appl})$$

A única regra que resolve o lado direito é a (*var*), logo o contexto deve ser também $\beta : *$:

$$\frac{\dfrac{?}{\beta : * \vdash \lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha}\ ? \qquad \dfrac{\emptyset \vdash * : \square}{\beta : * \vdash \beta : *}\ (\mathrm{var})}{\beta : * \vdash (\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\beta}\ (\mathrm{appl})$$

Já no lado esquerdo, é necessário usar a regra (*abst*):

$$\frac{\dfrac{\beta : *, \alpha : * \vdash \alpha \to \alpha : * \qquad \beta : * \vdash * \to * : \square}{\beta : * \vdash \lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha}\ (\mathrm{abst}) \qquad \dfrac{\emptyset \vdash * : \square}{\beta : * \vdash \beta : *}\ (\mathrm{var})}{\beta : * \vdash (\lambda\alpha : *.\alpha \to \alpha)\beta}\ (\mathrm{appl})$$

O resto das duas subárvores do lado esquerdo se segue das derivações feitas anteriormente.

4.1.5 Regra da Conversão

A regra da conversão faz com que termos que possuem um tipo que possa ser β-reduzido a outro, possa passar a possuir o tipo mais simples:

Definição 4.8 (Regra de Conversão, (*form*))**.**

$$\frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash B' : s}{\Gamma \vdash A : B'} \text{ se } B =_\beta B'$$

Regras de $\lambda\underline{\omega}$:

- (*sort*) $\emptyset \vdash * : \Box$
- (*var*)

$$(var)\ \frac{\Gamma \vdash A : s}{\Gamma, x : A \vdash x : A} \text{ se } x \notin \Gamma$$

- (*weak*)

$$(weak)\ \frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash C : s}{\Gamma, x : C \vdash A : B} \text{ se } x \notin \Gamma$$

- (*form*)

$$\frac{\Gamma \vdash A : s \qquad \Gamma \vdash B : s}{\Gamma \vdash A \to B : s}\ (form)$$

- (*appl*)

$$\frac{\Gamma \vdash M : A \to B \qquad \Gamma \vdash N : A}{\Gamma \vdash MN : B}\ \text{(appl)}$$

- (*abst*)

$$\frac{\Gamma, x : A \vdash M : B \qquad \Gamma \vdash A \to B : s}{\Gamma \vdash \lambda x : A.M : A \to B}\ \text{(abst)}$$

- (*conv*)

$$\frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash B' : s}{\Gamma \vdash A : B'} \text{ se } B =_\beta B'$$

4.1.6 Propriedades

O sistema $\lambda\underline{\omega}$ satisfaz a maioria das propriedades de sistemas anteriores. A única modificação necessária é no Lema da Unicidade dos tipos, pois tipos não são mais literalmente unicos, mas são únicos a menos de β-conversão:

Lema 4.1 (Unicidade dos tipos a menos de conversão)**.** Se $\Gamma \vdash A : B_1$ e $\Gamma \vdash A : B_2$, então $B_1 =_\beta B_2$

4.2 O Sistema $\mathcal{F}_\omega$ de Girard

5 Teoria dos Tipos Dependente

5.1 Teoria dos Tipos dependentes

Na Teoria dos Tipos simples $\lambda_{\rightarrow}$, cada termo depende de outro. Para cada extensão, foram adicionadas novas dependências:

- $\lambda 2$: termos dependem de tipos
- $\lambda \underline{\omega}$: tipos dependem de tipos

Fica faltando então uma teoria dos tipos que abarque tipos que dependem de termos.

- λP: tipos dependem de termos

É essa teoria que será analisáda nesse capítulo. Tipos que pendendem de termos possuem o seguinte formato:

$$\lambda x : A.M$$

onde M é um tipo e x é uma variável de termo (Logo A é um tipo também). A abstração $\lambda x : A.M$ *depende* do termo x.

Exemplos de Motivação:

(1) Na programação, podemos definir uma lista a partir de seu tamanho, por exemplo: $[1, 2]$: List2. Logo $\lambda n : \mathbb{N}.Listn$ também é um tipo, também chamado de *construtor de tipo*, *família de tipos* ou *tipo indexado* (indexado pelo termo $n : \mathbb{N}$) que depende do termo n

(2) Seja $S_n = \{0, n, 2n, 3n, \ldots\}$ o conjunto de todos os multiplos não negativos de n. Então $\lambda n : \mathbb{N}.S_n$ mapeia:

- $0 \mapsto \{0\}$
- $1 \mapsto \mathbb{N}$ (O conjunto de todos os números naturais)
- $2 \mapsto \{0, 2, 4, \ldots\}$ (O conjunto de todos os números pares)

O tipo de S_n e de List$n$ é $\mathbb{N} \rightarrow *$.
Um exemplo importante é o seguinte:

(3) Seja P_n uma *proposição* para cada $n : \mathbb{N}$. A partir da interpretação de *Proposições-como-Tipos*, $\lambda n : \mathbb{N}.P_n$ é um tipo que mapeia n para sua proposição P_n correspondente, chamado de *função com valor de proposição*. Na lógica, esse tipo de construção é chamado de *Predicado*. Por exemplo, seja a interpretação de P_n como "n é um número primo". Na lógica, esse predicado pode ser verdadeiro ou falso a depender do valor de n

5.1.1 Regras de Inferência de λP

As regras de inferência de λP são as seguintes:

$$(sort)\ \emptyset \vdash * : \square$$

$$(var)\ \frac{\Gamma \vdash A : s}{\Gamma, x : A \vdash x : A} \text{ se } x \notin \Gamma$$

$$(weak)\ \frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash C : s}{\Gamma, x : C \vdash A : B} \text{ se } x \notin \Gamma$$

$$(form)\ \frac{\Gamma \vdash A : * \qquad \Gamma, x : A \vdash B : s}{\Gamma \vdash \Pi x : A.B : s}$$

$$(appl)\ \frac{\Gamma \vdash M : \Pi x : A.B \qquad \Gamma \vdash N : A}{\Gamma \vdash MN : B[x := N]}$$

$$(abst)\ \frac{\Gamma, x : A \vdash M : B \qquad \Gamma \vdash \Pi x : A.B}{\Gamma \vdash \lambda x : A.M : \Pi x : A.B}$$

$$(conv)\ \frac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash B' : s}{\Gamma \vdash A : B'} \text{ se } B =_\beta B'$$

As regras (*sort*), (*var*) e (*weak*) em λP são identicas às de $\lambda\underline{\omega}$. Porém, as regras que diferem de $\lambda\underline{\omega}$ são porque:

(i) Com o uso de tipos Π, nas regras de (*form*), (*appl*) e (*abst*) os tipos $\rightarrow$ não aparecem como em $A \rightarrow B$ e no lugar são colocados tipos como $\Pi x : A.B$.

(ii) No tipo $\Pi x : A.B$, x é necessariamente um *termo*, logo $A : *$. O que difere de $\lambda\underline{\omega}$

Em λP, a abstração só é escrita como $A \rightarrow B$ no lugar de $\Pi x : A.B$ se existe a certeza que x não ocorre livre em B.

Na regra (*form*), existem dois casos possíveis:

1. Se $s = *$, então $A : *$, $B : *$ e $\Pi x : A.B : *$
2. Se $s = \square$, então $A : *$, $B : \square$ e $\Pi x : A.B : \square$

5.1.2 Exemplo de derivação em λP

Primeiro é interessante derivar o tipo $A \rightarrow * : \square$:

$$(form)\ \dfrac{(var)\ \dfrac{\emptyset \vdash * : \square}{\emptyset \vdash A : *} \qquad (weak)\ \dfrac{\emptyset \vdash * : \square \qquad (var)\ \dfrac{(weak)\ \dfrac{\emptyset \vdash * : \square \qquad \emptyset \vdash * : \square}{A : * \vdash * : \square}}{\emptyset \vdash A : *}}{x : A \vdash * : \square}}{\emptyset \vdash A \rightarrow * : \square}$$

Uma vez construido esse tipo, é possível utilizar a regra (*var*) para gerar um habitante desse tipo:

$$(var)\ \frac{\emptyset \vdash A \rightarrow * : \square}{P : A \rightarrow * \vdash P : A \rightarrow *}$$

Seja $x : A$ um termo, é possível construir a aplicação de P com x:

$$(appl)\ \dfrac{P : A \to * \vdash P : A \to * \qquad (var)\ \dfrac{\emptyset \vdash A : *}{x : A \vdash x : A}}{P : A \to *, x : A \vdash Px : *}$$

Podemos gerar o seguinte tipo:

$$(weak)\ \dfrac{P : A \to *, x : A \vdash Px : * \qquad P : A \to *, x : A \vdash Px : *}{P : A \to *, x : A, y : Px \vdash Px : *}$$

e

$$(form)\ \dfrac{P : A \to *, x : A \vdash Px : * \qquad P : A \to *, x : A, y : Px \vdash Px : *}{P : A \to *, x : A \vdash Px \to Px : *}$$

Logo:

$$(form)\ \dfrac{(weak)\ \dfrac{\emptyset \vdash A : * \qquad \emptyset \vdash A \to * : \square}{P : A \to * \vdash A : *} \qquad P : A \to *, x : A \vdash Px \to Px : *}{P : A \to * \vdash \Pi x : A.Px \to Px : *}$$

Para gerar os termos:

$$(abst)\ \dfrac{(abst)\ \dfrac{(var)\ \dfrac{P : A \to *, x : A \vdash Px : *}{P : A \to *, x : A, y : Px \vdash y : Px} \qquad P : A \to *, x : A \vdash Px \to Px : *}{P : A \to *, x : A \vdash \lambda y : Px.y : Px \to Px} \qquad P : A \to * \vdash \Pi x : A.Px \to}{P : A \to * \vdash \lambda x : A \lambda y : Px.y : \Pi x : A.Px \to Px}$$

Fica para o leitor integrar essas díversas árvores em uma única.

5.1.3 Lógica de Predicados mínima em λP

Em λP é possível codificar uma forma de lógica simples chamada de *lógica de predicados mínima*. Essa lógica só possui a implicação e o quantificador universal em sua estrutura. As suas entidades básicas são *proposições*, *conjuntos* e *predicados sobre conjuntos*.

A interpretação de Proposições-como-Tipos (PAT) é feita da seguinte forma:

- Se o termo b habita o tipo B (ou seja, $b : B$) e sendo B interpretada como uma proposição, então b é a *prova* de B, chamado de *objeto de prova*.

- Se um tipo B não possui habitante, então não existe prova de B e B deve ser falso

Em λP, para definir que b habita B temos que realizar um juizo no estilo $\Gamma \vdash b : B$ a partir das regras de inferência descritas anteriormente.

Um conjunto S pode ser codificado como um tipo, então $S : *$. *Elementos* de um conjunto são termos. Então se a é um elemento de S, $a : S$. Se S for o conjunto vazio, S não vai possuir termos.

Exemplos: Se $\mathbb{N} : *$, $3 : \mathbb{N}$

Proposições também podem ser definidas como tipos. Então sendo A uma proposição, $A : *$. Um termo $p : A$ é uma prova de A.

Como visto anteriormente, um predicado P é uma função de um *conjunto* S para o *conjunto de todas as proposições*, então: $P : S \to *$. Logo seja P um predicado arbitrário em S, ou seja $P : S \to *$, então para cada $a : S$ tem-se $Pa : *$. Todo Pa é uma proposição, que é um tipo em λP, logo existem duas possibilidades:

1. Se Pa for *habitado*, ou seja existe $t : Pa$, então o predicado é válido para a

2. Caso Pa não seja habitado, o predicado não se segue para a

Anteriormente, foi identificada a implicação $A \Rightarrow B$ com o tipo $A \to B$ da seguinte forma:

$A \Rightarrow B$ é verdadeiro

Se A é verdadeiro, então B é verdadeiro

Se A é habitado, então B é habitado

Existe uma função mapeando habitantes de A em habitantes de B

Existe uma função $f : A \to B$

$A \to B$ é habitado

A partir das regras de λP é possível obter as regras de eliminação e introdução da implicação:

1. $\Rightarrow$-elim $\dfrac{\Gamma \vdash M : A \to B \qquad \Gamma \vdash N : A}{\Gamma \vdash MN : B}$

2. $\Rightarrow$-intro $\dfrac{\Gamma, x : A \vdash M : B \qquad \Gamma \vdash A \to B : s}{\Gamma \vdash \lambda x : A.M : A \to B}$

Já a quantificação universal, $\forall_{x \in S} P(x)$, de um prediado P dependente de um x elemento de S vai ter sua equivalência encontrada da seguinte forma:

$\forall_{x \in S} P(x)$ é verdadeiro

Para cada x pertencente a S, a proposição $P(x)$ é verdadeira

para cada X em S, o tipo Px é habitado

Existe uma função mapeando cada x em S para um habitante de Px

Existe uma função f tal que $f : \Pi x : S.Px$

$\Pi x : S.Px$ é habitado

Logo, a forma de codificação de $\forall_{x \in S} P(x)$ é o tipo $\Pi x : S.Px$.
As regras de eliminação e introdução do $\forall$ no λP são as seguintes:

1. $\forall$-elim $\dfrac{\Gamma \vdash p : \forall_{x \in S} P(x) \qquad \Gamma \vdash n : S}{\Gamma \vdash pn : P(x)[x := n]}$

2. $\forall$-intro $\dfrac{\Gamma, x : S \vdash M : P(x) \qquad \Gamma \vdash \forall_{x \in S} P(x) : *}{\Gamma \vdash \lambda x : S.P(x) : \forall_{x \in S} P(x)}$

Essas regras correspondem, na dedução natural no estilo de Gentzen às seguintes:

1. $$\forall\text{I}\,\frac{P(n)}{\forall_{x\in S}P(x)}$$

2. $$\forall\text{E}\,\frac{\forall_{x\in S}P(x)}{P(n)}$$

5.1.4 Exemplo de derivação na lógica de predicados mínima

Seja S um conjunto de Q um predicado sobre S, então a seguinte proposição é provável usando a lógica de predicados mínima:

$$\forall_{x\in S}\forall_{y\in S}(Q(x,y)) \Rightarrow \forall_{u\in S}Q(u,u)$$

Na dedução natural, isso se torna:

$$\rightarrow\text{I}\,\cfrac{\forall\text{I}\,\cfrac{\forall\text{E}\,\cfrac{\forall\text{E}\,\cfrac{\forall_{x\in S}\forall_{y\in S}(Q(x,y))^1}{\forall_{y\in S}(Q(z,y))}}{Q(u,u)}}{\forall_{u\in S}Q(u,u)}}{\forall_{x\in S}\forall_{y\in S}(Q(x,y)) \Rightarrow \forall_{u\in S}Q(u,u)}$$

Usando as regras de inferência introduzidas anteriormente:
Primeiro, é necessário traduzir essa proposição para um tipo:

$$\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \rightarrow \Pi u : S.Quu$$

Então o problema se torna:

$$?\,\frac{?}{\emptyset \vdash ? : \Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \rightarrow \Pi u : S.Quu}$$

Usando as regras, é possível ver que o tipo $\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy$ precisa ser definido por um termo único z na abstração:

$$\rightarrow\text{-intro}\,\cfrac{?\,\cfrac{?}{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy) \vdash ? : \Pi u : S.Quu} \qquad \emptyset \vdash \Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \rightarrow \Pi u : S.Quu : *}{\emptyset \vdash \lambda z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy).? : \Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \rightarrow \Pi u : S.Quu}$$

Também por abstração, $\Pi u : S$ também se torna um termo próprio:

$$\rightarrow\text{-intro}\,\cfrac{\rightarrow\text{-intro}\,\cfrac{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy), u : S \vdash ? : Quu \qquad z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy) \vdash S : *}{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy) \vdash \lambda u : S.? : \Pi u : S.Quu}}{\emptyset \vdash \lambda z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy).\lambda u : S.? : \Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \rightarrow \Pi u : S.Quu}$$

A partir daqui é usado a regra da aplicação para o $\forall$:

$$
\dfrac{\dfrac{\dfrac{\dfrac{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy), u : S \vdash z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy)}{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy), u : S \vdash zu : \Pi y : S.Quy}\ \forall\text{-elim}}{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy), u : S \vdash zuu : Quu}\ \forall\text{-elim}}{z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy) \vdash \lambda u : S.zuu : \Pi u : S.Quu}\ \to\text{-intro}}{\emptyset \vdash \lambda z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy).\lambda u : S.zuu : \Pi x : S.\Pi y : S.Qxy \to \Pi u : S.Quu}\ \to\text{-intro}
$$

O lado direto de cada passo é deixado para o leitor fazer por si só (Dica: usar uma folha A4 no modo paisagem).

Logo, o termo que prova que a proposição é verdadeira é o $\lambda z : (\Pi x : S.\Pi y : S.Qxy).\lambda u : S.zuu$. O interessante de descobrir o termo é que, somente a partir do termo, é possível reconstruir toda a prova novamente.

6 Calculo de Construções

6.1 O Cálculo de Construções e o λ-Cubo

6.1.1 O Sistema λC

O *Calculo de Construções* é a combinação das extenções do STλC vistas anteriormente: O $\lambda 2$, o $\lambda \underline{\omega}$ e o λP. Esse sistema foi desenvolvido por Thierry Coquand em 1988. O C vem do seu sobrenome.

A única regra que difere λP de λC é a regra de formação, pois no λP, $(form)$ se comporta da seguinte forma:

$$(form_{\lambda P})\ \frac{\Gamma \vdash A : * \qquad \Gamma, x : A \vdash B : s}{\Gamma \vdash \Pi x : A.B : s}$$

A primeira premissa garante que x seja um termo, ou seja que $\Pi x : A.B : s$ seja uma relação de tipos dependendo de termos. Porém em $\lambda \underline{\omega}$, tipos podem depender de tipos também, logo $A : *$ se torna $A : s$, onde s pode ser tanto $*$ ou $\Box$. Porém é necessário diferenciar o s da primeira premissa do s da seguinda premissa, logo serão usados os números 1 e 2 da seguinte forma:

$$(form_{\lambda C})\ \frac{\Gamma \vdash A : s_1 \qquad \Gamma, x : A \vdash B : s_2}{\Gamma \vdash \Pi x : A.B : s_2}$$

Logo essa regra de formação pode ter quatro formas possíveis a depender da escolha de s_1 e s_2:

[]

$x : A : s_1$	$b : B : s_2$	(s_1, s_2)	$\lambda x : A.b$	sistema
$*$	$*$	$(*, *)$	termos que dependem de termos	$\lambda_{\rightarrow}$
$\Box$	$*$	$(\Box, *)$	termos que dependem de tipos	$\lambda 2$
$*$	$\Box$	$(*, \Box)$	tipos que dependem de termos	λP
$\Box$	$\Box$	$(\Box, \Box)$	tipos que dependem de tipos	$\lambda \underline{\omega}$

6.1.2 O λ-Cubo

Todas as extensões do cálculo λ simplesmente tipado vistos nos capítulos anteriores se juntam para formar o λC, mas são independentes entre si. Cada sistema diferente pode ser unido ao outro formando outro sistema da seguinte forma:

- $\lambda \underline{\omega} + \lambda 2 = \lambda \omega$
- $\lambda \underline{\omega} + \lambda P = \lambda P \underline{\omega}$
- $\lambda P + \lambda 2 = \lambda P 2$

Alguns desses sistemas derivados não possuem nomes separados como as extensões iniciais, sendo vistos primariamente como subsistemas de λC. O primeiro subsistema dessa lista é, só para relembrar, o Sistema $\mathcal{F}\omega$ de Girard.

Barendregt, no seu estulo desses diversos sistemas e suas ligações, desenvolveu uma forma de perceber esses sistemas em uma espécie de Cubo, onde cada "dimensão" (Largura, altura e profundidade) teria uma característica associada a um sistema diferente da seguinte forma:

$$
\begin{tikzcd}
 & \lambda\omega \arrow[rr] & & \lambda C \\
\lambda 2 \arrow[ur] \arrow[rr] & & \lambda P2 \arrow[ur] & \\
 & \lambda\underline{\omega} \arrow[uu] \arrow[rr] & & \lambda P\underline{\omega} \arrow[uu] \\
\lambda_{\to} \arrow[uu] \arrow[ur] \arrow[rr] & & \lambda P \arrow[uu] \arrow[ur] &
\end{tikzcd}
$$

As regras de inferência do λC são as seguintes:

$(sort)\ \emptyset \vdash * : \square$

$(var)\ \dfrac{\Gamma \vdash A : s}{\Gamma, x : A \vdash x : A}$ se $x \notin \Gamma$

$(weak)\ \dfrac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash C : s}{\Gamma, x : C \vdash A : B}$ se $x \notin \Gamma$

$(form)\ \dfrac{\Gamma \vdash A : s_1 \qquad \Gamma, x : A \vdash B : s_2}{\Gamma \vdash \Pi x : A.B : s_2}$

$(appl)\ \dfrac{\Gamma \vdash M : \Pi x : A.B \qquad \Gamma \vdash N : A}{\Gamma \vdash MN : B[x := N]}$

$(abst)\ \dfrac{\Gamma, x : A \vdash M : B \qquad \Gamma \vdash \Pi x : A.B}{\Gamma \vdash \lambda x : A.M : \Pi x : A.B}$

$(conv)\ \dfrac{\Gamma \vdash A : B \qquad \Gamma \vdash B' : s}{\Gamma \vdash A : B'}$ se $B =_\beta B'$

6.1.3 Propriedades de λC

A maioria das propriedades de λC são extensões das propriedades vistas anteriormente nos seus subsistemas. O que muda de um para o outro é a necessidade de construir definições e proposições que abarquem as diversas dependências que existem no sistema. Muitas das provas também se tornam mais e mais complexas a medida que são adicionadas novas regras e formas de se relacionar os sorts

Primeiro, é necessário definir as expressões de λC:

Definição 6.1 (Expressões de λC, $\mathcal{E}$, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** O conjunto $\mathcal{E}$ de λC-expressões é definido pela seguinte BNF:

$$\mathcal{E} = V|\square| * |(\mathcal{E}\mathcal{E})|(\lambda V : \mathcal{E}.\mathcal{E})|\Pi V : \mathcal{E}.\mathcal{E}$$

A notação de parenteses, abstrações sucessivas e aplicações sucessivas é a mesma.

Lema 6.1 (*Lema das Variáveis Livres*, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Se $\Gamma \vdash A : B$, então $FV(A)$ e $FV(B) \subseteq dom(\Gamma)$

O contexto é dito *bem-formado* se ele forma parte de um juizo derivável:

Definição 6.2 ((NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Um contexto Γ é *bem formado* se existem A e B tais que $\Gamma \vdash A : B$.

Com isso, é possível ver os seguintes lemas:

Lema 6.2 (Afinamento, Condensação, Permutação, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.**

(1) (*Afinamento*) Sejam Γ' e Γ'' contextos tais que $\Gamma' \subseteq \Gamma''$. Se $\Gamma' \vdash A : B$ e Γ'' é bem formado, então $\Gamma'' \vdash A : B$

(2) (*Permutação*) Sejam Γ' e Γ'' dois contextos e seja Γ'' a permutação de Γ'. Se $\Gamma' \vdash A : B$ e Γ'' é bem formado, então $\Gamma'' \vdash A : B$.

(3) (*Condensação*) Se $\Gamma', x : A, \Gamma'' \vdash B : C$ e x não ocorre em Γ'', B ou C, então $\Gamma', \Gamma'' \vdash B : C$.

Também é interessante saber se uma expressão é *legal* ou não:

Definição 6.3 ((NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Uma expressão M em λC é *legal* se existe Γ e N tais que $\Gamma \vdash M : N$ ou $\Gamma \vdash N : M$ (Ou seja, quando M é *tipável* ou *habitável*)

Lema 6.3 (Lema da subexpressão, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Se M é legal, então toda subexpressão de M é legal

Outro lema importante:

Lema 6.4 (Lema da unicidade de tipos a menos que conversão, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Se $\Gamma \vdash A : B_1$ e $\Gamma \vdash A : B_2$, então $B_1 =_\beta B_2$

Lema 6.5 (Lema da substituição, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Seja $\Gamma', x : A, \Gamma'' \vdash B : C$ e $\Gamma' \vdash D : A$, então $\Gamma', \Gamma''[x := D] \vdash B[x := D] : C[x := D]$

Esse lema fala que é possível substituir D em $\Gamma', x : A, \Gamma'' \vdash B : C$ caso D e $x : A$ possuam o mesmo tipo. Como tipos também podem possuir termos, essa substituição vai ocorer em todos os lugares.

Um teorema presente também em λC é o Teorema de Church-Rosser:

Teorema 6.1 (Teorema de Church-Rosser, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** A propriedade de Church-Rosser é válida para λC, ou seja, se M está em $\mathcal{E}$, $M \twoheadrightarrow_\beta N_1$ e $M \twoheadrightarrow_\beta N_2$, então existe um N_3 tal que $N_1 \twoheadrightarrow_\beta N_3$ e $N_2 \twoheadrightarrow_\beta N_3$

Corolário 6.1 ((NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Suponha que M e N estão em $\mathcal{E}$ e $M =_\beta N$, então existe um L tal que $M \twoheadrightarrow_\beta L$ e $N \twoheadrightarrow_\beta L$

Lema 6.6 (Redução de sujeito, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Se $\Gamma \vdash A : B$ e $A \twoheadrightarrow_\beta A'$, então $\Gamma \vdash A' : B$

Outro teorema muito importante que está presente em λC é o da normalização forte:

Teorema 6.2 (Teorema da Normalização Forte, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Todo termo legal M é fortemente normalizável

Finalmente, de um ponto de vista computacional, a questão que fica é saber se a Boa-tipagem e a checagem de tipos é decidível ou não em λC, e a resposta é sim:

Teorema 6.3 (Decidabilidade em λC, (NEDERPELT; GEUVERS, 2014))**.** Em λC e seus subsistemas, as questões de Boa-tipagem e Checagem de tipos são decidíveis

Logo, é possível desenvolver um *programa de computador* que resolve esses problemas automaticamente. Um desses programas é o *Provador de Teoremas* **Coq**.

A questão de Encontrar os termos só é decidível em $\lambda_{\rightarrow}$ e $\lambda\underline{\omega}$, mas indecidível nos outros sistemas.

Part II
Construções paralelas ao cubo

Part III
Semântica Categorial das teorias do cubo lambda

1 Introdução à Teoria das Categorias

A teoria das categorias é uma área de matemática que relaciona diversas áreas, como por exemplo, Teoria dos Grupos, Teoria dos Anéis, Topologia, Teoria dos Grafos, etc. Cada uma dessas teorias tem em comum a definição de seus objetos (Grupos, Anéis, Espaços topológicos, grafos) e formas de relacionar esses objetos (Homomorfismos de grupos, homomorfismos de aneis, homeomorfismos, homomorfismos entre grafos).

1.1 Categorias

Para estudar categorias, primeiro é necessário defini-las:

Definição 1.1 (Categoria, (AWODEY, 2010))**.** Uma *categoria* $\mathbf{C}$ consiste em:

- *Objetos*: $A, B, C, \ldots$
- *Setas* (Morfismos): $f, g, h, \ldots$
- Para cada seta f existem objetos:

  $$dom(f), cod(f)$$

  chamados de *domínio* e *contradomínio* de f. A escrita

  $$f : A \to B$$

  indica que $A = dom(f)$ e $B = cod(f)$
- Sejam setas $f : A \to B$ e $g : B \to C$ com:

  $$cod(f) = dom(g)$$

  existe uma seta $g \circ f : A \to C$ chamada de *composição* de f com g
- Para cada objeto A existe uma seta

  $$1_A : A \to A$$

  chamada de *seta identidade* de A

Esses dados precisam satisfazer os seguintes axiomas:

- (Associatividade) Sejam $f : A \to B$, $g : B \to C$ e $h : C \to D$ setas, então:

  $$h \circ (g \circ f) = (h \circ g) \circ f$$

- (Identidade) Seja $f : A \to B$ uma seta, então

  $$f \circ 1_A = f = 1_B \circ f$$

Para quaisquer objetos A e B em uma categoria C, a coleção de setas de A para B é escrito $Hom_C(A, B)$

Alguns exemplos de categorias são:

1. A categoria **Set** que possui conjuntos como objetos e funções como morfismos.

2. Os conjuntos ordenados descritos na Definição 1.31 também podem formar uma categoria junto com os mapeamentos monótonos descritos na Definição 1.32, chamada de **Pos**

3. Um monóide é um conjunto M equipado com uma operação binária $\cdot : M \times M \to M$ e um elemento unitário $e \in M$ tal que para todo $x, y, z \in M$:
$$x \cdot (y \cdot z) = (x \cdot y) \cdot z$$
e
$$e \cdot x = x = x \cdot e$$
. Por exemplo, o conjunto dos naturais $\mathbb{N}$, junto à operação de soma usual $+ : \mathbb{N} \times \mathbb{N} \to \mathbb{N}$, pode ser considerado um monoide, com o 0 como elemento unitário.
Dois monóides $(M, \cdot)$ e $(N, \star)$ podem ser relacionados através de um *homomorfismo* $\phi : M \to N$ tal que
$$\phi(x \cdot y) = \phi(x) \star \phi(y)$$
e
$$\phi(e_M) = e_N$$
A categoria que possui monóides como objetos e homeomorfismos como morfismos é denominada de **Mon**

4. Um grupo G é um monóide onde para todo $a \in G$ existe um elemento $b \in G$ tal que $a \cdot b = e$. b é chamado de *inverso* de a e é escrito como a^{-1}. Um homomorfismo ϕ entre dois grupos $(G, \cdot)$ e $(H, \star)$ obedece as duas condições para homomorfismos entre monóides mais a seguinte:
$$\phi(a^{-1}) = \phi(a)^{-1}$$
A categoria que possui monóides como objetos e homomorfismos como morfismos é denominada de **Grp**

5. ((RIEHL, 2017)) Um grupo G (e também um monóide) define uma categoria BG com um único objeto. Os elementos do grupo são seus morfismos e a composição é dada por $\cdot$. O elemento unitário $e \in G$ age como o morfismo identidade para o objeto único dessa categoria.
Por exemplo, para $(\mathbb{Z}, +)$, $e = 0$ e será representado por $0 : \mathbb{Z} \to \mathbb{Z}$. Sendo $1 : \mathbb{Z} \to \mathbb{Z}$ e $2 : \mathbb{Z} \to \mathbb{Z}$, então a composição $1 \circ 2$ é em $(\mathbb{Z}, +)$ equivalente a $1 + 2$ e $1 \circ 2 = 3$.

Definição 1.2 (Isomorfismos, (AWODEY, 2010))**.** Em qualquer categoria C, um morfismo $f : A \to B$ é chamado de *isomorfismo* se existe um morfismo $g : B \to A$ em C tal que
$$g \circ f = 1_A \text{ e } f \circ g = 1_B$$

g é chamado de inverso de f e, por ser único, pode ser denotado por f^{-1}. Os objetos A e B são ditos *isomórficos* e denotados por $A \cong B$

Exemplos:

1. Os isomorfismos em **Set** são bijeções

2. Os isomorfismos em **Grp** são os homomorfismos bijetivos

Definição 1.3 (Categorias pequenas, (AWODEY, 2010))**.** Uma categoria C é chamada de *pequena* se a coleção C_0 de objetos em C e a coleção C_1 de morfismos em C são conjuntos. Caso contrário, C é chamada de *grande*

Todas as categorias finitas são pequenas, assim como a categoria $Sets_{fin}$ de conjuntos finitos. Já a categoria **Sets** é grande (Pois caso a coleção de seus objetos fosse um conjunto, isso geraria o paradoxo de Russell)

Definição 1.4 (Categoria localmente pequena, (AWODEY, 2010))**.** Uma categoria C é chamada de *localmente pequena* se para quaisquer objetos X e Y em C, a coleção de morfismos $Hom_C(X,Y) = \{f \in C_1 | f : X \to Y\}$ é um *conjunto* (Chamado de *hom-set*)

1.2 Categorias novas das antigas

Dada a definição de categorias, é interessante analisar o que pode ser feito com uma categoria e como gerar novas categorias de categorias antigas

Definição 1.5 (Categoria oposta, (AWODEY, 2010))**.** A categoria *oposta* (ou "dual") C^{op} de uma categoria C possui os mesmos objetos que C, mas para cada morfismos $f : A \to B$ em C existe um morfismo $f : B \to A$ em C^{op}

A categoria oposta inverte todos os morfismos da categoria que parte. Então seja f^{op} o morfismo invertido, a composição na categoria oposta se torna: $f^{op} \circ g^{op} = (g \circ f)^{op}$

É interessante perceber que cada resultado na Teoria das Categorias terá um resultado dual ganho "de graça" ao fazer esse resultado nas categorias duais.

Também é possível ver que $(C^{op})^{op} = C$

Definição 1.6 (Categoria de setas, (ROSIAK, 2022))**.** Seja uma categoria C, definimos a *categoria de setas* de C, denotada por $C^{\to}$, tendo:

- Objetos: morfismos $A \xrightarrow{f} B$ de C

- Morfismos: a partir de um objeto de $C^{\to}$ $A \xrightarrow{f} B$ para outro $A' \xrightarrow{f'} B'$ um morfismo é um par $\langle A \xrightarrow{f} B, A' \xrightarrow{f'} B' \rangle$ de morfismos de C fazendo o diagrama

$$\begin{tikzcd} A \arrow[r, "h"] \arrow[d, "f"'] & A' \arrow[d, "f'"] \\ B \arrow[r, "k"'] & B' \end{tikzcd}$$

  comutar. Ou seja, $k \circ f = f' \circ h$ em C

A composição das setas é feita ao colocar quadrados comutativos lado a lado da seguinte forma:

$$\begin{tikzcd} A \arrow[r, "h"] \arrow[d, "f"'] & A' \arrow[r, "l"] \arrow[d, "f'"] & A'' \arrow[d, "f''"] \\ B \arrow[r, "k"'] & B' \arrow[r, "m"] & B'' \end{tikzcd}$$

tal que $\langle l, m\rangle \circ \langle h, k\rangle = \langle l \circ h, m \circ k\rangle$
A identidade de um objeto $A \xrightarrow{f} B$ é dado pelo par $\langle id_A, id_B\rangle$

Outro tipo de categoria de interesse é a categoria slice:

Definição 1.7 (Categoria Slice, (AWODEY, 2010))**.** A categoria slice $\mathbf{C}/C$ de uma categoria $\mathbf{C}$ sobre um objeto $C \in \mathbf{C}$ possui:

- Objetos: todas as setas $f \in \mathbf{C}$ tal que $cod(f) = C$
- Morfismos: g de $f : X \to C$ e $f' : X' \to C$ é uma seta $g : X \to X'$ em $\mathbf{C}$ tal que $f' \circ g = f$ como no diagrama:

$$\begin{tikzcd} X \arrow[rr, "g"] \arrow[dr, "f"'] & & X' \arrow[dl, "f'"] \\ & C & \end{tikzcd}$$

A composição desses morfismos é basicamente a junção de desses triangulos

Também é possível definir a categoria $(C/\mathbf{C})$ chamada de categoria de co-slice, onde os objetos são setas f de $\mathbf{C}$ tal que $dom(f) = C$ e uma seta entre $f : C \to X$ e $f' : C \to X'$ é uma seta $h : X \to X'$ tal que $h \circ f = f'$ como no diagrama:

$$\begin{tikzcd} & C & \\ X \arrow[ur, "f"] \arrow[rr, "g"] & & X' \arrow[ul, "f'"'] \end{tikzcd}$$

Também é possível definir a noção de subcategoria:

Definição 1.8 (Subcategoria, (ROSIAK, 2022))**.** Uma categoria $\mathbf{D}$ dita *subcategoria* de $\mathbf{C}$ é obtida restringindo a coleção de objetos de $\mathbf{C}$ para uma subcoleção (Ou seja, todo $\mathbf{D}$-objeto é um $\mathbf{C}$-objeto) e a coleção de morfismos é obtida restringindo a coleção de morfismos de $\mathbf{C}$ onde:

- Se o morfismo $f : A \to B$ está em $\mathbf{D}$, então A e B estão em $\mathbf{D}$
- Se A está em $\mathbf{D}$, então também está o morfismo identidade id_A
- Se $f : A \to B$ e $g : B \to C$ estão em $\mathbf{D}$, então $g \circ f : A \to C$ também está

e também:

Definição 1.9 (Subcategoria cheia, (ROSIAK, 2022))**.** Seja **D** uma subcategoria de **C**. ENtão **D** é uma *subcategoria cheia* de **C** quando **C** não possui setas $A \to B$ além dos que já existem em **D**. Ou seja para quaisquer objetos A e B em **D**, **C**:

$$Hom_{\mathbf{D}}(A, B) = Hom_{\mathbf{C}}(A, B)$$

Exemplo:

- A categoria **FinSet** de conjuntos finitos é uma subcategoria de **Set**.
- Um grupo $(G, \cdot)$ é dito *abeliano*, ou comutativo, caso para quaisquer dois elementos $a, b \in G$, $a \cdot b = b \cdot a$. A categoria de grupos abelianos **Ab** é uma subcategoria (cheia) de **Grp**

Um produto de dois conjuntos A e B é dado por

$$A \times B = \{(a, b) | a \in A, b \in B\}$$

. O conjunto produto possui duas projeções:

$$\begin{tikzcd} A & A \times B \arrow[l, "\pi_1"'] \arrow[r, "\pi_2"'] & B \end{tikzcd}$$

tais que

$$\pi_1(a, b) = a, \quad \pi_2(a, b) = b$$

.

Dado um elemento $c \in A \times B$, tem-se que

$$c = (\pi_1 c, \pi_2 c)$$

capturado no seguinte diagrama:

$$\begin{tikzcd} & 1 \arrow[dl, "a"'] \arrow[d, dashed, "{(a,b)}"] \arrow[dr, "b"] & \\ A & A \times B \arrow[l, "\pi_1"] \arrow[r, "\pi_2"'] & B \end{tikzcd}$$

Para categorias gerais:

Definição 1.10 ((AWODEY, 2010))**.** Em uma categoria $\mathcal{C}$, um *diagrama de produto* para objetos A e B consiste de um objeto P e setas:

$$\begin{tikzcd} A & P \arrow[l, "p_1"'] \arrow[r, "p_2"'] & B \end{tikzcd}$$

Tais que para qualquer diagrama:

$$\begin{tikzcd} A & X \arrow[l, "x_1"'] \arrow[r, "x_2"'] & B \end{tikzcd}$$

existe uma seta única $u : X \to P$ fazendo o diagrama

$$\begin{tikzcd} & X \arrow[dl, "x_1"'] \arrow[d, dashed, "u"] \arrow[dr, "x_2"] & \\ A & P \arrow[l, "p_1"] \arrow[r, "p_2"'] & B \end{tikzcd}$$

comutar, ou seja $x_1 = p_1 u$ e $x_2 = p_2 u$

Seja $\mathcal{C}$ uma categoria com diagramas de produto para cada par de objetos, tem-se então:

$$\begin{tikzcd}
A \arrow[d, "f"'] & A \times A' \arrow[l, "p_1"'] \arrow[r, "p_2"] & A' \arrow[d, "f'"] \\
B & B \times B' \arrow[l, "q_1"] \arrow[r, "q_2"'] & B'
\end{tikzcd}$$

Então, pode-se encontrar um morfismo

$$f \times f' : A \times A' \to B \times B'$$

para $f \times f' = \langle f \circ p_1, f' \circ p_2 \rangle$ que faz os dois lados do seguinte diagrama comutarem:

$$\begin{tikzcd}
A \arrow[d, "f"'] & A \times A' \arrow[l, "p_1"'] \arrow[r, "p_2"] \arrow[d, dashed, "f \times f'"] & A' \arrow[d, "f'"] \\
B & B \times B' \arrow[l, "q_1"] \arrow[r, "q_2"'] & B'
\end{tikzcd}$$

Uma categoria que possui um produto para cada par de objetos é dita *ter produtos binários*. Essa construção também pode ser feita para produtos ternários e generalizada para produtos I-ários

1.3 Funtores

Sendo categorias estruturas que se iniciam com objetos e morfismos entre esses objetos, é natural se perguntar se existem morfismos entre categorias. Esses morfismos deveriam também manter a estrutura entre categorias, como por exemplo os morfismos entre grupos mantém a estrutura do grupo, mesmo que mudando-se os objetos e os morfismos internos à categoria. Esse tipo de morfismo entre categorias é chamado de *funtor* e definido da seguinte forma:

Definição 1.11 (Funtor, (AWODEY, 2010))**.** Um funtor $F : \mathcal{C} \to \mathcal{D}$ entre categorias $\mathcal{C}$ e $\mathcal{D}$ é um mapeamento de objetos em objetos e setas em setas tal que:

1. $F(f : A \to B) = F(f) : F(A) \to F(B)$
2. $F(g \circ f) = F(g) \circ F(f)$
3. $F(1_A) = 1_{F(A)}$

A primeira parte define que para cada objeto A em $\mathcal{C}$, existe um objeto correspondente $F(A)$ em $\mathcal{D}$. Também define que Funtores preservam os domínios e codomínios de cada morfismo.

$$
\begin{tikzcd}
A \arrow[r, "f"] \arrow[dr, "g \circ f"'] & B \arrow[d, "g"] \\
& C
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
F(A) \arrow[r, "F(f)"'] \arrow[dr, "F(g) \circ F(f)"'] & F(B) \arrow[d, "F(g)"'] \\
& F(C)
\end{tikzcd}
$$

$$
\begin{tikzcd}
\mathcal{C} \arrow[r, "F"'] & \mathcal{D}
\end{tikzcd}
$$

A segunda parte define que existindo uma composição de morfismos em $\mathcal{C}$, também existira uma composição correspondente em $mathcalD$.

A terceira parte define que as identidades também são preservadas.

Em algumas partes da matemática porém, os funtores não preservam a ordem dos morfismos. Os funtores que preservam como da regra 1 da parte anterior são chamados de *funtores covariantes*. É interessante também definir os funtores *contravariantes*:

Definição 1.12 (Funtor Contravariante, (AWODEY, 2010))**.** Um funtor da forma $F : \mathcal{C}^{op} \to \mathcal{D}$ é chamado de *funtor contravarinate* em $\mathcal{C}$. Ou seja, as regras se tornam:

1. Seja $f : A \to B$ em $\mathcal{C}$, então: $F(f : A \to B) : F(B) \to F(A)$
2. Seja $g \circ f$ em $\mathcal{C}$, então $F(g \circ f) = F(f) \circ F(g)$
3. $F(1_A) = 1_{F(A)}$

Um exemplo essencial de funtor contravariante são os *pré-feixes*, definidos da seguinte forma:

Definição 1.13 (Pré-feixe, (ROSIAK, 2022))**.** Um *pré-feixe* (com valor de conjunto) em $\mathcal{C}$, onde $\mathcal{C}$ é uma categoria pequena, é um funtor $\mathcal{C}^{op} \to \mathbf{Set}$

O pré-feixe pode ser visto como uma atribuição de dados locais de acordo com a estrutura de $\mathcal{C}$.

Uma vez definidos funtores, o próximo passo é se perguntar se existe uma categoria que usa funtores como morfismos entre seus objetos, e a resposta é que existe tal categoria, onde objetos são categorias, definida da seguinte forma:

Definição 1.14 (**Cat**, (ROSIAK, 2022))**.** A categoria de *categorias pequenas*, denotada por **Cat**, é a categoria que possui:

- objetos: categorias pequenas
- morfismos: funtores entre elas

Para demonstrar que essa é de fato uma categoria, é necessário definir um morfismo/funtor identidade e a ideia de composição entre morfismos/funtores.

Definição 1.15 ((ROSIAK, 2022))**.** Dada uma categoria $\mathcal{C}$, o *funtor identidade* é o funtor $id_{\mathcal{C}} : \mathcal{C} \to \mathcal{C}$ que faz o esperado: leva um objeto a ele mesmo e um morfismos a ele mesmo tal que:

- $id_{\mathcal{C}}(c) = c$
- $id_{\mathcal{C}}(f) = f$

Para a composição, sejam $\mathcal{C}$, $\mathcal{D}$ e $\mathcal{E}$ categorias pequenas, e $F : \mathcal{C} \to \mathcal{D}$ e $G : \mathcal{D} \to \mathcal{E}$ dois funtores, a composição de G com F, o funtor composição $G \circ F : \mathcal{C} \to \mathcal{E}$, é definido tal que para objetos c em $\mathcal{C}$, $(G \circ F)(c) = G(F(c))$ e para um morfismo $f : c \to c'$ em $\mathcal{C}$ $(G \circ F)(f) = G(F(f))$. Para definir que $G \circ F$ é um funtor é necessário pedir sua *funtorialidade*, ou seja, que ele obedeça às regras impostas na definição de funtores:

(1) Sejam f, g funtores em $\mathcal{C}$ tal que $g \circ f$ também está definido em $\mathcal{C}$, então:

$$\begin{aligned}(G \circ F)(g \circ f) &= G(F(g \circ f))\\ &= G(F(g) \circ F(f))\\ &= G(F(g)) \circ G(F(f))\\ &= (G \circ F)(g) \circ (G \circ F)(f)\end{aligned}$$

onde a primeira e a última linha são a definição da composição de funtores e o méio é a derivação dessa composição.

(2) Seja c qualquer objeto em $\mathcal{C}$, então:

$$\begin{aligned}(G \circ F)(1_c) &= G(F(1_C))\\ &= G(1_{F(c)})\\ &= 1_{G(F(c))}\\ &= 1_{(G \circ F)(c)}\end{aligned}$$

A seguir estão alguns exemplos de funtores:

1. Ao tratar monoides como categorias por si só, é interessante entender o que seria equivalente a funtores nesse caso. Normalmente, as relações entre monoides são *homomorfismos de monoides.* Sejam dois monoides $(M, e, \cdot)$ e $(N, e', \star)$, um homomorfismo $\phi : M \to N$ é um mapeamento tal que

   $$\phi(m \cdot m') = \phi(m) \star \phi(m')$$

   e

   $$\phi(e) = e'$$

   É possível ver que ϕ possui a estrutura de funtor entre monoides. ϕ seria contravariante se $\phi(m \cdot m') = \phi(m') \star \phi(m)$

2. Existe um funtor $Core : \mathbf{Mon} \to \mathbf{Grp}$ que pega um monoide e retorna um subconjunto desse monoide que possui elementos inversos, o que faz com que o monoide se torne um grupo, chamado de *cerne* (*Core*) do monoide.

3. Existe um funtor $U : \mathbf{Grp} \to \mathbf{Mon}$ chamado de *Forgetful functor* (Funtor esquecido) que pega um grupo e retorna o monoide correspondente, ”esquecendo” a estrutura a mais que caracteriza os grupos.

4. Outro funtor esquecido é U : **Cat** $\to$ **Grph** que pega cada categoria e retorna o grafo correspondente a ela. Um Grafo $G = (V, A, s, t)$ é composto de um conjunto de vertices V, um conjunto de arestas A que são direcionadas, e um par de funções $s, t : A \to B$ que codifica a direção das arestas ao assinalar a cada aresta $a \in A$ um inicio $s(a) \in V$ e um fim $t(a) \in V$.

A coleção de objetos de uma categoria $\mathcal{C}$ será denotada por $\mathcal{C}_0$ e a coleção de morfismos será denotada por $\mathcal{C}_1$ na próxima definição:

Definição 1.16 ((AWODEY, 2010))**.** Um funtor $F : \mathcal{C} \to \mathcal{D}$ é dito:

- *injetivo em objetos* se a parte de objetos $F_0 : \mathcal{C}_0 \to \mathcal{D}_0$ é injetiva, é *sobrejetora em objetos* se F_0 é sobrejetora
- De forma similar, F é *injetiva* (resp. *sobrejetora*) em *setas* se a parte de setas $F_1 : \mathcal{C}_1 \to \mathcal{D}_1$ é injetiva (resp. sobrejetora)
- F é dito *fiel* (Faithful) se, para todo $A, B \in \mathcal{C}_0$, o mapa $F_{A,B} : Hom_{\mathcal{C}}(A, B) \to Hom_{\mathcal{D}}(FA, FB)$ definido por $f : F(f)$ é injetivo
- Similarmente F é dito *cheio* (full) se $F_{A,B}$ é sempre sobrejetor

Exemplo: Seja o funtor esquecido U : **Grp** $\to$ **Set**. U_0 é basicamente o mapeamento dos conjuntos que forma o grupo para os próprios conjuntos, logo U_0 é injetivo e sobrejetor em objetos. U_1 mapeia os homomorfismos de grupo para as funções correspondentes. Mas dois homomorfismos de grupo com o mesmo domínio e codomínio são iguais se são dados pelas mesmas funções nos conjuntos internos. Porém, nem todas as funções em **Set** são mapeadas por homomorfismos, logo U_1 é injetivo em setas mas não sobrejetor em setas. Os motivos para dizer que U_1 é injetor em setas podem ser usados para mostrar que U é fiel.

1.4 Transformações Naturais

Uma vez tendo definido morfismos entre categorias, se torna possível pensar morfismos entre esses morfismos. No caso, morfismos entre funtores:

Definição 1.17 (Transformação Natural, (ROSIAK, 2022))**.** Sejam duas categorias $\mathcal{C}$ e $\mathcal{D}$ e funtores $F, G : \mathcal{C} \to \mathcal{D}$. Uma *Transformação Natural* $\alpha : F \Rightarrow G$ representado em relação a seus dados como: Consiste no seguinte:

- Para cada objeto $c \in \mathcal{C}$, um morfismo $\alpha_c : F(c) \to G(c)$ em $\mathcal{D}$ chamado de c-componente de α, a coleção do qual (para todo objeto em $\mathcal{C}$) define os *componentes* da transformação natural
- Para cada morfismo $f : c \to c'$ em $\mathcal{C}$ o seguinte quadrado de morfismos, chamado de *quadrado de naturalidade* de f, que deve comutar em $\mathcal{D}$:

$$\begin{tikzcd}
c \arrow[d, "f"'] & F(c) \arrow[r, "\alpha_c"'] \arrow[d, "F(f)"'] & G(c) \arrow[d, "G(f)"] \\
c' & F(c') \arrow[r, "\alpha_{c'}"'] & G(c')
\end{tikzcd}$$

A coleção de transformações naturais entre F e G é por vezes denotada por $Nat(F, G)$

É dito que morfismos em uma categoria possuem *naturalidade* quando possuem um comportamento parecido com o do *quadrado de naturalidade*, ou seja se $G(f) \circ \alpha_c = \alpha_{c'} \circ F(f)$.

Uma vez que as transformações naturais ajudam a comparar dois funtores entre si, é interessante saber quando os dois funtores são praticamente iguais. Para isso, vamos usar a seguinte definição:

Definição 1.18 (Isomorfismo natural, (ROSIAK, 2022))**.** Um *isomorfismo natural* é uma transformação natural $\alpha : F \Rightarrow G$ para qual todo componente $\alpha_c : F(c) \to G(c)$ em $\mathcal{D}$ é um isomorfismo (na categoria alvo). Ou seja, cada α_c possui um inverso $\alpha_c^{-1} : G(c) \to F(c)$ onde os inversos formam componentes de uma transformação natural α^{-1} de G para F.

Se α for um isomorfismo, usa-se a notação $\alpha : F \cong G$

Uma vez definida a equivalência entre funtores, é interessante definir equivalência entre categorias:

Definição 1.19 (equivalência de categorias, (ROSIAK, 2022))**.** Uma *equivalência de categorias* consiste de um par de funtores $F : \mathcal{C} \to \mathcal{D}$ e $G : \mathcal{D} \to \mathcal{C}$ junto com os isomorfismos naturais $\eta : id_{\mathcal{C}} \cong G \circ F$ e $\epsilon : F \circ G \cong id_{\mathcal{D}}$. Outro jeito de dizer isso é que os funtores são inversos entre si "até o isomorfismo natural de funtores". As categorias $\mathcal{C}$ e $\mathcal{D}$ são ditas *equivalentes* se existe uma equivalência de categorias entre elas, isso é denotado por $\mathcal{C} \simeq \mathcal{D}$

Uma construção interessante é a categoria de setas que possui funtores como objetos e transformações naturais como morfismos, definida como:

Definição 1.20 ((ROSIAK, 2022))**.** Para qualquer par fixo de categorias $\mathcal{C}$ e $\mathcal{D}$, pode-se formar uma *categoria de funtores* denotada por $\mathcal{D}^{\mathcal{C}}$ (Ou também $Fun(\mathcal{C}, \mathcal{D})$) que possui:

- objetos: todos os funtores de $\mathcal{C}$ para $\mathcal{D}$
- morfismos: todas as transformações naturais entre tais funtores

Para demonstrar o aspecto de morfismo das transformações naturais, é necessário definir a transformação natural identidade, dada simplismente por $id_F : F \Rightarrow F$, e a composição entre transformações naturais, dada pela seguinte definição:

Definição 1.21 ((ROSIAK, 2022))**.** Sejam $\alpha : F \Rightarrow G$ e $\beta : G \Rightarrow H$ transformações naturais entre os funtores paralelos F, G, H entre $\mathcal{C}$ e $\mathcal{D}$ como no seguinte diagrama: Existe uma transformação natural $\beta \circ \alpha : F \Rightarrow H$, definida em cada componente como: $(\beta \circ \alpha)_c := \beta_c \circ \alpha_c$ dada pela composição de β e α.

Esse estilo de composição é denominado de *compisição vertical*

Já a composição horizontal denotada pelo simbolo $\diamond$ dado por $\beta \diamond \alpha : F_2 \circ F_1 \Rightarrow G_2 \circ G_1$, os quais cada componente em c de $\mathcal{C}$ é definido como o composto do seguinte diagrama comutativo:

1.5 Limites

Antes de definir limites, é necessário definir o que são diagramas em uma categoria:

Definição 1.22 (Diagrama, (RIEHL, 2017))**.** Um *Diagrama* em uma categoria $\mathcal{C}$ é um funtor $F : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ que possui como domínio, chamado de *Categoria Índice* ou *template*, uma categoria pequena

Um diagrama é normalmente pensado como um grafo orientado. Um diagrama pode ser pensado como a instanciação ou realização em $\mathcal{C}$ de um template específico $\mathcal{J}$.

Seja

$$\begin{tikzcd} & \bullet \arrow[dr] & \\ \bullet \arrow[ur] \arrow[rr] & & \bullet \end{tikzcd}$$

O template do seguinte diagrama:

$$\begin{tikzcd} & B \arrow[dr] & \\ A \arrow[ur] \arrow[rr] & & C \end{tikzcd}$$

na categoria $\mathcal{C}$. Seja qualquer objeto X em $\mathcal{C}$, existe um *Funtor constante* denotado também por X que leva todo objeto para X e todo morfismo para a seta identidade em X. Então X é, em si, um diagrama $X : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$.

Como X e F são dois funtores, então vai pode ser construida uma transformação natural entre eles. Essa tranformação natural vai consistir na coleção de morfismos em X e objetos encontrados no diagrama F tal que esses morfismos comutam com os morfismos encontrados no diagrama. Quando esses morfismos vão de X para F, a construção é chamada de *Cone* e, no exemplo é da seguinte forma:

Já indo os morfismos de F para X, essa construção é chamada de *Cocone* e, seguindo o exemplo anterior, é da seguinte forma:

Um limite em um diagrama F é um caso especial de cone sobre F, onde o cone se aproxima o máximo possível do diagrama F.

Para definir um limite, é necessário fazer algumas definições primeiro:

Definição 1.23 (Objetos terminais e iniciais, (AWODEY, 2010))**.** Em uma categoria $\mathcal{C}$, um objeto

- 0 é dito *inicial* se para qualquer objeto C de $\mathcal{C}$ existe um morfismo único

$$0 \to C$$

- 1 é dito *terminal* se para qualquer objeto C existe um morfismo único

$$C \to 1$$

Proposição 1.1 ((AWODEY, 2010))**.** Objetos iniciais (terminais) são únicos a menos que isomorfismo

Prova: Se C e C' são ambos iniciais (finais), então existe um isomorfismo *único* $C \to C'$.

Sejam 0 e $0'$ ambos objetos iniciais e seja o seguinte diagrama:

$$\begin{tikzcd}
0 \arrow[r, "u"] \arrow[dr, "1_0"] & 0' \arrow[d, "v"] \arrow[dr, "1_{0'}"] & \\
& 0 \arrow[r, "u"] & 0'
\end{tikzcd}$$

é possível ver que $u \circ v = 1_0$ e $v\ circu = 1_{0'}$, logo eles são unicamente isomórficos. □

Exemplos:

- Em **Sets**, o conjunto vazio é o conjunto inicial e o conjunto unitário é o conjunto terminal. Ou seja, **Sets** possui um único conjunto inicial mas vários conjuntos terminais.
- Em **Cat**, a categoria **0** (com nenhum objeto nem nenhum morfismo) é inicial, enquanto a categoria **1** é terminal.
- Em **Grp** o grupo com único elemento é tanto inicial quanto terminal, assim como em **Mon**

Seja $t : \mathcal{J} \to \mathbf{1}$ o funtor único para a categoria terminal. Seja uma categoria $\mathcal{C}$ com um objeto $X \in Ob(\mathcal{C})$. Esse objeto pode ser representado pelo funtor $X : \mathbf{1} \to \mathcal{C}$. Então fazendo a composição de X em t, tem-se $X \circ t : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ que da o *funtor constante* em X, que envia cada objeto em $\mathcal{J}$ para o mesmo $\mathcal{C}$-objeto X e cada morfismo em $\mathcal{J}$ para a identidade 1_X naquele objeto. Ou seja, essa composição induz um funtor $[C \cong Fun(\mathbf{1}, \mathcal{C})] \to Fun(\mathcal{J}, \mathcal{C})$ denotado por $\Delta_t : \mathcal{C} \to Fun(\mathcal{J}, \mathcal{C}) = \mathcal{C}^{\mathcal{J}}$. No total, isso dá $\Delta : C \to \mathcal{C}^{\mathcal{J}}$ que leva cada objeto X para o funtor constante em X e cada morfismo $f : X \to Y$ à *transformação natural constante*. Seja $f : X \to Y$ em $\mathcal{C}$, então existe uma transformação natural $\Delta(X) \xrightarrow{\Delta(f)} \Delta(Y)$ tal que:

$$\begin{tikzcd}
(\Delta X)(i) \arrow[r, "(\Delta f)(i)"] \arrow[d, "(\Delta X)(e)"'] & (\Delta Y)(i) \arrow[d, "(\Delta Y)(e)"] & i \arrow[d, "e"'] \\
(\Delta X)(j) \arrow[r, "(\Delta f)(j)"'] & (\Delta Y)(j) & j
\end{tikzcd}$$

comuta para cada aresta e da categoria índice $\mathcal{J}$. Mas como Δ leva para o funtor constante, que leva os objetos neles prórios, então os objetos nesse diagrama se reduzem a:

$$\begin{tikzcd}
X \arrow[r, "(\Delta f)(i)"] \arrow[d, "1_X"'] & Y \arrow[d, "1_Y"] \\
X \arrow[r, "(\Delta f)(j)"'] & Y
\end{tikzcd}$$

que obviamente comuta.

Considerando um $\mathcal{J}$-diagrama qualquer $F : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ e para cada $X \in \mathcal{C}$, as setas (que são transformações naturais):

$$\Delta X \to F \qquad F \to \Delta X$$

Então uma seta em $\mathcal{C}^{\mathcal{J}}$ que corresponde a essas setas é somente uma transformação natural, ou seja uma familia de setas em $\mathcal{C}$,

$$(\Delta X)(i) \xrightarrow{\xi(i)} F(i) \qquad F(i) \xrightarrow{\xi(i)} (\Delta X)(i)$$

indexada pelos vários objetos ou nós em $\mathcal{J}$ e tais que:

$$\begin{tikzcd}
(\Delta X)(i) \arrow[r, "\xi(i)"] \arrow[d, "(\Delta X)(e)"'] & F(i) \arrow[d, "F(e)"] \\
(\Delta X)(j) \arrow[r, "\xi(j)"'] & F(j)
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
i \arrow[d, "e"'] \\
j
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
F(i) \arrow[r, "\xi(i)"] \arrow[d, "F(e)"'] & (\Delta X)(i) \arrow[d, "(\Delta X)(e)"] \\
F(j) \arrow[r, "\xi(j)"'] & (\Delta X)(j)
\end{tikzcd}$$

Ou, fazendo a mesma redução anterior:

$$\begin{tikzcd}
X \arrow[r, "\xi(i)"] \arrow[d, "id_X"'] & F(i) \arrow[d, "F(e)"] \\
X \arrow[r, "\xi(j)"'] & F(j)
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
i \arrow[d, "e"'] \\
j
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
F(i) \arrow[r, "\xi(i)"] \arrow[d, "F(e)"'] & X \arrow[d, "id_X"] \\
F(j) \arrow[r, "\xi(j)"'] & X
\end{tikzcd}$$

Mas isso se reduz aos seguintes triangulos comutativos:

$$\begin{tikzcd}
& F(i) \arrow[dd, "F(e)"] \\
X \arrow[ur, "\xi(i)"] \arrow[dr, "\xi(j)"'] & \\
& F(j)
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
i \arrow[dd, "e"'] \\
\\
j
\end{tikzcd}
\qquad
\begin{tikzcd}
F(i) \arrow[dd, "F(e)"'] & \\
& X \arrow[ul, "\xi(i)"'] \arrow[dl, "\xi(j)"] \\
F(j) &
\end{tikzcd}$$

As transformações naturais representadas pelos triangulos na esquerda dão *soluções esquerdas* ao diagrama em $\mathcal{C}$, as vezes chamadas de *Cones acima* do diagrama F com vertice *cume* em X. As transformações naturais representada pelos triangulos a direita dão as *soluções direitas* para o diagrama, também chamadas de *Cocones abaixo* do diagrama F com *nadir* (ponto mais baixo) em X.

Com isso, é possível definir a categoria de cones, onde um objeto na categoria de cones sobre F será um cone acima de F, com algum cume, enquanto o morfismo de um cone $\xi : X \Rightarrow F$ para um cone $\mu : Z \Rightarrow F$ é um morfismo $f : X \to Z$ em $\mathcal{C}$ tal que para cada indice $j \in \mathcal{J}$, $\mu_j \circ f = \xi_j$, ou seja, um mapa entre cumes tal que cada perna do cone domínio é fatorado através da perna correspondente do cone codominio.

A categoria de cones pode ser vista como a categoria slice Δ/F.

Usando essas noções, é possível definir o *limite* de F em termos do cone universal, onde um cone $\alpha : L \to F$ com vertice L é universal em respeito a F caso para cada cone $\Delta X \to F$ existe um mapa único $g : \Delta X \to L$ tal que o diagrama:

Comuta. Em uma definição formal:

Definição 1.24 ((AWODEY, 2010))**.** Um *limite* para o diagrama $F : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ é um objeto terminal lim$F$ na categoria de cones em F, denotada por **Cone**(F). Se $\mathcal{J}$ for finito, o limite é chamado de *limite finito*

De forma dual, na categoria dos cocones **CoCones**(F) o cocone universal surge como *colimite* do diagrama F, denotado por colim$F$:

Definição 1.25 ((ROSIAK, 2022))**.** O *colimite* do diagrama $F : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ é um objeto colim$F$ em $\mathcal{C}$ junto com uma transformação natural $\epsilon : F \Rightarrow \text{colim}F$ que satisfaz que para qualquer objeto X e qualquer transformação natural $\beta : F \Rightarrow X$ existe um morfismo único $h : \text{colim}F \to X$ tal que $\beta = h \circ \epsilon$

Exemplos de limites:

Em **Set**, o limite do diagrama discreto consistindo de conjuntos $X_1, X_2, \ldots,$ é o *Produto cartesiano* $\Pi_{i \in I} x_i$, onde essa construção vem com mapas projetivos $\pi_i : \Pi_{i \in I} X_i \to X_i$ para cada fator.

Seja o diagrama na forma:

$$\begin{tikzcd}
 & \bullet \arrow[d] \\
\bullet \arrow[r] & \bullet
\end{tikzcd}$$

em uma categoria $\mathcal{C}$, o limite de um diagrama de tal formato é chamado de *pullback* (ou *produto fibrado*), consistindo de um objeto junto com morfismos que satisfazem essa propriedade universal. De forma formal:

Definição 1.26. (AWODEY, 2010) Em uma categoria $\mathcal{C}$, um *pullback* de setas f, g com $cod(f) = cod(g)$

$$\begin{tikzcd}
 & B \arrow[d, "f"'] \\
A \arrow[r, "f"] & C
\end{tikzcd}$$

consiste de setas

$$\begin{tikzcd}
P \arrow[r, "\pi_1"'] \arrow[d, "\pi_2"'] & B \\
A &
\end{tikzcd}$$

tais que $f\pi_1 = g\pi_2$, ou seja o diagrama

$$\begin{tikzcd}
P \arrow[r, "\pi_1"'] \arrow[d, "\pi_2"'] & B \arrow[d, "g"] \\
A \arrow[r, "f"'] & C
\end{tikzcd}$$

comuta.

E também π_1 e π_2 são universais com essa propriedade. Ou seja sendo quaisquer $z_1 : Z \to A$ e $z_2 : Z \to B$, com $fz_1 = gz_2$, então existe um morfismo único

$$u : Z \to P$$

com $z_1 = \pi_1 u$ e $z_2 = \pi_2 u$. O diagrama equivalente é:

$$\begin{tikzcd}
Z \arrow[dr, dashed] \arrow[drr, "z_2"] \arrow[ddr, "z_1"'] & & \\
& P \arrow[r, "\pi_2"] \arrow[d, "\pi_1"'] & B \arrow[d, "g"] \\
& A \arrow[r, "f"'] & C
\end{tikzcd}$$

Considerando um poset como uma categoria, um diagrama pullback:

$$\begin{tikzcd}
& q \arrow[d, "\leq"] \\
p \arrow[r, "\leq"'] & r
\end{tikzcd}$$

será dado por um elemento l, com $l \leq p$ e $l \leq q$, tais que para qualquer elemento s que também $s \leq p$ e $s \leq q$, tem-se que $s \leq l$:

$$\begin{tikzcd}
s \arrow[dr, dashed, "\leq"'] \arrow[drr, "\leq"] \arrow[ddr, "\leq"'] & & \\
& l \arrow[r, "\leq"] \arrow[d, "\leq"'] & q \arrow[d, "\leq"] \\
& p \arrow[r, "\leq"'] & r
\end{tikzcd}$$

Ou seja, l é a *maior cota inferior* de p e q

Para **Sets** existem várias formas de construir pullbacks ((ROSIAK, 2022)):

- Seja $Z = \{*\}$ um conjunto unitário. ENtão como $\{*\}$ é o objeto terminal em **Sets**, tanto $X \xrightarrow{f} \{*\}$ e $Y \xrightarrow{g} \{*\}$ são funções únicas que levam tudo para $\{*\}$. O pullback de tal diagrama seria todos os pares (x, y) tais que tanto x e y são enviados para $\{*\}$ pelas funções únicas f e g, mas como não existem pares que satisfaçam esse requisito, é possível recuperar *todos* os pares (x, y) fazendo o pullback um diagrama que possui o conjunto inteiro $X \times Y$, chamado de produto cartesiano binário.

- Agora seja $Y = \{*\}$, enquanto Z é qualquer conjunto. Uma função $\{*\} \xrightarrow{g} Z$ só pega um elemento $z \in Z$. Então, para qualquer função $X \xrightarrow{f} Z$, o pullback será o subconjunto de elementos em X que são enviados para z através de f, recuperando a *pre-imagem* (ou *fibra*) de f em g.

- Agora sejam X e Y subconjuntos de Z, fazendo que f e g sejam inclusões, da forma:

$$\begin{tikzcd} & Y \arrow[d, hook, "g"] \\ X \arrow[r, hook, "f"'] & Z \end{tikzcd}$$

  Nesse caso, o pullback vai consistir em pares (x, y) tais que x e y são *iguais* na inclusão em Z. Ou seja, o pullback consiste em elementos $x = y$ de X que também estão em Y. Isso é a construção da *interseção* $X \cap Y$

Seja um diagrama da forma

$$\bullet \longleftarrow \bullet \longleftarrow \bullet \qquad \dots$$

Em uma categoria $\mathcal{C}$, o limite de tal diagrama é chamado de *limite inverso*. Esse limite possui um objeto junto com os morfismos daquele objeto para cada $\bullet$ tal que todos os triangulos resultantes comutem e a propriedade universal do limite seja satisfeita.

Sejam $X_1, X_2, \dots$ objetos em $\mathcal{C}$, então o limite inverso, denotado $\underset{\leftarrow}{lim} X_i$ do diagrama

$$\begin{tikzcd} X_1 & X_2 \arrow[l, "f_1"'] & X_3 \arrow[l, "f_2"'] & \dots \end{tikzcd}$$

seria um objeto que mapeia em cada X_i na forma:

$$\begin{tikzcd} & \underset{\leftarrow}{lim} X_i \arrow[dl] \arrow[d] \arrow[dr] & & \\ X_1 & X_2 \arrow[l, "f_1"'] & X_3 \arrow[l, "f_2"'] & \dots \end{tikzcd}$$

Em **Set**, esse seria um subconjunto $\underset{\leftarrow}{lim} X_i$ do produto $\prod_{i \in I} X_i$ contendo todas as sequências $(x_1, x_2, x_3, \dots)$ onde o i-ésimo fator é tal que $f_i(x_{i+1}) = x_i$

Exemplo ((ROSIAK, 2022)): Seja um diagrama indexado por uma categoria consistindo de dois objetos e dois morfismos paralelos não identidade,

$$\bullet \rightrightarrows \bullet$$

Um diagrama em $\mathcal{C}$ de tal forma é um par de morfismos

$$\begin{tikzcd} X \arrow[r, shift left, "f"] \arrow[r, shift right, "g"'] & Y \end{tikzcd}$$

em $\mathcal{C}$. Um cone com cume C consiste em de pares de morfismos $h : C \to X$ e $i : C \to Y$ tais que $f \circ h = i$ e $g \circ h = i$ junto com $f \circ h = g \circ h$. Ou seja, um cone acima desse par é um morfismo $h : C \to X$ tal que $f \circ h = g \circ h$.

A partir disso, é possível definir um objeto E junto com $e : E \to X$, chamado de *equalizador* de f e g, como a seta universal com a mesma propriedade, ou seja, $f \circ e = g \circ e$. Essa propriedade universal aponta que dado qualquer $h : C \to X$ tal que $f \circ h = g \circ h$ existe uma seta única $k : C \to E$ que fatora o morfismo h através de e tal que $e \circ k = h$ como no diagrama:

$$\begin{tikzcd} C \arrow[d, dashed, "k"'] \arrow[dr, "h"] & & \\ E \arrow[r, "e"] & X \arrow[r, shift left, "f"] \arrow[r, shift right, "g"'] & Y \end{tikzcd}$$

Em **Set**, o equalizador de f e g é o subconjunto de elementos de X para os quais as duas funções coincidem:

$$E = Eq(f, g) := \{x \in X | f(x) = g(x)\}$$

A seguinte definição mostra quando é possível "cancelar" setas em um lado:

Definição 1.27 (monomorfismo, (ROSIAK, 2022))**.** Um morfismo $i : B \to C$ em uma categoria é chamado de *monomorfismo* (ou morfismo *mônico*) se para qualquer A com morfismos paralelos f e g tais que:

$$\begin{tikzcd} A \arrow[r, shift left, "f"] \arrow[r, shift right, "g"'] & B \arrow[r, "i"'] & C \end{tikzcd}$$

$i \circ f = i \circ g$ implica que $f = g$

monomorfismos generalizam a noção de funções injetoras em **Set**.

Proposição 1.2 ((AWODEY, 2010))**.** Em qualquer categoria, se $e : E \to A$ é um equalizador de um par de setas, então e é mônico

Prova: Considere o diagrama:

$$\begin{tikzcd} E \arrow[r, "e"'] & A \arrow[r, shift left, "f"] \arrow[r, shift right, "g"'] & B \\ Z \arrow[u, shift left, "x"] \arrow[u, shift right, "y"'] \arrow[ur, "z"] & & \end{tikzcd}$$

onde e é equalizador de f e g. Suponha que $ex = ey$, o que quer se mostrar é que $x = y$. Para isso, vamos usar a comutatividade do diagrama triangular. Seja $z = ex = ey$, então $fz = fex = gex = gz$, então existe um morfismo único $u : Z \to E$ tal que $eu = z$. Mas $ex = z$ e $ey = z$, então se segue que $x = u = y$. $\square$

Definição 1.28 ((AWODEY, 2010))**.** Para mapas r e s, em qualquer categoria, r é chamado de *retração* de s caso $r \circ s$ for um mapeamento identidade. Nessa situação, s é chamado de *seção* de r

Exemplos de colimites

Em **Set**, o colimite de um diagrama discreto consistindo de conjuntos $X_1, X_2, \dots$ é a *união disjunta* $\sqcup_{i \in I} X_i$, construida a partir de funções injetivas de cada X_i no conjunto coproduto $X = \sqcup_{i \in I} X_i$. Se os conjuntos são disjuntos par a par, a união disjunta se torna a união padrão $\cup$.

Em um poset, o colimite de um diagrama discreto é o seu *supremo* (ou *menor cota superior*) $\bigvee_{i \in I} p_i$.

O dual de limites inversos são *limites diretos*, que são o colimite do diagrama indexado pela categorial ordinal ω. Ou seja, para o diagrama

$$X_1 \longrightarrow X_2 \longrightarrow X_3 \longrightarrow X_4 \longrightarrow \dots$$

seu colimite é o limite direto $\underset{\rightarrow}{lim} X_n$, que define o diagrama de forma $\omega + 1$:

$$\begin{tikzcd}
X_1 \arrow[r] \arrow[drrr] & X_2 \arrow[r] \arrow[drr] & X_3 \arrow[r] \arrow[dr] & X_4 \arrow[r] \arrow[d] & \dots \arrow[dl] \\
& & & \underset{\rightarrow}{lim} X_n &
\end{tikzcd}$$

O colimite de uma sequência de conjuntos formada por inclusões:

$$X_1 \hookrightarrow X_2 \hookrightarrow X_3 \hookrightarrow X_4 \hookrightarrow \dots$$

é a sua união $\bigcup_{n \geq 0} X_n$

Definição 1.29 (Coequalizador, (AWODEY, 2010))**.** Sejam duas setas paralelas $f, g : A \to B$ em uma categoria $\mathcal{C}$, um *coequalizador* consiste de Q e $q : B \to Q$ universais com a propriedade $qf = qg$ como no diagrama:

$$\begin{tikzcd}
A \arrow[r, shift left, "f"] \arrow[r, shift right, "g"'] & B \arrow[r, "q"] \arrow[dr, "z"'] & Q \arrow[d, dashed, "u"] \\
& & Z
\end{tikzcd}$$

Ou seja, dado qualquer objeto Z e $z : B \to Z$, se $zf = zg$, então existe um morfismo único $u : Q \to Z$ tal que $uq = z$

Em **Set**, o coequalizador de duas funções $f, g : X \to Y$ é o *quociente* de Y pela menor relação de equivalência $\sim$ tal que para todo $x \in X$, $f(x) \sim g(x)$

Definição 1.30 ((ROSIAK, 2022))**.** $f : X \to Y$ é dito *epimorfismo* (ou somente *epi*) se para todo B e morfismos $h, h' : Y \to B$,

$$\begin{tikzcd}
X \arrow[r, "f"] & Y \arrow[r, shift left, "h"] \arrow[r, shift right, "h'"'] & B
\end{tikzcd}$$

$h \circ f = h' \circ f$ implica que $h = h'$

Epimorfismos podem ser vistos como generalizações das funções sobrejetoras em **Set**.

Proposição 1.3 ((AWODEY, 2010))**.** se $q : B \to Q$ é um coequalizador de um par de setas, então q é epi.

Definição 1.31 ((ROSIAK, 2022))**.** Seja $\mathcal{C}$ uma categoria e seja $F : \mathcal{C} \to \mathbf{Set}$ um funtor covariante. Então a *categoria de elementos* de F denotada $\int_{\mathcal{C}} F$ (ou somente $\int F$ se o contexto for claro) é definida:

- $Ob(\int F) = \{(c, x) | c \in \mathcal{C}, x \in F(c)\}$
- $Hom_{\int F}((c, x), (c', x')) = \{f : c \to c' | F(f)(x) = x'\}$

De forma dual, para o caso contravariante: para $F : \mathcal{C}^{op} \to \mathbf{Set}$, a *categoria de elementos* de F denotada $\int_{\mathcal{C}^{op}} F$ (ou somente $\int F$) é definida por:

- $Ob(\int F) = \{(c, x) | c \in \mathcal{C}, x \in F(c)\}$
- $Hom_{\int F}((c, x), (c', x')) = \{f : c \to c' | F(f)(x') = x\}$

Associado com essa construção estão os funtores $\pi_F : \int F \to \mathcal{C}$, chamados de *funtores de projeção*, que mandam cada objeto $(c, x) \in Ob(\int F)$ para o objeto $c \in Ob(\mathcal{C})$ ou $Ob(\mathcal{C}^{op})$ e cada morfismo $f : (c, x) \to (c', x')$ para o morfismo $f : c \to c'$.

Definição 1.32. Para qualquer classe de diagramas $K : \mathcal{J} \to \mathcal{C}$ em $\mathcal{C}$, um funtor $F : \mathcal{D} \to \mathcal{C}$ *preserva limites* se para qualquer diagrama K e cone limite sobre K, a imagem desse cone sob a ação do funtor definite um cone limite sobre o diagrama composto $F \circ K : \mathcal{J} \to \mathcal{D}$.

Definição 1.33 ((ROSIAK, 2022))**.** Um funtor é dito (co)*continuo* se ele preserva dos os (co)*limites* pequenos

1.6 Categorias Cartesianas Fechadas

1.6.1 Exponenciais

Primeiro, é necessário uma digreção dentro da categoria dos conjuntos.

Seja a função entre conjuntos

$$f(x, y) : A \times B \to C$$

escrita usando variáveis $x \in A$ e $y \in B$.

Se $a \in A$ for mantido constante, então tem-se a função

$$f(a, y) : B \to C$$

e então o elemento

$$f(a, y) \in C^B$$

do conjunto C^B de todas as funções de B para C.

Se a for variado, então pode-se criar outra função

$$\bar{f} : A \to C^B$$

que leva como parâmetro a para a função $f_a(y) : B \to C$.

A relação entre essas funções pode ser determinada pela seguinte equação:

$$\bar{f}(a)(b) = f(a, b)$$

Ou seja, existe um isomorfismo entre conjuntos:

$$Sets(A \times B, C) \cong Sets(A, C^B)$$

Ou seja, existe uma correspondência bijetiva entre essas funções mediada por uma operação de *avaliação* (*evaluation*):

$$eval : C^B \times B \to C$$

dada por:

$$eval(g, b) = g(b)$$

É possível definir exponênciais em qualquer categoria na seguinte forma:

Definição 1.34 ((AWODEY, 2010))**.** Seja a categoria $\mathcal{C}$ que possui produtos binários. Um *exponencial* de objetos B e C de $\mathcal{C}$ consiste em um objeto

$$C^B$$

e uma seta

$$\epsilon : C^B \times B \to C$$

tal que, para todo objeto Z e seta $f : Z \times B \to C$ existe uma seta única

$$\bar{f} : Z \times C^B$$

tal que

$$\epsilon \circ (\bar{f} \times 1_B) = f$$

como no diagrama:

$$\begin{tikzcd}
C^B & C^B \times B \arrow[r, "\epsilon"] & C \\
Z \arrow[u, "\bar{f}"] & Z \times B \arrow[u, "\bar{f} \times 1_B"] \arrow[ur, "f"'] &
\end{tikzcd}$$

1.6.2 Categorias Cartesianas Fechadas

Definição 1.35 ((AWODEY, 2010))**.** Uma categoria $\mathcal{C}$ é dita ter *todos os produtos finitos* se ele possui um objeto terminal e todos os produtos binários (e também produtos de qualquer cardinalidade finita). A categoria $\mathcal{C}$ possui *todos os produtos pequenos* se todo conjunto de objetos em $\mathcal{C}$ possui produtos

Com isso, é possível definir categorias cartesianas fechadas da seguinte forma:

Definição 1.36 ((AWODEY, 2010))**.** Uma categoria é chamada *cartesiana fechada* se possui todos os produtos finitos e exponenciais

Part IV

Teorias Homotópicas de Tipos

Part V

Semântica Categorial das teoria homotópicas de tipos

Part VI
Lógica

Part VII
Apêndices

1 Apêndice Histórico

Esse apêndice histórico serve como uma forma do leitor se localizar nos fatos mais importantes para as áreas do livro. Cada fato vêm com um parentese antes para definir para qual área, ou áreas, o fato é relevante

- 1984 - (HoTT, ∞-cats) - Publicação por Grothendieck do seu *Esquisse d'un Programme* (Esboço de um programa) onde ele publica a **Hipótese da Homotopia** de que os n-tipos homotópicos podem ser equivalentes ao n-grupoide, com $n \in \mathbb{N} \cup \{\infty\}$

- 1991 - (HoTT, ∞-cats) - Kapranov e Voevodsky publicam uma prova de que a categoria homotópica dos espaços é equivalente à categoria homotópica dos ∞-grupoides fracos (Hipótese da homotopía para $n = \infty$). Essa prova possuia uma falha e essa falha foi a motivação para que Voevodsky desenvolvesse a Homotopy Type Theory

- 1998 - (∞-cats) - Carlos Simpson publica um artigo que possua um contraexemplo ao resultado principal do artigo de 1991 de Kapranov-Voevodsky

References

AWODEY, S. **Category theory**. Oxford: OUP Oxford, 2010.

NEDERPELT, R.; GEUVERS, H. **Type theory and formal proof: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

RIEHL, E. **Category theory in context**. Nova Iorque: Courier Dover Publications, 2017.

ROSIAK, D. **Sheaf theory through examples**. Cambridge: MIT Press, 2022.